



**Paulo Samuel Albrecht**

**Filipe Melanchthon (1497-1560):**

**Vida, Teologia e Figura do Outro**

**Reformador de Wittenberg**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação  
em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Luís Corrêa Lima

Rio de Janeiro

Abril de 2013



**Paulo Samuel Albrecht**

**Filipe Melanchthon (1497-1560): Vida, Teologia e  
Figura do Outro Reformador de Wittenberg**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de  
Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio. Aprovada  
pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof. Luís Corrêa Lima**

Orientador

Departamento de Teologia - PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup>. Lúcia Pedrosa de Pádua.**

Departamento de Teologia - PUC-Rio

**Prof. Wilhelm Wachholz**

EST

**Prof<sup>a</sup>. Denise Berruezo Portinari**

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do  
Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 5 de abril de 2013

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

### **Paulo Samuel Albrecht**

Graduou-se em teologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), em 2004. Pesquisa história da igreja, especialmente o período reformatório. É pastor evangélico luterano desde 2007 no bairro de Copacabana, Rio de Janeiro.

#### Ficha Catalográfica

Albrecht, Paulo Samuel

Filipe Melancthon (1497-1560): vida, teologia e figura do outro reformador de Wittenberg / Paulo Samuel Albrecht ; orientador: Luís Corrêa Lima. – 2013.

116 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2013.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Filipe Melancthon (1497-1560). 3. Reforma protestante. 4. Século XVI . 5. Teologia de Melancthon. I. Lima, Luís Corrêa. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

## Agradecimentos

Ao meu orientador, *Dr. Luís Corrêa Lima*, pela parceria e estímulo na realização deste trabalho.

À *CAPES* e à *PUC-Rio*, pelos auxílios recebidos, que tornaram possível a conclusão desta obra.

Aos meus *Pais*, que me ensinaram as Sagradas Letras.

À minha amada esposa, *Mônia*, cujo apoio e incentivo em todos os momentos foram fundamentais em todas as etapas deste trabalho.

## Resumo

Albrecht, Paulo Samuel; Lima, Luís Corrêa. **Filipe Melanchthon (1497-1560): Vida, Teologia e Figura do Outro Reformador de Wittenberg.** Rio de Janeiro, 2013. 116p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho procura resgatar a importante contribuição de Filipe Melanchthon para o movimento reformatório europeu do século XVI, trazendo uma biografia de sua vida e carreira, abordando aspectos centrais de sua teologia e a como eles também ajudaram a moldar o discurso reformatório a partir de Wittenberg para toda a Europa. De maneira especial, enfatiza-se a historiografia de Melanchthon desde a época da Reforma, procurando desfazer-se rótulos e juízos de valor infundados sobre a sua pessoa, especialmente no que se refere a ser considerado um auxiliar sem grandes contribuições originais ou, pior ainda, um traidor da causa luterana. Busca-se, ainda, apontar para os novos rumos atuais da pesquisa teológica sobre a sua pessoa na Europa e nos Estados Unidos, com o intuito de estimular a pesquisa sobre este assunto também no Brasil. Ao final, verifica-se que a Melanchthon foi destinada uma posição obscura na pesquisa histórica do movimento reformatório europeu, o que não condiz com a grandeza e a importância de suas contribuições para aquela época e também daquilo que pode servir de estímulo ao refletir teológico atual.

## Palavras-Chave

Filipe Melanchthon (1497-1560); reforma protestante; século XVI; biografia; teologia de Melanchthon; Melanchthon e Lutero; controvérsia; história da igreja.

## Abstract

Albrecht, Paulo Samuel; Lima, Luís Corrêa (Advisor). **Philip Melanchthon (1497-1560): Life, Theology and Figure of Wittenberg's Other Reformer.** Rio de Janeiro, 2013. 116p. MSc. Dissertation – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This work's purpose is to highlight the great contributions to the Reformational Movement in Europe during the XVI Century by Philip Melanchthon. So, it brings a biography of his life, as well as it underlines some of the basic aspects of his theology and how they helped to shape the message of the Reformation from Wittenberg to all Europe. Mostly, it focuses on the historiography of Melanchthon from Reformation's time on, in order to clear up misunderstandings and biased labels that were imposed on him, above all that he gave no original contribution and – even worst – that he was a traitor inside the Lutheran ranks. It also tries to point out the new directions that Melanchthon Research is taking in Europe and in the United States, in order to foster the research on this topic also in Brazil. In the end, it becomes clear that a rather obscure place was assigned to Melanchthon in the historical research of the Reformation, what is not appropriate considering the extent of his contribution then and how much it can foster theological thinking today.

.

## Key words

Philip Melanchthon (1497-1560); protestant reformation; XVI Century; biography; theology of Melanchthon; Melanchthon and Luther; controversy; church history.

## Sumário

1. Introdução	9
2. A Vida e a Carreira de Filipe Melanchthon	15
2.1. Formação Inicial e Chegada a Wittenberg	15
2.2. A Década de 1520: o início da carreira teológica	17
2.2.1. O <i>Loci Communes</i> e Turbulências em Wittenberg	17
2.2.2. O Debate com Erasmo e a Revolta dos Camponeses	20
2.2.3 A Visitação às Igrejas da Saxônia	23
2.3. A Década de 1530: aprofundamento teológico	24
2.3.1. Princípios do pensar Eclesiológico	24
2.3.2. O Desenvolvimento Eclesiológico	26
2.4. As Décadas de 1540 e 1550: início e aprofundamento das Divergências	28
3. A Teologia de Melanchthon	32
3.1 <i>Loci Communes</i>	33
3.1.1. Formação do Texto	33
3.1.2. O que é um <i>Locus</i> ?	37
3.1.3. A Teologia dos <i>Loci</i>	39
3.1.3.1. Livre-arbítrio e Pecado	40
3.1.3.2. Lei e Evangelho	43
3.1.3.3. Sacramentos, Magistrados e Ofensas	47
3.2. O Desenvolvimento Posterior: as edições de 1535 e 1543 do <i>Loci Communes</i>	49
3.3. Eclesiologia	52
3.3.1. O Caminhar Eclesiológico	52
3.3.2. A Eclesiologia de Melanchthon	55

4. A Polêmica Figura de Melanchthon	60
4.1. As Confissões de Fé: herói ou traidor	62
4.1.1. A Confissão de Augsburgo	62
4.1.2. Os Íterins	68
4.2. Melanchthon e Lutero: oposição, projeção e estereotipização	72
4.2.1. Melanchthon, Lutero e Erasmo	82
4.3. A Historiografia de Melanchthon	86
5. Conclusão	100
6. Referências Bibliográficas	107
7. Anexo	114



# 1

## Introdução

Nem sempre há espaço e tempo para se falar de tudo o que merece ser mencionado e lembrado. Quando se aborda um tema histórico, ainda mais tendo em vista a objetividade na comunicação, por vezes se deixa assuntos e personagens secundários de fora. O texto é editado, o discurso é adaptado para se conformar aos limites de tempo, espaço e interesse por parte da audiência.

Geralmente no discurso da Reforma Protestante um ator que é cortado, deixado de lado, por ser considerado secundário, é Filipe Melanchthon. Em meios acadêmicos brasileiros, é praticamente impossível encontrar algum estudo ou artigo que enfoque a sua pessoa, sua vida e obra. Mesmo dentro da tradição luterana no Brasil, a figura de Melanchthon permanece na penumbra, embora sua participação e envolvimento no movimento reformatório sejam evidentes, abrangentes, decisivos até.

É o intuito deste trabalho recolocar no *script* da pesquisa reformatória a figura de Melanchthon. Não há como falar de Reforma Protestante na Alemanha, mesmo na Europa, sem abordá-lo. É evidente que se sabe de sua existência, mas há muita incompreensão quanto à sua pessoa e ignorância quanto à sua contribuição, que levou a julgamentos parciais, abruptos até, tanto em campos católicos quanto, especialmente, em protestantes. É uma figura polêmica mesmo dentro do luteranismo.

Entretanto, Filipe Melanchthon foi uma figura soberba do século XVI, com contribuições decisivas para a teologia e o cenário religioso de então. Só o fato de ser o único humanista que clara e abertamente tomou o partido da reforma

religiosa doutrinária, na Alemanha e além, já merece destaque.<sup>1</sup> Interesse que o fez enveredar pelo caminho da teologia e ser o principal porta-voz do luteranismo na Alemanha. Assim, com sua contribuição humanista e teológica, por gerações fez sentir enormemente a sua influência em territórios ganhos para a causa luterana:

A partir da década de 1520, quase todas as escolas latinas em territórios evangélicos (e muitas fora deles) usavam seus manuais de gramática, retórica e lógica. Usar o método de Melanchthon se tornou quase tão óbvio quanto falar ou escrever em alemão ou latim. Na Fórmula [de Concórdia], os autores dividiram os assuntos de acordo com – para usar o próprio termo de Melanchthon – *loci communes*, lugares-comuns ou principais tópicos e temas gerais da teologia: pecado original, livre-arbítrio, justificação, boas obras, lei e evangelho, terceiro uso da lei, a ceia do Senhor e cristologia. Acima de tudo, com a possível exceção dos artigos onze e doze, eles organizaram os tópicos basicamente de acordo com a própria ordem de Melanchthon, utilizada em seu *Loci Communes Theologici*. Mais do que isto, eles elaboraram cada *loci* e os seus argumentos utilizando a Escritura, os Pais da Igreja e experiência, como Melanchthon ensinara, especialmente no *Loci Communes*. Por fim, eles formularam os seus argumentos utilizando os próprios silogismos lógicos nos quais o próprio Melanchthon os havia treinado.<sup>2</sup>

O interesse em pesquisar o outro reformador de Wittenberg provém da lacuna sentida nos estudos reformatórios quanto à pessoa e a contribuição de Melanchthon. Na maioria das vezes em que é mencionado, aparece apenas como apoiador de Lutero ou como uma espécie de secretário das posições reformatórias de Wittenberg. Em outras, a sua figura é ressaltada como aquele que fez com que a Reforma Luterana se desviasse de seu rumo correto. Mas não teria ele tido contribuições significativas para o movimento, em especial contribuições no campo teológico? Mais, não seria ele um formulador, um participante ativo na *construção* da teologia reformatória? Pois a resposta a tal pergunta parece ser positiva.

Como alguém tão central no movimento reformatório passa tão despercebidamente no meio acadêmico? É difícil ter uma resposta definitiva, mas muito se deve à imagem que se tem de Melanchthon em sua historiografia. Por

<sup>1</sup> OLIN, J. C. *The Catholic Reformation: Savonarola to Ignatius Loyola*. New York, Fordham University Press, 1992, p. XVI-XVII.

<sup>2</sup> WENGERT, T., Bearing Christ as Melanchthon's Contribution to the Book of Concord. *Lutheran Quarterly* 15 (2001), p. 400. A Fórmula de Concórdia foi o documento elaborado pelos luteranos na segunda metade do século XVI para tentar colocar fim às diversas controvérsias teológicas que surgiram dentro de campos luteranos na Alemanha. Os principais redatores haviam sido alunos e discípulos de Melanchthon.

isso, investigar e acessar esta historiografia será o principal objetivo e fim último desta dissertação. Claro que, para chegar lá, será preciso seguir um percurso, que estrutura a apresentação deste trabalho.

Primeiro, serão necessárias informações quanto à vida e obra deste reformador do século XVI, para situar o assunto, especialmente considerando que o tratamento acadêmico de sua pessoa é praticamente inexistente em língua portuguesa. Depois, num capítulo seguinte, será necessário, ainda que seletivamente, acessar a sua teologia, especialmente a partir de sua maior contribuição à teologia reformatória, o seu manual de doutrina, de 1521, *Loci Communes Theologici*. Então será possível avançar para a questão da historiografia de Melanchthon, no terceiro capítulo. Como muito desta controversa historiografia gira em torno de sua contribuição como porta-voz da Reforma Luterana, será necessário, de antemão, investigar a sua intensa participação em momentos críticos do desenvolvimento reformatório, especialmente na preparação da *Confissão de Augsburgo*, documento maior de todas as igrejas luteranas do mundo, e também na elaboração do *Ínterim de Leipzig*, o compromisso religioso que tentava assegurar a existência do luteranismo na Saxônia e arredores. Além disso, como a sombra teológica que Lutero projeta é muito grande, será preciso acessar a questão do relacionamento entre Melanchthon e Lutero, investigando os estereótipos, oposições e projeções que são feitos com respeito aos dois, não esquecendo da questão erasmiana. Por fim, será possível avaliar a historiografia do reformador em períodos selecionados dos últimos dois séculos, com ênfase nos últimos cinquenta anos, onde o reformador tem sido visto com outros olhos em meios acadêmicos europeus e norte-americanos.

Como o objetivo precípua é avaliar a sua historiografia, não se fará uma descrição exaustiva ou compreensiva da teologia de Melanchthon, até porque parece ser uma tarefa quase impossível. Procurar-se-á trabalhar com suas obras que tem traduções disponíveis em português, inglês e espanhol e que permitem ter um bom aprofundamento na teologia deste reformador alemão. Nos anexos poderá se encontrar uma lista com as principais obras de Melanchthon por ano. Aqueles que desejarem se aprofundar nos originais latinos e alemães do autor podem acessar as abrangentes, ainda que inconclusas, coleção de obras do autor: o

*Corpus Reformatorum*<sup>3</sup>, o *Melanchthons Werke in Auswahl*<sup>4</sup> e o *Melanchthons Briefwechsel*<sup>5</sup>.

Os artigos que tratam da historiografia do reformador são em sua maioria em língua inglesa, porém isso não quer dizer que apenas a historiografia norte-americana ou inglesa seja apresentada, uma vez que vários destes artigos foram escritos também por autores da Europa continental, sobretudo alemães.

Se olharmos nos manuais de história da igreja disponíveis, veremos que a atenção que se dedica a Melanchthon é mínima. Quando, por fim, se foca a sua pessoa e obra, ela geralmente aparece eivada dos mesmos estereótipos e generalizações que acabam por denegrir sua imagem, embora nas últimas décadas do século passado já tenham aparecido algumas abordagens menos hostis. Considerando este vácuo acadêmico na realidade brasileira e a primeira impressão que é deixada, que popularmente se diz que é a que fica, a presente dissertação procurará lançar um novo olhar sobre o reformador Filipe Melanchthon, um tanto mais positivo e que procure contribuir para um novo reaccessar de sua teologia e contribuição para a causa reformatória europeia no século XVI. Não se procura provar algo, mas sim apresentar um ilustre desconhecido à realidade dos estudos acadêmicos de pós-graduação no Brasil, tentando apresentar a sua contribuição para uma época importante da história europeia e da Igreja, e, conseqüentemente, para o resto do mundo.<sup>6</sup>

Se abrirmos aquela que é talvez a obra mais abrangente sobre a Reforma religiosa na Europa disponível em língua portuguesa, veremos que Delumeau oferece cerca de três páginas a Melanchthon. Porém, o Melanchthon que se apresenta é alguém que se “afastou espiritualmente” de seu “mestre” e que, indeciso e vacilante por natureza, olhou em todas as direções em busca de

<sup>3</sup> MELANCHTHON, F., *Corpus Reformatorum: Philippi Melanthonis opera quae supersunt omnia*. 28 vols. Ed. por C. G. Bretschneider e Heinrich Bindseil. Halle: A. Schwetschke & Sons, 1834-1860.

<sup>4</sup> MELANCHTHON, F., *Melanchthons Werke in Auswahl [Studienausgabe]*, ed. por Robert Stupperich. Gütersloh: Mohn, 1951. 7 vols.

<sup>5</sup> MELANCHTHON, F., *Melanchthons Briefwechsel: Kritische und kommentierte Gesamtausgabe* ed. por Heinz Scheible and Christine Mund. Stuttgart: Bad Cannstatt; Frommann: Holzboog, 1977—23 vols (até o momento).

<sup>6</sup> Uma primeira tentativa já foi feita, numa comunicação feita no III Simpósio de Teologia da PUC-Rio, em 2011, cujo tema era Teologia e Experiências Religiosas – Desafios e Contribuições e que foi posteriormente publicado no periódico do departamento de teologia da instituição, *Atualidade Teológica*: ALBRECHT, P.S. Felipe Melanchton e a Experiência da Reforma Protestante: Caminhos e Descaminhos. In: *Atualidade Teológica* 39 (2011), p. 544-554.

acordos, sem se preocupar muito com integridade teológica e intelectual.<sup>7</sup> Esta é a compreensão mais comum que se tem do reformador, em um papel subserviente a Lutero, do qual é o discípulo favorito. Em seu mérito, porém, especialmente levando-se em consideração que a obra foi originalmente escrita na década de 1960, pode ser dito que ao menos faz referência ao renovado interesse na “figura enigmática” do reformador, que a área acadêmica começou a dispensar na segunda metade do século XX.<sup>8</sup> Walker, numa obra que fora publicada em inglês no final da década de 1950, não tem tal perspectiva e não foge da abordagem psicologizada de Melanchthon, que era “tímido e retraído”, ganho para a reforma pela personalidade de Lutero, sendo que “nunca houve maior contraste entre duas pessoas”.<sup>9</sup> Além disso, em vista das desavenças teológicas, propõe que Lutero não rompeu com Melanchthon por causa da “generosa afeição” que tinha para com seu amigo mais novo.<sup>10</sup> Lortz, em sua obra originalmente de meados da década de 1960, dá pouca atenção ao outro reformador de Wittenberg e o apresenta apenas como o sistematizador de Lutero.<sup>11</sup>

Jedin, na década de 1970, já começa a lançar um olhar um pouco mais positivo para as contribuições de Melanchthon em sua abrangente e detalhada obra. Embora apresente Melanchthon como aquele que se escondeu na sombra de Lutero, mais adiante ele põe em dúvida a imagem que se fez de Melanchthon como pusilânime e covarde, inclusive elogiando-o por buscar melhorar e corrigir a sua teologia com o passar dos anos.<sup>12</sup> Já Hägglund, escrevendo entre a década de 1970 e 1980, procura tirar a figura do reformador da sombra da Reforma e dedica um capítulo inteiro a Melanchthon, cerca de 6 páginas, onde propõe que Melanchthon possuía uma abordagem teológica independente, demonstrava um elevado grau de individualismo e que apoiava diligente e ativamente a Reforma. Não foi por acaso que Melanchthon se entricheirou em campos reformatórios, ou contra a vontade, mas por deliberada escolha pessoal.<sup>13</sup>

<sup>7</sup> DELUMEAU, J. *Nascimento e Afirmação da Reforma*. São Paulo: Pioneira, 1989, p. 111-114.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 318.

<sup>9</sup> WALKER, W. *História da Igreja Cristã*: Volume 2. São Paulo: ASTE, 1967, p. 15.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 121.

<sup>11</sup> LORTZ, J. *Historia de la iglesia en la Perspectiva de la Historia del pensamiento*: Volume 2. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982, p. 118.

<sup>12</sup> JEDIN, H. *Manual de la Historia de la Iglesia*: Volume 5. 2ª ed. Barcelona: Editorial Herder, 1986, p. 186 e 479-480.

<sup>13</sup> HÄGGLUND, B. *História da Teologia*. 6ª ed. Porto Alegre: Concórdia, 1999, p. 211-212.

Parece, então, que surge uma nova apreciação do reformador que, se pelo menos não tem reconhecido os seus méritos e contribuições, pelo menos é apresentado de forma mais imparcial, como por exemplo em Gonzalez, em obra da década de 1980.<sup>14</sup> E também parece que aqui e ali surge alguém com ousadia suficiente para dizer, ainda que não abandonando completamente os estereótipos, que a influência de Melanchthon sobre o protestantismo “foi em algumas formas maior do que a de Lutero”.<sup>15</sup>

Esta nova apreciação aflora na obra de Junghans, que discute a imagem e a contribuição de Melanchthon para a Reforma, ao lado de Lutero, em uma obra publicada no Brasil no começo deste milênio, embora seja quase impossível de adivinhar à primeira vista que tal assunto esteja lá, uma vez que seu título é “Temas da Teologia de Lutero”.<sup>16</sup> Nela ele dedica um capítulo, 28 páginas, ao outro reformador de Wittenberg, defendendo que o próprio Lutero o reconhecia como um co-reformador, um parceiro de diálogo.<sup>17</sup>

Por acreditar que estas abordagens são demasiadamente superficiais e em geral exageradamente críticas da figura de Melanchthon, ou então que, embora reconhecendo a importância do reformador, não lhe dediquem a devida atenção ou lhe deem o destaque devido, nas páginas seguintes o papel principal será concedido ao outro reformador de Wittenberg. Para facilitar a leitura, as referências bibliográficas de pé de página são dadas de forma completa somente na primeira vez em que aparecem. Depois, são referidas pelo nome do autor, obra e página. As citações são apresentadas no corpo do texto em língua portuguesa. Aquelas que se julgou serem mais importantes também são apresentadas na língua original, nas notas de pé de página.

<sup>14</sup> GONZALEZ, J. *The Story of Christianity*: Volume 2. Peabody: Prince Press, 1985, 172-175.

<sup>15</sup> DOWLEY, T. (ed). *Introduction to the History of Christianity*. Minneapolis: Fortress Press, 2002, p. 377.

<sup>16</sup> JUNGHANS, H. *Temas da Teologia de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 164

## 2

## A Vida e a Carreira de Filipe Melanchthon

### 2.1.

### Formação Inicial e Chegada à Wittenberg

O outro reformador de Wittenberg nasceu na cidade de Bretten, em 16 de fevereiro de 1497. Seu nome é Filipe Schwarzerd, filho de um armoreiro chamado Jorge, que trabalhava na corte do eleitor do Palatinado. Posteriormente, devido às suas inclinações humanísticas, passou a assinar com a forma grega equivalente do seu nome, “Melanchthon”, que foi dada a ele pelo seu tio-avô Johannes Reuchlin.<sup>18</sup> Em algum momento na década de 1530 ele suprimiu o “ch”, assinando Melanthon, mas essa grafia nunca se tornou oficial.<sup>19</sup> O significado de seu nome em português é “terra preta”. Lutero, ainda, o chamaria pela designação latina de “nigroterranus”.<sup>20</sup>

Desde muito cedo, Filipe demonstrou sua aptidão para os estudos e com 11 anos já dominava a língua latina. Por sugestão de João Reuchlin, irmão de sua avó, Elizabete Reuter, Filipe foi enviado à escola latina de Pforzheim, onde estudou sob Jorge Simler, com o qual também pôde aprender a língua e o pensamento grego antigos. Da escola latina, saiu com profundo conhecimento das disciplinas ensinadas então: gramática, aritmética, retórica, dialética, história e geografia. Com 13 anos ingressou na universidade de Heidelberg e em 11 de Junho de 1511 recebeu o grau de Bacharel nas Artes Liberais. Como foi proibido

---

<sup>18</sup> MANSCHRECK, C. *Melanchthon: The Quiet Reformer*. New York: Abingdon, 1968, p. 29.

<sup>19</sup> A suspeita é que ele, como professor de retórica o fez por causa de uma dificuldade na fala que o impedia de pronunciar tal som corretamente. Cf. WRIEDT, M. Between Angst and Confidence: Melanchthon as a Man of the Sixteenth Century. In: *Concordia Journal* 23 (1997), p. 278, n. 3.

<sup>20</sup> SCHÜLER, A. Filipe Melanchthon, Nascido para o Diálogo. In: *Igreja Luterana* 56 (1997), p. 9.

de buscar o título de Mestre em Heidelberg, devido à sua juventude, transferiu-se para a Universidade de Tübingen, onde recebeu o título de *Magister Artium*, em 25 de janeiro de 1514 e logo passou a lecionar na Universidade até 1518, quando, após ser indicado por Reuchlin ao eleitor, aceitou o cargo de professor em Wittenberg, uma universidade que havia sido fundada pelo eleitor da Saxônia em 1502. Foi em Tübingen também que Melanchthon publicou a sua primeira obra *Rudimentos da Língua Grega*.<sup>21</sup>

Ao chegar em Wittenberg, já em seu primeiro discurso, na aula inaugural em 1518, *De corrigendis adolescentiae studiis*, versava sobre a reorientação do estudo dos clássicos como vinha sendo feito até então e logo impressionou positivamente a todos na universidade.<sup>22</sup>

Quando Melanchthon chegou em Wittenberg, Martinho Lutero<sup>23</sup> já havia promulgado as suas famosas noventa e cinco teses e a faculdade de teologia se via sob a influência do doutor em Bíblia. Melanchthon tinha como sua responsabilidade ensinar a língua grega e lecionar cursos na faculdade de artes, especialmente retórica e dialética. Para ensinar a língua grega, utilizava-se tanto de fontes seculares, como Homero, quanto bíblicas, como a carta de Paulo a Tito. Foi em Wittenberg que Melanchthon começou a perseguir também os estudos teológicos, sob o franco estímulo de Lutero. Em 9 de setembro de 1519, defendeu as suas teses para obter o título de *baccalaureus biblicus*, que lhe possibilitava também lecionar sobre a Bíblia (e não apenas traduzi-la).<sup>24</sup> Nelas já aparecem algumas proposições reformatórias clássicas, como a incapacidade do ser humano

<sup>21</sup> MANSCHRECK, C., *Melanchthon: The Quiet Reformer*, p. 30-40. Enquanto esteve em Tübingen, Melanchthon também trabalhou como revisor na prensa de Thomas Anshelm, que publicava textos humanistas. Cf. STUPPERICH, R. *Melanchthon, the Enigma of the Reformation*. Cambridge: James Clarke & Co., 1965 (republicado em 2006), p. 28-29. ZORZIN, A. Felipe Melanchthon (1497-1560): el Reformador Laico. In: *Cuadernos de Teología* 17, p. 196.

<sup>22</sup> “Melanchthon criticized the late Middle Ages’ practice of relying on commentaries and secondary sources. He advocated a firm foundation in Latin, Greek, and Hebrew, so that students could study the sources themselves. The life of a Christian would thus be renewed, for he would be drawing directly from the biblical teachings of Christ. Melanchthon also outlined plans to broaden training in history, mathematics, and science.” ROGNESS, M. *Philip Melanchthon, Reformer Without Honor*. Minneapolis: Augsburg, 1969, p. 7.

<sup>23</sup> O nome também tem a grafia “Martim Lutero”, “Martin Lutero” ou “Martin Luther”. Porém, a grafia Martinho Lutero é a mais consagrada na língua portuguesa. Cf. SCHÜLER, A., *Filipe Melanchthon, nascido para o diálogo* p. 10-11, nota 5.

<sup>24</sup> WRIEDT, M., *Between Angst and Confidence: Melanchthon as a Man of the Sixteenth Century*, p. 281-282. As áreas em que ele lecionou foram principalmente exegese e dogmática. Melanchthon, porém, nunca deixou de ensinar na faculdade de artes, sempre fazendo questão de ensinar filosofia.



de cumprir a lei e amar a Deus de si mesmo (teses 1-7), graça de Cristo sendo justiça e esta imputada (teses 9 e 10), Escritura como norma e fonte de doutrina e acima dos concílios (teses 16-17) e a rejeição da transubstanciação na doutrina da ceia (tese 18).<sup>25</sup> Melanchthon não veio a perseguir nenhum outro título acadêmico teológico.

Na verdade, pode-se dizer que Melanchthon foi “arrastado” para os estudos teológicos, tanto pela personalidade e insistência de Lutero quanto também pelos conflitos que se seguiram, especialmente com o professor da universidade de Ingolstadt, Johannes Eck. Em 1519, Eck debateu em Leipzig com Andreas Bodenstein (Karlstadt) e Lutero sobre a corrupção humana e a autoridade papal. Melanchthon não participou como debatedor, mas estava na delegação que foi a Leipzig e municiou Karlstadt e Lutero com material para o debate, inclusive provocando a ira do professor de Ingolstadt, que viu em Melanchthon apenas um atrevido que, não entendendo nada de teologia e somente dos clássicos, queria se aventurar a debater assuntos teológicos profundos. Melanchthon se sentiu atingido pelo desprezo e depois de algumas trocas de correspondência acerbos perseguiu o seu título de bacharel em teologia, abordando em suas teses, acima referidas, temas diretamente relacionados com o debate de Leipzig.<sup>26</sup>

## 2.2

### A Década de 1520: o Início da Carreira Teológica

#### 2.2.1.

##### O *Loci Communes* e Turbulências em Wittenberg

Com seu título de bacharel, passou também a ensinar na faculdade de teologia, especialmente cursos relacionados com a exegese dos textos gregos das epístolas de Paulo e dos evangelhos. Contudo, sua obra predileta era a epístola aos

<sup>25</sup> MELANCHTHON, F., *Melanchthon: selected writings*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1962, p. 17-18. Melanchthon antecipou-se a Lutero em um ano na rejeição da doutrina da transubstanciação, que este só rejeitaria em 1520, no seu escrito “Do Cativo Babilônico da Igreja”, cf. MANSCHRECK, C., *Melanchthon: The Quiet Reformer*, p. 44.

<sup>26</sup> MANSCHRECK, C., *Melanchthon: The Quiet Reformer*, p. 46-52.

Romanos, onde encontrou uma exposição da fé cristã a partir da perspectiva evangélica, com sua ênfase na lei, graça e justiça. Em 1521, Melanchthon teve um dos seus atos de maior ousadia acadêmica e que viria a marcar o ensino da teologia luterana profundamente. Deixou de lado o ensino das *Sentenças* de Pedro Lombardo, que vinha sendo o manual de teologia sistemática por mais de 400 anos, e o substituiu por um comentário de autoria própria sobre os principais tópicos da teologia paulina conforme a carta aos Romanos, obra que ficou famosa sob o título *Loci Communes Theologici*. Os tópicos do *Loci* refletiam a própria estrutura da carta aos romanos: pecado e lei (Rm 1-3), evangelho, graça, fé e justificação (Rm 2-5, 7-11), os sinais [sacramentos](Rm 6), amor (Rm 12), magistrados (Rm 13) e escândalo (Rm 14-15).<sup>27</sup> Wengert pontua que por diversas vezes os reformadores foram acusados de serem excessivamente focados na teologia paulina em detrimento das outras teologias bíblicas, o que não retrata fielmente a verdade. Segundo ele, o único que pode ser assim classificado é Melanchthon.<sup>28</sup>

O *Loci Communes* é o primeiro manual de sistemática da reforma protestante e foi trabalhado por Melanchthon durante toda a sua vida. Foi também o precursor de muitos outros. Sua influência fez-se sentir até em regiões predominantemente católico-romanas, como na França. Também teve sua influência na composição dos Trinta e Nove Artigos da Igreja Anglicana. Ainda, Melanchthon é o primeiro sistemático do movimento protestante e visto por muitos como o precursor da ortodoxia luterana do século XVII, notória pela sua sistematização do ensino bíblico.<sup>29</sup>

Além disso, Melanchthon era um escritor sempre em busca de melhorar as suas obras, o que não lhe causou poucos problemas – já durante a sua vida, e também em contextos históricos posteriores até a contemporaneidade. Essa busca

<sup>27</sup> WENGERT, T. J. Beyond Stereotypes: The Real Philip Melanchthon. In: *Philip Melanchthon then and Now (1497-1997)*. Editado por S.H. Hendrix e T. Wengert. Columbia: Lutheran Theological Southern Seminary, 1999, p. 17.

<sup>28</sup> WENGERT, T. J. Philip Melanchthon's 1522 Annotations on Romans and the Lutheran Origins of Rhetorical Criticism. In: *Biblical Interpretation in the Era of the Reformation*. Editado por R.A. Muller e J. L. Thompson. Grand Rapids: Eerdmans, 1996, p. 120-21, e nota 3.

<sup>29</sup> ROGNESS, M., *Philipp Melanchthon, Reformer without Honor*, p. 61. Embora Rogness discorde disso, especialmente porque considera a era da ortodoxia luterana negativamente, como árida e estéril. Ele enfatiza que Melanchthon era um professor, e como tal buscava definir, delimitar e explicar pormenorizadamente o conteúdo. Muitas das definições da Reforma foram formuladas por Melanchthon e nisso ele teve um papel crucial. Porém, nunca equacionou fé com mero conhecimento doutrinal.

pela melhoria e desenvolvimento de suas obras é especialmente patente em seu *Loci Communes*, que teve três edições: 1521, 1535 e 1543. No capítulo seguinte analisaremos com mais vagar a teologia do *Loci Communes* e suas alterações em edições posteriores, especialmente as questões conflituosas.<sup>30</sup>

O mesmo ano de 1521 registrou eventos importantes no desenvolvimento reformatório na Alemanha. Lutero havia sido excomungado em janeiro, após ter publicado em 1520 os seus três livros nos quais desferia duros golpes no sistema teológico e eclesial da igreja Católica Romana de então: *À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão, Do Cativo Babilônico da Igreja e Da Liberdade Cristã*.<sup>31</sup> O imperador Carlos V convocou, então, Lutero para a Dieta que se realizaria na cidade de Worms, no sul da Alemanha, garantido a ele um salvo-conduto para poder arriscar-se fora das terras da Saxônia, que estavam sob o governo do eleitor Frederico, o Sábio, seu protetor. Como nesta dieta ele não correspondeu ao que lhe era pedido, isto é, que renegasse os seus escritos, Lutero foi escondido por Frederico, o Sábio, eleitor da Saxônia, em seu castelo de Wartburgo, impedindo que Lutero fosse morto. Com isso, Wittenberg ficou sem seu maior líder e encontrou tempos turbulentos. Karlstadt, colega de Lutero na faculdade de teologia advogava uma reforma mais radical e promoveu a destruição das imagens e abolição de diversas práticas eclesiásticas. A situação também se conturbou devido à chegada de pregadores itinerantes, os profetas de Zwickau, com suas mensagens apocalípticas e reformatórias que inflamavam o povo. Melanchthon se viu em meio a tudo isso firme no apoio à Reforma, embora não aprovasse os extremismos propostos por Karlstadt e os profetas de Zwickau.<sup>32</sup> Neste período Melanchthon e os seus alunos foram os primeiros a receber a comunhão sob ambas as espécies.<sup>33</sup>

<sup>30</sup> Manscheck defende que durante o século XVI o *Loci Communes* era reconhecido com um dos pilares da Reforma, juntamente com a Confissão de Augsburgo e com os três escritos de Lutero de 1520. Cf. MANSCHRECK, C., *Melanchthon: The Quiet Reformer*, p. 88-9.

<sup>31</sup> LUTERO, M., *Obras Seleccionadas: Volume 2*. 2ª ed. São Leopoldo e Porto Alegre: Sinodal e Concórdia, 2000, p. 277-340; 341-424; 435-460. Manschreck diz que Melanchthon auxiliou Lutero na composição destas obras, foi “‘Hercules’ silent assistant”. Depois, quando Lutero foi condenado pela universidade de Paris, Melanchthon o defendeu publicamente: “*Luther and the Paris Theologians*”, em MELANCHTHON, F. *Melanchthon: selected writings*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1962, p. 68-87. Cf. MANSCHRECK, *op. cit.*, p. 61 *et. seq.*

<sup>32</sup> ROGNESS, M., *Philipp Melanchthon, Reformer without Honor*, p. 54

<sup>33</sup> Cf. WENGERT, T. J., *Beyond Stereotypes: The Real Philip Melanchthon*, p. 17.

A situação foi se tornando cada vez mais complicada e foi necessário que Lutero voltasse a Wittenberg, o que aconteceu em março de 1522. Ele expulsou Karlstadt e pregou por 8 dias seguidos até que os ânimos fossem acalmados na cidade. Outras três situações da década de 1520 envolveram Melanchthon ainda mais na causa reformatória, cada vez mais se tornando, junto com Lutero, um grande líder da Reforma Protestante na Alemanha. O primeiro deles foi a Revolta dos Camponeses, em 1524-1525. O segundo foi o debate entre Erasmo e Lutero sobre o arbítrio humano, em 1525. O terceiro, a visita promovida pelo eleitor da Saxônia às paróquias em terras luteranas, em 1527, da qual Melanchthon tomou parte, e que o levou a reestruturar o modelo educacional de então – fato que o ajudou a ser conhecido como o *Praeceptor Germaniae*, o mestre da Alemanha. Este mergulho de cabeça no movimento reformatório encontraria a sua maior profundidade na Dieta de Augsburg de 1530, na qual ele foi o responsável por redigir a Confissão de Augsburg, o principal documento do movimento reformatório até aos dias de hoje. Ela também marca o início de um pensar teológico com foco mais eclesiológico na carreira do outro reformador de Wittenberg.

### **2.2.2.**

#### **O Debate com Erasmo e a Revolta dos Camponeses**

Na arena teológica, o debate entre Erasmo e Lutero sobre o arbítrio humano serviu para dividir um pouco melhor os contornos da Reforma. Embora no início fosse simpático a Lutero, defendendo que ele deveria ser ouvido imparcialmente, Erasmo aos poucos foi modificando o seu pensamento, devido à pressão por parte de autoridades civis e eclesiásticas, que queriam que ele se manifestasse claramente contra o reformador alemão. Por fim, em agosto de 1524, Erasmo escreveu *De Libero Arbitrio*, advogando a causa de que o homem tem a capacidade de escolher entre o bem e o mal, trazendo contornos éticos à vida cristã. Erasmo se preocupava com o viver ético e moral. Lutero escreveu a sua

resposta em dezembro de 1525, *Da Vontade Cativa*,<sup>34</sup> na qual defendia que o homem não podia escolher o que era bom, reivindicando assim poder ser salvo por Deus. O homem é escravo do pecado e precisa ser primeiramente liberto desta escravidão (justificado) para depois ter restaurada em si a capacidade de escolher entre o bem e o mal (santificação). Somente em coisas exteriores, como casar-se ou não, comer ou beber e coisas semelhantes há liberdade de escolha. Lutero trabalhava com a ideia de um determinismo divino, onde todas as coisas, até o mal, cooperam para se alcançar os propósitos de Deus. Para ele, Erasmo errava em não fazer a distinção entre a vida do ser humano antes da graça de Deus e na graça de Deus.<sup>35</sup>

Melanchthon discernia entre o humanismo de Erasmo e o pensamento de Lutero e apoiou este, inclusive escrevendo contra Erasmo, após este publicar a sua tréplica contra Lutero, *Hyperapistes*, o que apaga impressões de que a lealdade de Melanchthon tenha vacilado entre Erasmo e Lutero. O ataque ao humanista de Roterdã é feito no comentário que Melanchthon fez de Colossenses onde, de forma direta, porém velada, próprio de sua polidez acadêmica, critica o autor de *Hyperapistes*.<sup>36</sup> Em capítulo posterior, falaremos um pouco mais sobre esta questão, uma vez que ela está diretamente ligada ao estudo de Melanchthon e seu comprometimento com a Reforma Protestante.

Entrementes, na arena política e social da Alemanha, se desenrolava a Revolta dos Camponeses, uma série de levantes das classes mais baixas, que sofriam sob o pesado jugo econômico da Europa feudal. O fermento religioso foi adicionado aos levantes e causou caos em terras alemãs, também com o auxílio da pregação explosiva de Tomás Müntzer. A maioria das exigências dos camponeses tinha a intenção de trazer o mínimo de dignidade, pois sofriam severamente sob o jugo dos senhores.<sup>37</sup> Os reformadores inicialmente não se manifestaram sobre a

<sup>34</sup> LUTERO, M. *Obras Seleccionadas: Volume 4*. São Leopoldo e Porto Alegre: Sinodal e Concórdia, 1993, p. 11-216.

<sup>35</sup> MANSCHRECK, C., *Melanchthon: The Quiet Reformer*, p. 113-120.

<sup>36</sup> Wengert expõe o argumento de Melanchthon definitivamente em favor de Lutero em seu artigo Philip Melanchthon's Contribution to Luther's Debate with Erasmus over the Bondage of the Will. In: *By Faith Alone: Essays on Justification in Honor of Gerhard O. Forde*. Editado por J.A. Burgess e M. Kolden. Grand Rapids: Eerdmans, 2004, p. 110-124.

<sup>37</sup> Manschreck menciona algumas das terríveis situações: "Some peasants could not marry without the consent of their masters; some worked with whips cracking over their backs; many had only the holidays and moonlit nights for cultivating their own plots of earth." Ele ainda esclarece que a Revolta dos Camponeses de 1524-5 foi uma de uma série de levantes que intermitentemente

Revolta, até por considerarem muitas das exigências dos camponeses justas. Somente em 1525, após verificarem algumas das conseqüências mais extremas e o que julgavam o risco de uma anarquia geral, é que escreveram exortando os príncipes a conterem à espada a revolta. Lutero foi mais feroz em sua defesa da ordem reinante, advogando que deveria se exterminar os camponeses revoltosos como se fossem cachorros loucos.<sup>38</sup> Melanchthon também procurou defender o *status quo* e colocou-se do lado das autoridades em sua obra *Um Escrito de Filipe Melanchthon contra os Artigos do Campesinato*.<sup>39</sup> Porém, como já antevia a vitória esmagadora dos príncipes rogou por clemência para com os camponeses, visto que muitos tinham “pecado” por medo ou ignorância.

A Revolta dos Camponeses serviu para trazer Melanchthon cada vez mais para o holofote da liderança da Reforma em Wittenberg, mesmo que ainda sua participação seja vista com reprovação, assim como a de Lutero. A partir daí Melanchthon terá relacionamento cada vez mais próximo com as autoridades da Saxônia e em outras terras também. É significativo também que neste mesmo período Melanchthon tenha travado contato com Filipe de Hesse, que até então era opositor da Reforma em suas terras. Este, após Melanchthon ter-lhe escrito explicando o que se ensinava em Wittenberg,<sup>40</sup> declarou abertamente o seu apoio ao movimento reformatório em 25 de fevereiro de 1525.<sup>41</sup> Filipe de Hesse viria a ser um dos grandes líderes da Reforma protestante na Alemanha nas décadas de 1530 e 1540 e também fonte de muita controvérsia e condenação por parte de adversários quando se descobriu sua bigamia.<sup>42</sup>

---

aconteceram na Alemanha desde 1476. Cf. MANSCHRECK, C., *Melanchthon: The Quiet Reformer*, p. 121.

<sup>38</sup> *Ibid.*, p. 125.

<sup>39</sup> Os camponeses haviam escrito 12 artigos nos quais esposavam direitos civis e religiosos. Uma tradução para o português de *Um Escrito de Filipe Melanchthon contra os Artigos do Campesinato*, não revisada, foi encontrada na biblioteca da Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo, integrante de um volume com tradução de 9 outros escritos de Melanchthon. O volume, porém, não possui informações bibliográficas, apenas número de localização da Biblioteca: H203-3/10A. Assim, nos referiremos à tal obra desta forma MELANCHTHON, F., *Biblioteca da Escola Superior de Teologia*, H203-3/10A. Manuscrito, acrescentado ao final as páginas correspondentes ao escrito em questão: MELANCHTHON, F., *Biblioteca da Escola Superior de Teologia*, H203-3/10A, p. 235-275 (Tradução de R. W. Rieth).

<sup>40</sup> Summary of Doctrine. In: MELANCHTHON, F., *Selected Writings*, p. 93-102.

<sup>41</sup> MANSCHRECK, C., *Melanchthon: The Quiet Reformer*, p. 101.

<sup>42</sup> Filipe de Hesse era casado desde 1524 com Cristina, filha do duque Jorge, da Saxônia Albertina. Em 1540 veio a casar com a cortesã Margarete von der Saale. SELLERS, I., Philip of Hesse (1504-1567), In: DOUGLAS, J. D.;(ed.). *The New International Dictionary of the Christian Church*. 2ª ed. Grand Rapids: Zondervan, 1978, p. 774-775. Tal casamento paralelo, porém, era proibido pela igreja e pela lei imperial, e era passível de pena capital. Filipe se aconselhou com

### 2.2.3. A Visitação às Igrejas da Saxônia

A Revolta dos Camponeses deixou as terras da Saxônia em uma situação deplorável e o eleitor João, o Constante, sucessor de Frederico, o Sábio, buscou fazer um levantamento do estado da religião em suas terras. Ele comissionou um grupo de teólogos para visitar as paróquias e as escolas em suas terras em 1527 e 1528. Entre eles estava Melanchthon, que visitou áreas da Turíngia. Lá pôde constatar a terrível situação provocada pela revolta dos camponeses, pela ignorância reinante entre o povo e pelo descaso dos clérigos. Após retornar da visita que foi feita, compilou os *Artigos da Visitação*, por meio dos quais buscava reafirmar a fé evangélica e dar orientações práticas para a reestruturação da escola pública na Alemanha.<sup>43</sup> O seu escrito consiste de duas partes, a primeira em 18 artigos, 14 tratando de assuntos doutrinários e os outros 4 de culto, disciplina, educação e dos turcos. Todos estes artigos centrados nos princípios da justificação pela fé e no *Sola Scriptura*. Na segunda parte do escrito ele desenvolve o seu plano de reestruturação das escolas na Saxônia, cujo objetivo era treinar os jovens para o serviço no Estado e na Igreja. Ele defendia ainda que as escolas deveriam ser mantidas pelas autoridades civis. O currículo deveria ser dividido em três classes, sendo a primeira a ensinar a ler e a escrever de maneira satisfatória, a segunda ensinar a gramática e música e a terceira deveria enfatizar lógica e retórica. Todo o ensino deveria ser feito em latim.<sup>44</sup>

---

Lutero e Melanchthon, que consentiram com o casamento, desde que o mesmo fosse mantido em segredo e Margarete aparentasse ser apenas uma concubina. O segredo, porém, durou pouco e Filipe ficou em posição vulnerável diante do imperador. Segundo Zorzín, este foi um dos eventos que marcou o começo da derrocada da liga de príncipes protestantes, a Liga de Esmalcalde, que veio a capitular diante do imperador em 1547. Cf. ZORZIN, A., Felipe Melanchthon (1497-1560): el Reformador Laico. In: *Cuadernos de Teología* 17, p. 212-214.

<sup>43</sup> A visitação deixou uma impressão muito negativa também em Lutero e o levou à ação em favor da educação religiosa na Alemanha. Foi após a visita que ele compilou os seus manuais de ensino catequéticos, o Catecismo Maior e o Catecismo Menor. Estes podem ser encontrados em LIVRO DE CONCÓRDIA: *As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*. Editado por D. Drehmer. 6ª ed. São Leopoldo e Porto Alegre: Sinodal e Concórdia, 2006, p. 361-493.

<sup>44</sup> A tradução para o português dos *Artigos da Visitação*, não revisada, também se encontra no volume manuscrito da Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo: MELANCHTHON, F., *Biblioteca da Escola Superior de Teologia*, H203-3/10A, p. 235-275 (Tradução de Walter Schlupp e Ilson Kayser).

A contribuição de Melanchthon para a educação na Alemanha não foi pequena. Manschreck sentencia:

E desta maneira Melanchthon forneceu o fundamento para o sistema escolar público evangélico da Alemanha. O seu plano foi usado e copiado muitas vezes, até que os raios de sua influência penetraram em quase todos os territórios. Os registros mostram que cinquenta e seis cidades requisitaram as suas orientações para fundarem as suas escolas; quantas mais ele influenciou se pode apenas conjecturar.<sup>45</sup>

### 2.3.

#### A Década de 1530: Aprofundamento Teológico

##### 2.3.1.

##### Princípios do Pensar Ecclesiológico: A Confissão de Augsburgo e sua Apologia

Os esforços reformatórios da década de 1520 encontrariam seu ponto nodal na confissão de fé evangélica entregue ao imperador Carlos V na Dieta de Augsburgo, em 1530. Nela, o imperador esperava resolver a crise religiosa em seu império, agora que havia se libertado dos impedimentos para exercer plena autoridade em seus domínios.<sup>46</sup> Ele exigiu dos governantes que haviam aderido à Reforma que fornecessem uma declaração de sua fé. Lutero não pôde comparecer à dieta, uma vez que havia sido excomungado em 1521 e era considerado um fora da lei. O grupo evangélico foi liderado por Melanchthon, e estava pronto para explicar as novas medidas que foram tomadas em terras alemãs diante da assembleia imperial. Para tanto, tinham consigo alguns artigos que haviam redigido: Os *Artigos de Torgau*, os *Artigos de Schwabach* e os *Artigos de Marburgo*. Porém, ao chegarem à Augsburgo, se depararam com o escrito

<sup>45</sup> MANSCHRECK, C., *Melanchthon: The Quiet Reformer*, p. 143.

<sup>46</sup> Carlos V foi coroado pelo Papa em Bologna em 24 de fevereiro de 1530, após terem resolvido as suas diferenças em junho do ano anterior. Para a cerimônia não foi convidado nenhum príncipe alemão. Conforme MANSCHRECK, C., *Melanchthon: The Quiet Reformer*, p. 173.



virulento de João Eck atacando ensinamentos do movimento reformatório, os 404 *Artigos para a Dieta Imperial de Augsburgo*.<sup>47</sup> Neste seu escrito Eck atacava proposições dos principais defensores do movimento evangélico, sem fazer distinção entre eles. Diante da confusão causada por tal escrito, foi necessário que Melanchthon redigisse uma nova declaração de fé. Com os artigos de Eck, que colocavam em xeque a catolicidade do movimento luterano, o foco mudou: não mais sentiam a necessidade de enfatizar os ensinamentos distintivos do movimento reformatório, as “novidades” instauradas em terras luteranas, mas sim a sua continuidade com o ensino precedente e com os Pais da Igreja.<sup>48</sup> Assim, Melanchthon redigiu a Confissão de Augsburgo em 28 artigos, divididos em duas partes: uma consistindo de vinte e um artigos básicos da fé cristã, no qual se defendia que não havia divergências do ensino da igreja católica, e outra com sete artigos atacando o que se considerava abusos na igreja.<sup>49</sup>

A leitura da Confissão foi feita diante do imperador em 25 de junho de 1530. Logo foi requerido por parte dele uma resposta à mesma por parte de teólogos católicos romanos e em breve período de tempo apareceu a *Confutatio* (*Confutatio*), que foi imediatamente aceita por ele.<sup>50</sup> Não houve possibilidade para os luteranos treplicarem (também porque não lhes foi dada uma cópia da *Confutatio* em Augsburgo). Somente no ano seguinte foi que Melanchthon conseguiu escrever, de forma definitiva, a defesa da Confissão de Augsburgo, chamada de Apologia da Confissão.<sup>51</sup> Nela ele buscou responder às objeções levantadas, especialmente com respeito ao artigo IV, que trata da justificação pela fé. Somente ele toma cerca de 1/3 do escrito. A Confissão de Augsburgo e sua Apologia assumiram caráter definitivo na teologia luterana confessional, fazendo com que muitos omitam o nome e importância de Melanchthon em sua elaboração. Questões referentes a este ponto controverso do luteranismo incipiente serão abordadas no terceiro capítulo, quando se falar da imagem do outro reformador de Wittenberg.

<sup>47</sup> MANSCHRECK, C., *Melanchthon: The Quiet Reformer*, p. 31-82.

<sup>48</sup> *Ibid.*, p. 177.

<sup>49</sup> A Confissão de Augsburgo pode ser encontrada em LIVRO DE CONCÓRDIA: *As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*, p. 23-99, em traduções para o português da versão latina e alemã.

<sup>50</sup> A *Confutatio* pode ser encontrada em KOLB, R.; NESTINGEN, J. (ed.) *Sources and Contexts of the Book of Concord*. Minneapolis: Fortress Press, 2001, p. 105-139.

<sup>51</sup> Para ver a Apologia da Confissão, tradução para o português do original latino de Melanchthon, LIVRO DE CONCÓRDIA: *As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*, p. 99-304.

### 2.3.2. O Desenvolvimento Eclesiológico

Com o movimento reformatório tendo feito a sua afirmação formal de fé diante do império, ele passa a se preocupar mais detidamente com questões eclesiológicas. Os reformadores começam, então, a aprofundar as suas eclesiologias no decorrer da década de 1530, o que levaria ambos os reformadores de Wittenberg a escreverem obras sobre o assunto no final da década.

A primeira defesa da fé evangélica foi a Apologia da Confissão de Augsburg, acima referida, redigida por Melanchthon. A partir de Augsburg os principais líderes luteranos começaram a ver como ainda mais iminente uma ação ofensiva por parte do império contra eles. Alguns anos antes eles já haviam se coligado na Liga de Esmalcalde e buscavam orquestrar ações conjuntas para defenderem suas terras e o novo movimento eclesiástico.<sup>52</sup> Foi na década de 1530 que as amarras de catolicidade foram sendo dissolvidas entre Alemanha e Roma, tornando o cisma irreversível, visto a disparidade de eclesiologias, ainda que o mesmo tenha sido lamentado por ambas as partes (uma colocando a culpa na outra). Diante do impasse atingido em Augsburg, Carlos V não pôde agir como desejava, pois o império tinha que lidar com a ameaça turca e não podia se dar ao luxo de guerras internas que enfraquecessem seu poderio militar. Foi prometido que um concílio ecumênico seria convocado em breve e, em 1537, esperava-se que ele fosse convocado para Mântua, na Itália.

Diante disso, os reformadores de Wittenberg, especialmente Melanchthon, buscaram uma aproximação com outros reformadores do sul da Alemanha, sobretudo com Martim Bucer. Esta atitude visava obter acordo entre as partes, acerca de diversos temas, sendo o mais candente o da eucaristia, no que se referia à presença de Cristo. Este havia sido um assunto controverso em campos

---

<sup>52</sup> Manschreck propõe que a defesa intelectual da Confissão de Augsburg foi a Apologia de Melanchthon, e a defesa política a Liga de Esmalcalde. Cf. MANSCHRECK, C., *Melanchthon: The Quiet Reformer*, p. 210.

reformatórios pelo menos desde 1529, quando os reformadores de Wittenberg se reuniram com os da Suíça, no Colóquio de Marburgo, porém não encontrando um acordo. Ambos negavam a transubstanciação, porém Lutero ainda esposava a presença real de Cristo na ceia, ainda que de forma sobrenatural, enquanto que Zwinglio dizia haver somente uma presença simbólica.<sup>53</sup> Em Marburgo não foi possível um acordo, porém, em maio de 1536, com a habilidosa condução de Melanchthon, chegou-se à Concórdia de Wittenberg, onde os teólogos evangélicos da Saxônia, liderados por Melanchthon, Lutero e Bugenhagen, e do sul da Alemanha, liderados por Bucer e Capito, chegavam a um acordo doutrinário no que se referia à doutrina da Ceia.<sup>54</sup>

Ao mesmo tempo em que buscavam consolidar sua posição política, teólogos e líderes luteranos se reuniram para elaborar uma defesa teológica de sua fé. Foram produzidos por Lutero, em 1537, os *Artigos de Esmalcalde*.<sup>55</sup> A estes foi anexado um escrito de Melanchthon sobre o papado: *O Tratado sobre o Poder e o Primado do Papa*.<sup>56</sup> Neste escrito, de tom polêmico, que lança sombras sobre a idílica imagem de reformador “irênico”, ele ataca a compreensão do papado como sendo de origem divina, considerando-a inaceitável de acordo com a história da Igreja e a Palavra de Deus.<sup>57</sup>

O concílio de Mântua não se materializou, mas nem por isso Melanchthon deixou de lado seus interesses eclesiológicos. Em 1539, produziu a sua obra eclesiológica mais abrangente: *A Igreja e a Autoridade da Palavra*. Nela ele vai contra a hierarquia eclesiástica e centra sua definição de Igreja Cristã nas pessoas que a compõem e na ação da Palavra e do Espírito no meio dela.

Neste escrito ele ressoa uma definição de igreja que já estava presente nos Artigos de Esmalcalde (“os cordeirinhos que ouvem a voz do seu pastor..”)<sup>58</sup> e formula sua definição de Igreja e de autoridade em congruência com esta Palavra do Evangelho. Ele rejeita a proposição que a Igreja tenha alguma autoridade dela

<sup>53</sup> Para uma exposição sobre os fatos ocorridos no Colóquio de Marburgo, especialmente sobre o conflito na interpretação da presença de Cristo na Ceia, ver, SASSE, H., *Isto é o meu corpo*. 2ª ed. Porto Alegre: Concórdia, 2003.

<sup>54</sup> MANSCHRECK, C., *op. cit.*, p. 234-237.

<sup>55</sup> LIVRO DE CONCÓRDIA: *As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*, p. 305-341

<sup>56</sup> LIVRO DE CONCÓRDIA: *As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*, p. 343-360.

<sup>57</sup> Embora rejeitasse peremptoriamente esta compreensão divina da autoridade papal, Melanchthon estava disposto a se submeter à autoridade do papa desde que fosse considerada de direito humano e o declarou na própria subscrição dos Artigos de Esmalcalde, cf. *Ibid.*, p. 340.

<sup>58</sup> Cf. *Ibid.*, p. 338.

própria – ela não pode originar artigos de fé, mas apenas apontar para eles. Isso não deve servir para desmerecer a autoridade da Igreja, mas sim para colocá-la no seu devido e próprio lugar.<sup>59</sup>

## 2.4.

### A Década de 1540 e 1550: o início e o aprofundamento das divergências

Melanchthon era um teólogo incansável, especialmente no que se referia a melhorar suas próprias obras teológicas. O exemplo mais claro disso são as várias edições de seu manual de dogmática *Loci Communes*. Mesma atitude ele teve com a Confissão de Augsburgo. Em 1540 ele publicou uma nova edição dela, com algumas alterações, especialmente no artigo que tratava da Ceia do Senhor e do arbítrio humano. Esta busca pela melhora do texto nunca foi vista com descrédito durante a vida de Melanchthon, nem mesmo por Lutero.<sup>60</sup> Esta nova edição veio a ser conhecida posteriormente como *Variata*, em contraposição à Confissão de Augsburgo que foi publicada em 1531, a *Invariata*. As discordâncias em torno da *Variata* causaram muita dissensão em campos luteranos após a morte de Melanchthon, em 1560. Em 1555 fora assinada a Paz de Augsburgo, que reconhecia legalmente apenas a Igreja Católica e a Igreja da Confissão de Augsburgo. Diversos ramos reformados procuraram encontrar amparo, então, na Confissão de Augsburgo e conseguiram fazê-lo através da edição *Variata*, especialmente o príncipe eleitor Frederico III do Palatinado, que havia se tornado calvinista e usou a *Variata* para ganhar reconhecimento político na década de 1560. Devido a questões políticas, com calvinistas buscando amparo neste texto de Melanchthon, a *Variata* veio a ser rejeitada em campos luteranos, e aderiu-se ao texto de 1531, a *Invariata*, trazendo grande descrédito para ele e contribuindo

<sup>59</sup> MELANCHTHON, F., *Melanchthon: Selected Writings*, p. 142.

<sup>60</sup> KOLB, R. Philip Melanchthon: Reformer and Theologian. In: *Concordia Journal* 23 (1997), p. 313.

para que muitos o vissem como traidor. Porém, vale ressaltar que antes da questão política entrar em cena, não houve dissenso sobre a *Variata*, pelo contrário, valorizavam-se os esforços de Melanchthon de manter a confissão do movimento evangélico (luterano) sempre atualizada.<sup>61</sup>

A melhoria do texto da Confissão de Augsburgo foi efetuada por Melanchthon em preparação para o colóquio teológico com representantes católico-romanos em 1541, em Ratisbona, sendo usada posteriormente também em todos os colóquios e dietas até 1557.<sup>62</sup> O Colóquio de Ratisbona foi um momento importante nos diálogos entre luteranos e católicos, pois apresentaram um início auspicioso, sinalizando um esforço em conjunto para buscar-se consenso em doutrina. Embora fosse evidente que havia muitos temas controversos, ambas as partes conseguiram concordar em temas como a queda em pecado, livre arbítrio e pecado original, até mesmo alcançando certa medida de acordo sobre a justificação pela fé. Porém, o tênue acordo seria logo relegado ao esquecimento, uma vez que ambos os lados foram repreendidos pelo que foram consideradas excessivas concessões e pelos eventos históricos que se sucederam: a guerra do imperador contra os príncipes luteranos da Alemanha e o início do Concílio de Trento.

Finalmente, em 1546, o imperador Carlos V se viu em condições de restabelecer a unidade religiosa em seu império. Ele avançou contra a Liga de Esmalcalde, que não havia concordado em participar do Concílio de Trento, o qual havia começado a reunir-se em 1545, e, contando com o apoio do duque Maurício, da Saxônia, que ambicionava obter o eleitorado de João Frederico, conseguiu derrotar as forças evangélicas na batalha de Mühlberg, em 24 de abril de 1547.<sup>63</sup> Para estabelecer o consenso doutrinário ele comissionou teólogos que redigiram o que ficou conhecido como o *Interim de Augsburgo*,<sup>64</sup> que basicamente restabelecia o ensino católico romano nas terras antes evangélicas.<sup>65</sup> Este

<sup>61</sup> KOLB, R. Philip Melanchthon: Reformer and Theologian. In: *Concordia Journal* 23 (1997), p. 313-14.

<sup>62</sup> MANSCHRECK, C., *Melanchthon: The Quiet Reformer*, p. 300.

<sup>63</sup> KOLB, R. *Confessing the Faith: Reformers Define the Church, 1530-1580*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1991, p. 63-64. Maurício era primo de João Frederico e genro de Felipe de Hesse, os dois líderes políticos do movimento luterano.

<sup>64</sup> O *Interim de Augsburgo* pode ser encontrado em KOLB, R., *Sources and Contexts of the Book of Concord*, p.146-182.

<sup>65</sup> O nome do documento era Fórmula para Reforma e foi publicada em 15 de Maio de 1548. Cf. KOLB, R., *Confessing the Faith: Reformers Define the Church, 1530-1580*, p. 65.

documento teria validade até que o Concílio de Trento propusesse uma formulação definitiva.

Melanchthon, que havia naturalmente assumido a liderança do movimento luterano na Alemanha após a morte de Lutero, em 18 de fevereiro de 1546, foi chamado junto com um grupo de teólogos para formular uma resposta ao documento imperial, que prescrevia exigências que não seriam facilmente aceitas em terras saxônicas. Maurício, que viu ruírem as garantias feitas por Carlos V antes da guerra, de que teria liberdade para continuar a professar a sua fé luterana sabia que, caso aceitasse o *Íterim*, enfrentaria muitas dificuldades para governar suas terras, já profundamente arraigadas na doutrina luterana. Ele, então, pediu a uma equipe de teólogos liderados por Melanchthon para formular uma alternativa ao *Íterim*, que pudesse atender à ordem do imperador e também à profissão de fé evangélica na Saxônia. Esta foi terminada em dezembro de 1548 e ficou conhecida como o *Íterim de Leipzig*,<sup>66</sup> o qual só foi parcialmente implementado nas terras de Maurício. Para conseguir encontrar um ponto de conciliação entre as exigências imperiais de retorno à fé católica romana e a profissão de fé luterana sobre a justificação pela fé, utilizou-se o conceito de *adiaphora*, isto é, coisas indiferentes. Os *adiáforos* eram as práticas e ritos exteriores que podiam ser realizados, uma vez que se preservasse a doutrina da justificação. O propósito último do documento compromisso de Leipzig era tentar evitar a ocupação das terras alemãs pelos soldados imperiais e a consequente eliminação do luteranismo, ao dar-se uma aparência católica romana às igrejas da Saxônia em suas práticas e cerimônias eclesiais.<sup>67</sup>

Para muitos a atitude de Melanchthon cheirava à traição, pois em época de perseguição religiosa não deveriam existir *adiáforos*. O menor ponto doutrinário se torna questão de suma importância. Devido à gravidade da situação, conceder num só ponto seria negar a fé.<sup>68</sup> Instigadas pela desconfiança da figura de

<sup>66</sup> O *Íterim de Leipzig* pode ser encontrado em KOLB, R., *Sources and Contexts of the Book of Concord*, p. 184-196.

<sup>67</sup> MANSCHRECK, C., *Melanchthon: The Quiet Reformer*, p. 280-86.

<sup>68</sup> A resistência e oposição ao *Íterim* de Augsburgo e à sua contraposta por parte de Maurício, o *Íterim* de Leipzig, foram mais amplamente expressas por teólogos do norte da Alemanha, onde a presença das tropas do imperador era menor. Entre os principais nomes se destacam Nicolau von Amsdorf, Joaquim Westphal e, especialmente, Matias Flacius (Ilírico). No sul da Alemanha, embora apresentando uma resistência menor, destacam-se João Brenz e Luís Rabus. Cf. KOLB, R., *Confessing the Faith*, p. 71-91.

Melanchthon que esta controvérsia sobre os adiáforos ocasionou, outras controvérsias teológicas surgiram: boas obras (controvérsia majorística), livre arbítrio (controvérsia sinérgica), santa ceia (controvérsia cripto-calvinista) e justificação (a controvérsia osiândrica). Dois grandes “partidos” emergiram, os gnésio-luteranos (luteranos genuínos), contrários à suposta traição do luteranismo por Melanchthon e defensores de uma volta à “verdadeira” teologia de Lutero, e a dos filipistas, defensores da teologia e da pessoa de seu mestre.<sup>69</sup> A polêmica quanto aos ínterims diminuiu com a Paz de Passau em 1552 e extinguiu-se com a Paz de Augsburgo, de 1555, que reconheceu a igreja da Confissão de Augsburgo.<sup>70</sup> As controvérsias, porém, continuaram e até se intensificaram durante toda a década de 1550, até à morte de Melanchthon. É por isso que, ao morrer, ele se considerava feliz por se ver livre da *rabies theologorum*.<sup>71</sup> Melanchthon veio a falecer no dia 19 de abril de 1560, aos 63 anos de idade.

As controvérsias teológicas e a divisão em partidos dentro do luteranismo lançaram uma sombra muito grande sobre a figura teológica de Melanchthon, e serão objeto de detalhada análise no último capítulo, após se abordar aspectos da teologia de Melanchthon no capítulo intermediário. No último capítulo também se procurará analisar as controvérsias que ainda hoje permeiam a historiografia do outro reformador de Wittenberg.

<sup>69</sup> ROGNESS, M., *Melanchthon: Reformer without Honor*, p. 122-139.

<sup>70</sup> O texto da *Paz de Augsburgo*, de 1555, pode ser encontrado em tradução para o português em BETTENSON, H. *Documentos da Igreja Cristã*. São Paulo: ASTE, 1967, p. 266-267.

<sup>71</sup> A fúria (raiva) dos teólogos. Cf. WRIEDT, M., *Between Angst and Confidence: Melanchthon as a Man of the Sixteenth Century*, p. 293 e SCHÜLER, A., *Filipe Melanchthon, Nascido para o Diálogo*, p. 23.

### 3

## A Teologia de Melanchthon

Descrever pormenorizadamente a teologia de um autor tão prolífico quanto Melanchthon é uma tarefa hercúlea, que vai muito além do escopo desta dissertação. O objetivo aqui é trazer à luz um pouco de sua contribuição teológica, que quase sempre paira na penumbra da obra dos reformadores, sobretudo Martinho Lutero, em uma perspectiva histórica. Procurar-se-á, assim, analisar a sua teologia como aparece em seu *Loci Communes Theologici*, escrito em 1521. Esta é a primeira obra sistemática de todo o movimento reformatório e por isso tem valor histórico especial. Após analisarmos a obra de 1521, ressaltaremos algumas mudanças ocorridas nas duas edições seguintes, de 1535 e 1543, que ilustram a evolução do seu pensamento teológico.

Além disso, também será exposta a sua eclesiologia, a qual foi desenvolvida tardiamente, na década de 1530. O desenvolvimento eclesiológico de Melanchthon está ligado diretamente ao seu envolvimento político-teológico na causa da Reforma como porta-voz da posição evangélica luterana. A *Confissão de Augsburg* e sua *Apologia* são obras de sua lavra, mas não apresentam ainda uma eclesiologia delineada. Por isso, será interessante fazermos um breve itinerário pelas situações e escritos que o fizeram desenvolver e aprimorar uma eclesiologia mais sólida, a qual só será encontrada no final da década de 1530, em uma obra sua chamada *Da Igreja e da Palavra de Deus*, de 1539.



### 3.1. *Loci Communes*

#### 3.1.1. Formação do Texto

A publicação de sua obra teológica mais importante se deu em 1521, sob o título “*Loci communes rerum theologicarum, seu Hypotyposes Theologicae. Auctore Philippo Melanchthone, Wittenbergae. An. MDXXI*”.<sup>72</sup> Em 1521, Melanchthon já contava três anos como professor de filosofia e teologia na universidade de Wittenberg. Na verdade, ele havia sido contratado para a cadeira de Grego na Universidade. Contudo, utilizou boa parte do tempo também para lecionar a análise e tradução de textos bíblicos. Ele lecionou sobre o texto grego do evangelho de Mateus e as epístolas de Paulo aos Romanos e a Tito. A partir de 1519, após receber o título de bacharel em teologia, passou a lecionar também disciplinas teológicas. As suas anotações sobre Romanos caíram nas mãos de seus alunos, que providenciaram a sua publicação, em 1520, sob o título que Melanchthon lhe dera, *Lucubrationcula*. Esta obra basicamente consistia nas anotações de um professor para a sua aula. Melanchthon não conseguiu suprimir a publicação da mesma, por isso se viu forçado a revisá-la e a publicá-la, sob o título mencionado acima.

Basicamente, o *Loci Communes* segue a ordem da epístola de Paulo aos Romanos.<sup>73</sup> Nela, Melanchthon não procura tratar todos os pontos da teologia,

<sup>72</sup> *The Loci Communes of Philip Melanchthon: with a critical introduction by the translator* (Traduzido por Charles Leander Hill). Boston: Meador Publishing Company, 1944, p. 52 (introdução crítica do tradutor).

<sup>73</sup> KOLB, R., The Ordering of the *Loci Communes Theologici*: The Structuring of the Melanchthonian Dogmatic Tradition. In: *Concordia Journal* 23 (1997), p. 321-22. Wengert ressalta o interesse e o foco de Melanchthon em Paulo durante os seus primeiros anos em Wittenberg: “From 1518 through 1522 Philip Melanchthon was completely preoccupied with the Apostle Paul and especially his letter to the Romans – a letter, as Melanchthon often stated, that provided the ‘scopus et methodus’ for the entire Scripture. If ever any Reformer could be accused of ‘Paulinocentrism’, it was the young Melanchthon during these years.” WENGERT, T. J. Philip Melanchthon’s 1522 Annotations on Romans and the Lutheran Origins of Rhetorical Criticism. In: *Biblical Interpretation in the Era of the Reformation*. Editado por R.A. Muller e J. L. Thompson. Grand Rapids: Eerdmans, 1996, p. 120.

conforme os escolásticos, ou então fazer exercícios intelectuais com respeito à ideia de Deus, mas sim utiliza uma abordagem prática, na qual procura abordar os principais temas da teologia cristã conforme Paulo.<sup>74</sup> A própria obra segue a estrutura da epístola aos Romanos, enfocando a antropologia, pecado, graça, lei, evangelho, justificação, fé, amor, magistrados. A abordagem de Melanchthon é retórica e os seus tópicos cobrem os pontos básicos da fé cristã, por meio dos quais se conhece a Cristo. Este conhecer, porém, não é apenas entretenimento intelectual para ele, mas sim: “Pois por meio deles [isto é, os tópicos] Cristo é propriamente conhecido, se de fato isto for conhecer a Cristo, a saber, conhecer os seus benefícios e não como eles ensinam, distinguir as suas naturezas e o modo de sua encarnação”.<sup>75</sup>

Assim, para o outro reformador de Wittenberg, conhecer a Cristo é uma experiência pessoal, existencial. A sua obra não pretende ser um tratado sistemático minucioso, mas sim uma organização metódica do conteúdo da Escritura (especialmente seguindo a ordem de Romanos), onde a pessoa pode buscar a certeza para a sua fé. Sua obra não tem um caráter informativo ou especulativo, mas sim retórico, visando convencer aquele que lê da obra de Cristo em seu favor.

O *Loci* logo contou com o louvor extravagante de Lutero em seu favor.<sup>76</sup> Também talvez porque através deles Melanchthon se apropria dos *insights*

<sup>74</sup> Wengert aponta que havia diversas obras sobre Romanos disponíveis a Melanchthon, como as do próprio Lutero, Jacques Lefèvre d'Étaples e Erasmo de Roterdã, além das obras de teólogos do passado, como Nicolas de Lira, Tomás de Aquino, Agostinho e Crisóstomo. Ele também fala das diferentes ênfases de cada obra, para poder ressaltar o caráter distintivo da abordagem melanchthoniana. Cf. WENGERT, T. J., *Philip Melanchthon's 1522 Annotations on Romans and the Lutheran Origins of Rhetorical Criticism*, p. 123-126. Também BAYER, O. Philip Melanchthon. In: *Pro Ecclesia*, 18 (2009), p. 141. Melanchthon aproveitou-se dos *insights* de Lutero, grandemente devedores a Paulo, sobretudo em sua epístola aos Romanos, para formular todo um sistema teológico a partir de Romanos, utilizando-se de seus temas básicos como colunas de seu pensar teológico. A guinada paulina de Melanchthon influenciaria todo o movimento reformatório posterior, inclusive Lutero e Calvino.

<sup>75</sup> MELANCHTHON, F., *The Loci Communes of Philip Melanchthon*, p. 68.

<sup>76</sup> O elogio à obra pode ser encontrado em LUTERO, M., *Obras Seleccionadas*, vol. 4, p. 17, em seu tratado *Da Vontade Cativa*, escrito contra Erasmo. O elogio à obra de Melanchthon é feito em comparação aos argumentos de Erasmo com relação ao livre-arbítrio: “Até [me] pareceu supérfluo responder a esses teus argumentos que foram tantas vezes refutados anteriormente também por mim, mas que foram conculcados e inteiramente esmagados pelo invencível livro de Filipe Melanchthon sobre os *Loci theologici*. Em minha opinião, ele não só é digno de imortalidade, mas também [de ser considerado] cânone eclesiástico. Comparado a ele, teu livro se me tornou tão sórdido e sem valor, que me compadecei muito de ti pelo fato de poluíres tua bela e engenhosa dicção com semelhante sordidez e me indignei com a materia indigníssima que

teológicos de seu colega. Ele não fez isso, porém, pela mera repetição, mas sim aplicando um método aprimorado pela sua educação humanista para a ciência teológica. A sua inovação está no fato de utilizar um sistema epistemológico que até então não havia sido utilizado na área dogmática, mas apenas na área da pregação, o qual era retórico por excelência e que, mais do que informar e aprofundar, tinha por objetivo convencer. Considerando que a obra foi publicada no final do mesmo ano em que Lutero foi excomungado, o impacto de tal obra não pode ser subestimado.<sup>77</sup>

Melanchthon, transformado pela teologia reformatória de Lutero, faz então com que a sua educação humanista frutifique no trabalho teológico de uma maneira impactante. Isto ele o faz ao introduzir um processo, transmitido pela retórica, dentro dos estudos teológicos. Este processo de catalogar pontos de vista [*Gesichtpunkte*] permite que uma estrutura de acordo e compreensão seja traçada. *Loci Communes* são os pontos de vista que foram passados adiante, sob os quais fatos podem ser articulados e descritos. Eles objetivam que, diante dos fatos, se possa perguntar pelo *quê* e pelo *quanto*, pela natureza das coisas, pelo *por que* e o *como*. Ainda mais, eles objetivam que se pergunte se o assunto trata de algo *verdadeiro* ou *falso*. A tais *loci* formal-categóricos correspondem os *loci* material: “leis gerais fixas da vida que são evidentes às pessoas a partir da natureza.” estes Melanchthon, “não sem razão, deseja chamar de leis naturais, isto é, afirmações gerais (*sententiae*), que são tão necessárias que o ouvinte normal não teria nada de contraditório para objetar contra elas”. *Loci Communes* são, portanto, os pontos de vista aos quais se deve prestar atenção para que se possa encontrar alguma coisa e para que se possa afirmá-la de tal forma que permita que se seja entendido.<sup>78</sup>

Porém, Melanchthon não se restringe a fazer do *Loci Communes* apenas um sumário da epístola aos Romanos, mas busca construir a sua obra de tal forma que ela venha a servir, a partir de Romanos, como uma estrutura e esboço das principais doutrinas bíblicas. Os seus argumentos são intrínsecos à Bíblia e tem por objetivo levar os que o leem a investigar mais a fundo o texto bíblico. Bayer vai caracterizar isto como humildade teológica de Melanchthon, pois ele não tem a intenção de formular um sistema teológico rígido, mas sim linhas mestras a se

---

é veiculada com tão preciosos argumentos de eloquência, como se rebotalho e esterco fossem transportados em recipientes de ouro e prata”.

<sup>77</sup>Lutero foi excomungado em 3 de janeiro de 1521, pela bula *Decet Romanum Pontificem*, de Leão X. Cf. <http://www.papalencyclicals.net/Leo10/110decet>.

<sup>78</sup>BAYER, O., *Philip Melanchthon*, p. 139-140.

seguir e a partir das quais se refletir e construir o saber teológico – não a partir de especulações, mas a partir das certezas que as Escrituras transmitem.<sup>79</sup>

Mais importante do que isto ainda, Melanchthon causa uma mudança de cento e oitenta graus no pensar teológico de então, ao buscar fazer teologia através de conceitos tirados de dentro da Escritura e não os impondo de fora, pois para ele: “a dogmática serve à interpretação das Escrituras; ela não a governa”.<sup>80</sup>

Assim, seguindo a estrutura de Romanos, pôde construir a sua própria obra e nela tratou dos seguintes temas:

1. Acerca das capacidades do ser humano, seus poderes, especialmente o Livre-Arbítrio
2. Acerca do pecado
3. Acerca da lei
4. Acerca do evangelho
5. Acerca da graça
6. Acerca da justificação e fé
7. Acerca da diferença entre Antigo e Novo Testamentos
8. Acerca das marcas (batismo, penitência, absolvição particular, ceia do Senhor)
9. Acerca do amor
10. Acerca das autoridades
11. Acerca das ofensas

Houve três grandes edições do Loci: a publicada entre 1521 e 1528; a segunda edição, publicada após revisão, entre 1535-1541; e a terceira, publicada entre 1543 e 1559.<sup>81</sup> Para descrever as ênfases teológicas de Melanchthon utilizaremos a primeira edição, também pelo seu valor histórico, sendo ela o

<sup>79</sup> BAYER, O., *Philip Melanchthon*, p. 142.

<sup>80</sup> *Ibid.*, p.142.

<sup>81</sup> MELANCHTHON, F., *The Loci Communes of Philip Melanchthon*, p. 50 (introdução crítica do tradutor).

primeiro manual de sistemática do movimento reformatório. Depois, para ressaltar alguns aspectos de progressão em seu pensar teológico, comentaremos sobre as mudanças efetuadas nas segunda e terceira edições.

### 3.1.2. O que é um *Locus*

Antes de entrarmos no conteúdo teológico de Melanchthon a partir do *Loci Communes*, torna-se importante esclarecermos um pouco mais o conceito do que seja um *Loci*. Ele pode ser buscado em Aristóteles, em sua obra *Topica*, na qual ele procura elaborar a sua dialética. Como por muito tempo as obras de Aristóteles que hoje se conhecem estiveram perdidas, a *Topica*, foi a sua única obra que se tornou conhecida e famosa. Ela veio a ser conhecida por Cícero e Quintiliano, os grandes oradores romanos.<sup>82</sup>

Com o grande sucesso de sua *Topica*, Aristóteles acabou fazendo o seu caminho no mundo romano como um grande dialético. Sua original contribuição para o campo do saber, distinguindo entre conhecimento e opinião (ou retórica e lógica/topica e analítica) havia sido perdida.<sup>83</sup> Para os oradores romanos, a retórica era a maneira por excelência para se acessar o conhecimento. Não existe conhecimento exato, todo o conhecimento é aproximação. Assim, os tópicos, ou *loci*, se tornam fundamentais na construção do saber. Isso porque o objetivo educacional era formar bons oradores.

Para Aristóteles, os tópicos são afirmações prováveis, por meio das quais se tenta tornar a dialética mais responsável à verdade, especialmente como fomentadora da retórica. Existe outra maneira de acessar o conhecimento, mais desejável e confiável, através da lógica. Já para Cícero, não existe outra maneira de acessar o conhecimento a não ser a partir dos *loci*:

---

<sup>82</sup> BREEN, Q. The Terms “Loci Communes” and “Loci” in Melanchthon. In: *Church History*, 16 (1947), p. 198.

<sup>83</sup> *Ibid.*, p. 199.

Portanto, para ele [Cícero] a dialética é fundamental como um meio de alcançar o conhecimento. A ferramenta fundamental da dialética como descobridora de conhecimento é o tópico ou *locus*. O *loci* não são mais apenas meros pontos de vista. Eles são *sedes argumentorum*, isto é, os veios que se escava para encontrar conhecimento. Eles são os poços de onde se tira a erudição. Estando ciente de que os *loci* de Cícero descobrem para nós o único tipo de conhecimento que existe, é compreensível que ele tenha magnificado os *loci* muito além dos limites estabelecidos por Aristóteles.<sup>84</sup>

Melanchthon, com sua educação humanista, segue as fontes clássicas ciceronianas e tem um viés retórico na busca do conhecimento, embora na edição de 1521 rejeite a dialética escolástica veementemente. Ele se apropria do método dos *loci*, reconhecendo que já fora usado de certa forma antes no campo da teologia, mas sem o proveito de organizá-los a partir do conteúdo da Escritura somente. Vejamos como ele mesmo os apresenta:

Nas ciências individuais certos tópicos ou elementos são merecedores de serem perscrutados, pelos quais o todo de cada ciência é compreendido. Estes tópicos devem ser considerados um objetivo para o qual todos os estudos devem ser direcionados. Agora na teologia nós vemos que os autores antigos fizeram deste o seu alvo de maneira cautelosa e prudente. Dos autores mais recentes, João de Damasco e Pedro Lombardo escolheram empilhar opiniões de homens em vez de apresentar o julgamento da Escritura. E embora eu não deseje que os estudiosos se detenham em um ponto, com disse acima, mesmo assim, estou dando esta quase necessária classificação por Particulares, de maneira a indicar, pelo menos, sobre quais tópicos o esquema todo se sustenta, e para o fim, de maneira que compreendam qual a direção a qual orientar os seus estudos.<sup>85</sup>

Para desenvolver seu sistema de *loci*, as influências imediatas foram de Rodolfo Agrícola e de Erasmo de Roterdã, ou seja, o humanismo do norte da Europa, muito mais ligado à reforma religiosa ética do que nos países do sul da Europa. Agrícola buscou reconstituir todo o conhecimento através de *loci*. Erasmo também, mas com um foco maior em reinterpretar o Cristianismo em *loci* ligados à ética.<sup>86</sup> Melanchthon os segue em seu método, rejeitando o pensar teológico medieval escolástico, que separava retórica e dialética.<sup>87</sup> Aliás, para alguns, mais

<sup>84</sup>BREEN, Q., *The Terms “Loci Communes” and “Loci” in Melanchthon*, p. 201.

<sup>85</sup>MELANCHTHON, F., *The Loci Communes of Philip Melanchthon*, p. 66.

<sup>86</sup>BREEN, Q., *op. cit.*, p. 202.

<sup>87</sup>Bayer explana sobre a recepção de Aristóteles em Melanchthon e como ele a combinou com sua formação humanista: “The way Melanchthon received Aristotle illuminates his own understanding of epistemology and theology. Melanchthon's reception of Aristotle is characterized by the fact that Melanchthon stressed the combination of dialectics with grammar

do que pontos teológicos em comum, o que mais uniu Melanchthon e Lutero de início foi o seu mútuo desprezo pela teologia (e filosofia) escolástica.<sup>88</sup>

Por fim, destacamos as palavras de Kolb, que resumizam o método dos *Loci*:

Melanchthon adaptou o método retórico dos humanistas mais antigos que estava na fundação de todo aprendizado: a identificação dos principais tópicos que definem um assunto e fornecem os materiais necessários para uma efetiva apresentação retórica deles. Ele tinha por pressuposto que a disciplina da teologia tinha como seu propósito principal a proclamação do evangelho de Jesus Cristo, e presumiu que a transmissão efetiva deste evangelho começa por organizá-lo de acordo com os tópicos que permitem a mensagem bíblica ser efetivamente comunicada ao povo de Deus.<sup>89</sup>

### 3.1.3. A Teologia dos *Loci*

Esta obra teológica de Melanchthon tem um interesse prático, procura tentar responder à pergunta “como pode uma pessoa ser salva?”. Nela ele apresenta aquilo que a Escritura ensina sobre Cristo e seus benefícios, sem perder tempo com aspectos mais especulativos, como a questão da unidade e da trindade em Deus, o mistério da Criação ou o modo de encarnação do Filho.<sup>90</sup> Ele quer tratar de temas específicos à salvação do ser humano através de Cristo. Ele tem um objetivo de persuasão em mente: “Irei delinear outro plano destes tópicos de

---

and rhetoric, and practiced this combination himself. He criticizes an isolation of dialectics, operative, as he saw, for centuries in the university domain. This isolation led to a formalistic emptiness, into "chimerical darkness." Over and against the dark Middle Ages Melanchthon sees his own era, as he programmatically states in his opening address in Wittenberg, as a time of *renascentes Musae* (reborn muses), of *litterae renascentes* (reborn literature), of *renascentia studia* (reborn [academic] pursuits)." BAYER, O., *Philip Melanchthon*, p. 148.

<sup>88</sup> BAYER, O., *Philip Melanchthon*, p. 137. A sua obra *Lutero e os Teólogos de Paris* se torna um exemplo disso. Nela ele defende Lutero da avaliação das suas obras feita pela universidade de Paris (Sorbonne), emitida após a excomunhão de Lutero em 2 de janeiro de 1521, através da Bula *Decet Romanum Pontificem*. Cf. MELANCHTHON, F., *Selected Writings*, p. 69-89. Esta também parece ser a sentença de Hill em sua introdução à tradução do *Loci Communes*. Cf. MELANCHTHON, F., *The Loci Communes of Philip Melanchthon*, p. 58.

<sup>89</sup> KOLB, R. Melanchthonian Method as a Guide to Reading Confessions of Faith: The Index of the Book of Concord and Late Reformation Learning, In: *Church History*, 72 (2006), p. 510.

<sup>90</sup> MELANCHTHON, F., *The Loci Communes of Philip Melanchthon*, p. 67-68.

maneira que eu venha a recomendar Cristo a você, para confirmar a sua consciência e para despertar a sua mente contra Satanás”.<sup>91</sup>

O que Melanchthon busca é fazer com que os que leem entendam o papel e a importância de Cristo para o cristão de forma individual, que não se trata apenas de informação, mas de confiança e apreensão daquilo que Cristo oferece, dos seus benefícios.<sup>92</sup>

A teologia dos *Loci Communes* está fundamentada na leitura que Melanchthon faz da Bíblia. Em suas teses de bacharelado ele já havia afirmado a primazia da Bíblia. Rieth ressalta: “Segundo Melanchthon, somente a Escritura é fonte da doutrina cristã. Os símbolos da Igreja antiga, inclusive o reconhecimento de sua obrigatoriedade, e certos escritos de padres eclesiásticos, assim como os de Lutero, têm sua autoridade e importância condicionadas à função de intérpretes adequados e reconhecidos da Escritura”.<sup>93</sup>

### 3.1.3.1. Livre-Arbítrio e Pecado

É interessante notar que a discussão teológica de Melanchthon não começa diretamente com os temas de lei e evangelho, pecado e graça, mas sim com a questão do livre-arbítrio. Ele se posiciona contrariamente ao ensino do livre-arbítrio como desenvolvido na Baixa Idade Média pelos teólogos escolásticos, especialmente Duns Scotus.<sup>94</sup> Rejeita especialmente o conceito de razão que

<sup>91</sup>MELANCHTHON, F., *The Loci Communes of Philip Melanchthon*, p. 69.

<sup>92</sup> Cf. citação n. 74.

<sup>93</sup> RIETH, R. W. O Pensamento Teológico de Filipe Melanchthon (1497-1560). In: *Estudos Teológicos* 37 (1997), p. 228. Steinmetz ressalta que a ênfase na Bíblia não implicava que se deixava de lado outras fontes teológicas, mas sim que colocava um ordenamento entre elas, fazendo com que fosse aceitável aquilo que estivesse em acordo com as Escrituras: “While it is true that the reformers were at first optimistic that it would be possible to teach and preach a theology that was wholly biblical, they rarely intended to exclude theological sources that were nonbiblical. They were not so much interested in *sola scriptura* as in *scriptura valde prima*, Scripture as the final source and norm by which all theological sources and arguments were to be judged, not Scripture as the sole source of theological wisdom.” STEINMETZ, D. C., *The Intellectual Appeal of the Reformation*. In: *Theology Today* 57 (2001), p. 464.

<sup>94</sup> MELANCHTHON, F., *The Loci Communes of Philip Melanchthon*, p. 79.



estava embebido de platonismo desde os primeiros séculos da igreja e que no decorrer da escolástica recebeu o influxo da filosofia aristotélica.<sup>95</sup> Podemos ter um lampejo logo de início da compreensão de Escritura Sagrada e revelação em Melanchthon e o porquê dele insistir na suficiência da Escritura:

Aquilo que é designado por ‘razão’ foi extraído do Platonismo, e é especialmente pernicioso. Pois assim como nestes últimos tempos a igreja tem escolhido Aristóteles em detrimento a Cristo, assim, imediatamente após o início da igreja, a doutrina cristã foi enfraquecida pela fusão da filosofia platônica. E assim acontece que, além das Escrituras canônicas, não há letras genuínas na igreja. Em geral, o que quer que tenha sido transmitido através de comentários, recende à filosofia.<sup>96</sup>

Ele rejeita a divisão tradicional da natureza do homem, reconhecendo apenas a faculdade da cognição e a faculdade da vontade (também chamada de afetos ou apetites). Rejeita qualquer outra espécie de divisão e mesmo esta só faz por fins didáticos, uma vez que compreende ambas como completamente integradas no homem e absolutamente sem liberdade.<sup>97</sup> A sua rejeição do livre arbítrio no homem se deve à a predestinação divina, que é a grande matriz orientadora de seu pensar teológico no *Loci Communes*. Para ele, teologicamente falando, as coisas acontecem por determinação da vontade de Deus. A importância de tal fio condutor de sua teologia ele mesmo ressalta:

Mas pode ser que eu pareça tolo ao discutir bem no início de tal obra um tópico tão difícil quanto o da predestinação, contudo, qual diferença haverá se eu mencionar como primeiro ou último tópico um assunto de se encaixa em todos os departamentos de minha explanação? E uma vez que o livre-arbítrio deve ser tratado em primeiro lugar, como eu poderia desconsiderar a opinião da Escritura quando ela destrói o livre-arbítrio pela necessidade da predestinação?<sup>98</sup>

Mesmo estabelecendo este pressuposto teológico, Melanchthon se dá ao trabalho de explicar sobre a razão humana em si. Ele admite livre-arbítrio somente em aspectos exteriores da vivência humana, naquelas coisas relacionadas a ações específicas cujas decisões cabem ao ser humano: comer ou não,

<sup>95</sup> Rieth destaca que desde muito cedo Melanchthon reconheceu o processo de “helenização do cristianismo”, fazendo dele um intérprete crítico da história eclesiástica. Cf. RIETH, R. W., *O Pensamento Teológico de Filipe Melanchthon (1497-1560)*, p. 228.

<sup>96</sup> MELANCHTHON, F., *The Loci Communes of Philip Melanchthon*, p. 70-71.

<sup>97</sup> *Ibid.*, p. 71-72.

<sup>98</sup> *Ibid.*, p. 80.

cumprimentar alguém ou não. Porém, para ele, este não é o livre-arbítrio do qual as Escrituras tratam e que é válido. Livre-arbítrio para ele está ligado ao fato de ter ou não controle sobre os afetos internos, que dominam e subjugam a vontade. Somente um afeto mais forte pode superar outro. Quando o comportamento exterior não condiz com os afetos do coração, é fingimento e simulação. Enquanto que a teologia escolástica defendia que os afetos seriam fraquezas da natureza humana, Melanchthon argumenta que eles são a própria força motriz da existência, a mais elevada e forte parte do homem, aquilo que a Escritura chama de “coração” e que ajudaria a evitar as desnecessárias distinções filosóficas que se infiltraram na teologia.

O ser humano não possui livre-arbítrio porque está sujeito ao pecado. Segundo Melanchthon, pecado é a intenção depravada do coração contra a lei de Deus.<sup>99</sup> A compreensão de pecado original se torna fundamental, pois ela é o ponto de partida para a utilização da chave hermenêutica de lei e evangelho que Melanchthon utiliza no *Loci Communes* e também para a compreensão de justificação.<sup>100</sup> Para ele, pecado original é, como para os teólogos escolásticos, a ausência da justiça original. Porém, não apenas como uma vulnerabilidade ou um defeito na natureza humana, mas sim como uma profunda corrupção, que toma conta de toda ela e atinge profundamente o ser humano que não produz outros frutos a não ser vícios.<sup>101</sup> Por mais que existam virtudes, elas nunca poderão impedir que a natureza humana produza toda sorte de maldade. Este pecado não é ação, é condição na qual vivem todos os seres humanos e que não envolve apenas o aspecto “material” do ser humano, isto é, o corpo, mas o ser humano holisticamente:

Agora, os sofistas chamam de carne o “apetite sensitivo”, esquecendo-se de todas as frases e tropos das Escrituras. Pois a Escritura ao usar a palavra carne se refere através dela não somente ao corpo, uma parte do ser humano, mas ao homem todo, tanto alma quanto corpo. E sempre que comparada com o espírito, refere-se os melhores e mais destacados poderes da natureza humana à parte do espírito. E,

<sup>99</sup> MELANCHTHON, F., *The Loci Communes of Philip Melanchthon*, p. 82.

<sup>100</sup> Esta importância da ideia de pecado para a teologia de Melanchthon é característica do pensar teológico do movimento luterano. Não à toa, Melanchthon, ao redigir a Confissão de Augsburg, apresentada ao imperador Carlos V, em 1530, colocou o artigo sobre o pecado original como o segundo artigo, logo após o artigo de Deus e antes do que fala sobre Cristo. Cf. LIVRO DE CONCÓRDIA: *As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*, p. 29, 64.

<sup>101</sup> MELANCHTHON, F., *op. cit.*, p. 86.

novamente, espírito refere-se ao próprio Espírito Santo, juntamente com os seus impulsos e obras dentro de nós.<sup>102</sup>

E ele conclui: “É suficiente que o cristão saiba que todas as obras naturais, todos os afetos das faculdades humanas e suas tentativas, são pecado”.<sup>103</sup>

### 3.1.3.2. Lei e Evangelho

Estes dois formam a chave hermenêutica para entendermos a doutrina revelada pelo *Loci Communes*.<sup>104</sup> É a dinâmica de lei e evangelho que vai superar o pecado humano e trazer ao ser humano salvação, em Cristo.

Quando fala de lei, o outro reformador de Wittenberg procura fazer a distinção entre lei natural e lei divina. Lei natural é aquela que é comum a todos os seres humanos, e à qual se pode chegar através do raciocínio lógico: “E assim a lei natural é o julgamento comum ao qual todos os seres humanos assentem e, portanto, o qual Deus inscreveu na alma de cada ser humano, adaptado a formar e moldar o caráter”.<sup>105</sup> Melancthon compara a descoberta da mesma à descoberta de princípios matemáticos. Embora a mente humana possa errar em muitos aspectos, ela acaba concordando que há três leis naturais comuns a todos os homens: 1) Deus tem que ser reverenciado; 2) Uma vez que se vive em sociedade, nenhum ser humano pode ser ferido; 3) A vida em sociedade requer que compartilhem as coisas.<sup>106</sup>

Já as leis divinas são aquelas que as Escrituras trazem e que se dividem em moral, judicial e cerimonial. As duas últimas não tem mais efeito sobre a vida cristã: a judicial por ser abolida no Novo Testamento e a cerimonial porque elas tinham a função de apontar para o Cristo que viria. No que se refere à lei moral, ela abrange a vida de todas as pessoas, indistintamente. Ela aponta para o estado

<sup>102</sup> MELANCHTHON, F., *The Loci Communes of Philip Melancthon*, p. 92.

<sup>103</sup> *Ibid.*, p. 110.

<sup>104</sup> RIETH, R. W., *O Pensamento Teológico de Filipe Melancthon*, p. 227.

<sup>105</sup> MELANCHTHON, F., *op. cit.*, p. 112.

<sup>106</sup> *Ibid.*, p. 113-116.

mais sublime de vivência cristã, não existindo qualquer outra espécie de vida mais santificada do que aquela que se ocupa em seguir os dez mandamentos. Com isso, Melanchthon rejeita a ideia de “conselhos evangélicos” e de votos monásticos como uma espécie de vida santificada superior, procurando mostrar que elas englobam nada mais do que já é dito para todos os cristãos seguirem, de acordo com as Escrituras.<sup>107</sup> Por fim, Melanchthon trata das leis humanas, englobando nelas tanto as leis das autoridades civis, quanto as leis sancionadas por pontífices da Igreja e concílios. Com respeito a estas, quando tratam de litígios e julgamentos, são semelhantes às civis, e se neste quesito estão conformes às Escrituras, são desnecessárias, pois já são cobertas pelas autoridades civis; quando não existentes nas Escrituras ou contrárias a estas devem ser abertamente rejeitadas.<sup>108</sup>

A partir da perspectiva da lei moral divina, que é uma cobrança sobre todos os seres humanos, pecado é visto como um débito, uma conta a ser paga e que aumenta estratosféricamente, em virtude da inabilidade humana em pagá-la: “Esta lei não pode ser satisfeita enquanto estamos na carne; não porque não seja exigido, mas porque todos nós somos devedores enquanto falhamos em pagar o que devemos, e isto é precisamente o que disse antes, que todos os seres humanos são sempre pecadores e sempre cometem pecado”.<sup>109</sup>

Já ao falar de evangelho, Melanchthon o identifica como “a promessa de graça, bênção e a benevolência de Deus através de Cristo”.<sup>110</sup> Assim, como a lei revela o pecado e suas terríveis consequências, o evangelho mostra a graça e o favor de Deus para com o ser humano. Lei e evangelho então trabalharão em consonância, não podem ser divididos, separados, mas apenas distinguidos, à medida que são administrados conjuntamente. Lembrando que a abordagem do *Loci* é retórica, isto é, procura orientar pregadores a como melhor organizar os

<sup>107</sup> MELANCHTHON, F., *The Loci Communes of Philip Melanchthon*, p. 117-130.

<sup>108</sup> “Neither Pontiffs nor councils nor the universal church have any right to change or decide any matter of faith. For articles of faith are to be determined in accordance with the order of Scripture. Nor must that be considered an article of faith which has been handed down outside of Scripture” *Ibid*, p. 131-32. Já em suas teses do bacharelado em teologia Melanchthon dissera coisa semelhante, porém somente aplicado aos concílios e não aos papas. MELANCHTHON, F., *Selected Writings*, p. 18, especialmente teses 16-18. Quanto aos concílios, ele diz: “Since it is clearer than the noonday sun that councils have often erred and can err, I ask you, reader, why ought that be considered an article of faith which has been decreed by a council without the voice of Scripture?” MELANCHTHON, F., *The Loci Communes of Philip Melanchthon*, p. 135.

<sup>109</sup> *Ibid.*, p. 121.

<sup>110</sup> *Ibid.*, p. 147.

principais conteúdos bíblicos para a pregação, a dinâmica lei e evangelho se torna a chave hermenêutica das Escrituras.<sup>111</sup>

Assim, lei e evangelho estão presentes em toda a Escritura Sagrada, em todas as suas partes, e tem funções específicas.<sup>112</sup> A lei tem o poder de revelar o pecado e faz com que as pessoas reajam de duas formas: em cegueira espiritual, achando que conseguem atender as exigências dela, vivendo de forma hipócrita;<sup>113</sup> e terror e angústia por não atenderem suas exigências, preparando o caminho para que a promessa do evangelho seja recebida. Já o evangelho traz consigo a palavra da promessa para as mentes atemorizadas pela lei, palavra esta baseada na graça de Deus. Ele tem o poder de nos conceder aquilo que a lei exige de nós, não ao nos capacitar a fazer algo, mas sim ao nos conceder a graça de Deus.<sup>114</sup>

<sup>111</sup> KOLB, R., *The Ordering Of the Loci Communes Theologici: The Structuring of the Melancthonian Dogmatic Tradition*, p. 319, n.10: “For Melancthon Law and Gospel describe two forms of the content of God’s Word: Gospel presents God’s saving work while Law presents the divine demand for specific human performance which God wrote into human nature as its design. At the same time it is also clear that for Melancthon “Law and Gospel” and the proper distinction between the two refer to a skill or method which brings the power of each of these forms of God’s Word to effective working in the lives of their hearers. Thus, the result of the theological activity can be measured in terms of a proper understanding and use of Law and gospel. Cf. his evaluation of teachers of the church in the preface to the collected writings of his friend and colleague, Prince Georg of Anhalt, CR 8:544 (1555): ‘Origen, Chrysostom, and later Thomas [Aquinas] and many others strayed from the right path because they did not really understand the basis of Christian teaching and did not clearly distinguish Law and gospel. Ambrose and Augustine understood its basis better but they could not express their understanding clearly’”.

<sup>112</sup> “Of the whole of Scripture there are two parts: the law and the gospel. The law indicates the sickness, the gospel the remedy. To use Paul’s words, the law is a minister of death, while the gospel is a minister of life and peace. ‘The strength of sin is the law’ I Cor. 15:56, the gospel is the power or strength of salvation to everyone that believes. Nor has the Scripture so narrated law and gospel in such a manner that one would regard as gospel what Matthew, Mark, Luke and John have written, and as law what Moses has recorded. But the plan of the gospel is scattered; there are promises in both the Old and New Testaments. And again, laws are scattered throughout all the books of the Old and New Testaments. Nor are the periods of law and gospel to be discriminated as is commonly thought, although sometimes law, sometimes gospel one after the other have been revealed. Every period that occurs to my mind is a period of law and gospel just as men in every period are justified in the same way: sin being revealed by the law, and grace through a promise or the gospel”. MELANCHTHON, F., *The Loci Communes of Philip Melancthon*, p. 144-45.

<sup>113</sup> E esta para Melancthon é a loucura da teologia escolástica, que filosoficamente discorre sobre a possibilidade de se conseguir mérito diante de Deus ao cumprir a lei, ao achar que pode afirmar-se diante da pregação de lei de Deus. Para ele seria como um paciente achar que está curado apenas ao ficar sabendo do seu diagnóstico, sem que recebesse a medicina necessária. Cf. citação anterior.

<sup>114</sup> “He [Paul] calls grace the favor of God, the favor by which God comprehends in Christ and for Christ’s sake, all the saints. Then because he favors us, God cannot but pour out his gifts upon those whom he has commiserated. It is just as if men assisted those whom they favor and shared their possessions with them.” MELANCHTHON, F., *The Loci Communes of Philip Melancthon*, p. 170.

A este processo de lei e evangelho pelo qual passa o homem que é exposto à Palavra de Deus e que crê na promessa que lhe é oferecida é chamado de justificação. É por meio da fé na promessa estendida através de Cristo que o ser humano passa a ter justiça diante de Deus e não por aquilo que possa vir a fazer.

Somos justificados quando, mortificados pela lei, somos levantados pela obra de graça que é prometida em Cristo, ou no evangelho que perdoa pecados; e quando nos agarramos a Cristo, não duvidando em nada que a justiça de Cristo é a nossa justiça, que sua satisfação é a nossa expiação, que a sua ressurreição é a nossa. Resumindo, não duvidando por um momento que nossos pecados foram perdoados e que Deus nos ama e cuida de nós. Nossas obras, não importa o quão boas sejam, não constituem a nossa justiça. Pois a justiça é fé somente na misericórdia e graça de Deus em Jesus Cristo. Isto é aquilo a que Paulo se refere quando diz: ‘O justo viverá por fé’.<sup>115</sup>

Porém, fé para Melanchthon não é o mero assentimento que se dá àquilo que está nas Escrituras,<sup>116</sup> conforme ensinavam os escolásticos, mas sim: “dependência da divina misericórdia prometida em Cristo”.<sup>117</sup> Ele rejeita a concepção medieval de que a fé era algo incompleto, que precisava ser completada ou aperfeiçoada pelo amor, mas enfatiza que ela significa “confiar na misericórdia gratuita de Deus sem prestar qualquer atenção às nossas obras, sejam elas boas ou más, porque todos recebemos da plenitude de Cristo”.<sup>118</sup>

Porém, é claro que esta fé não é inoperante. Pelo contrário, ela é ativa e compartilha os mesmos impulsos que recebeu de Deus:

Pois quando, pela fé, provamos da misericórdia de Deus e conhecemos a bondade divina através de sua palavra do evangelho que perdoa os nossos pecados e promete graça, a alma não pode evitar amar a Deus em retorno e ficar contente e expressar

<sup>115</sup> MELANCHTHON, F., *The Loci Communes of Philip Melanchthon*, p. 171-172.

<sup>116</sup> *Ibid.*, p. 195.

<sup>117</sup> *Ibid.*, p. 177.

<sup>118</sup> *Ibid.*, p. 178. Também: “love does not justify a man; the more so because no man loves as he ought. Faith alone justifies, a faith that relies not on its own merits, but only on the mercy of God.” p. 206. No final ele também traz uma breve discussão da função do amor, cf. p. 260-262. Em 1532, Melanchthon escreveu especificamente sobre o assunto em uma pequena disputa intitulada “We are Justified by Faith and not by Love”, onde ele sustenta a mesma posição, apenas aprofundando um pouco mais. Cf. KOLB, R. *Sources and Contexts of the Book of Concord*, p. 140-143. Destaca-se a tese 36, que evidencia a total rejeição da concepção de fé medieval: “When we say that faith alone justifies, this must be understood not only to mean that in the beginning it receives the forgiveness of sins or turns to God, but also that thereafter faith alone is regarded as righteousness by God even though the fulfillment of the law necessarily follows it. Truly this fulfillment of the law is not acceptable in God’s sight except on account of faith.” p. 143.

esta gratidão através de certa bondade mútua por tamanha graça. [...] Portanto ela [a mente] compartilha de si mesmo com todos aqueles que são próximos e os serve, colocando a si mesmo à disposição deles, considerando as necessidades deles como sendo suas, fazendo tudo por todos candidamente, sinceramente, sem egoísmo e sem malícia. Esta é a eficácia da fé como se evidenciam pelas obras daqueles cujos corações estão possuídos pela fé verdadeira.<sup>119</sup>

Por fim, se ressalta que amor e esperança procedem da fé, que já experimentou da misericórdia de Deus e, assim, ama a Deus e ao próximo e também aguarda por aquilo que foi prometido na Palavra de Deus, para que se cumpra.<sup>120</sup> Melanchthon também lida com a aparente contradição de Paulo e Tiago, ao dizer que Tiago censura não aqueles que tem fé somente, mas sim os que se enganam achando que fé é apenas uma opinião histórica sobre Cristo e não algo vivo, que produz fruto.<sup>121</sup>

### **3.1.3.3. Sacramentos, Magistrados e Ofensas**

Na última sessão do livro, Melanchthon trata dos sacramentos. Ele reconhece dois sacramentos, diferentemente de Lutero em seu livro *Do Cativo Babilônico da Igreja*, do ano anterior, que defende que haja três.<sup>122</sup> Para Melanchthon, o sacramento da penitência é o desenvolvimento do sacramento do batismo na vida diária.<sup>123</sup> A validade dos dois sacramentos está ligada à instituição de Cristo.<sup>124</sup>

Melanchthon chama os sacramentos de sinais, ou ainda sinais sacramentais.<sup>125</sup> São sinais da graça de Deus para tornar a pessoa mais certa desta

<sup>119</sup> MELANCHTHON, F., *The Loci Communes of Philip Melanchthon*, p. 202-203.

<sup>120</sup> *Ibid.*, p. 204-205.

<sup>121</sup> *Ibid.*, p. 207

<sup>122</sup> LUTERO, M., *Obras Seleccionadas*, vol. 2. p. 349.

<sup>123</sup> “That which baptism signifies is carried on until such a time as we forthwith rise from the dead. True penance properly speaking is what is signified by baptism. And besides, baptism is the sacrament of penance”. MELANCHTHON, F., *The Loci Communes of Philip Melanchthon*, p. 245.

<sup>124</sup> *Ibid.*, p. 242-243.

<sup>125</sup> *Ibid.*, p. 241.

graça. Ele tenta rechaçar o ensino escolástico de que o sacramento por si só justificava, independente da fé daquele que participa:

Sinais não justificam, como diz Paulo em 1 Co 7.19: ‘Circuncisão é nada’ e assim batismo e participação na mesa do Senhor são nada além de testemunhos και σφραγιδες da vontade divina em seu favor. E a sua consciência, se tiver a menor dúvida, recebe certeza por meio deles da graça e benevolência de Deus neles.<sup>126</sup>

Quanto à Ceia, Melanchthon não entra na discussão sobre a presença de Cristo na Ceia. Antes ele já havia refutado, de passagem, o dogma da transubstanciação como invenção sem base escriturística.<sup>127</sup>

Por fim, fala-se dos magistrados, ressaltando as funções dos civis e eclesiásticos. Quanto aos primeiros, deve-se rejeitá-los quando vão contra a palavra de Deus, mas segui-los quando zelam pelo bem público. Ainda, devem ser suportados quando se tornam tirânicos, embora a pessoa possa buscar se livrar de tal opressão, através de meios lícitos. Quanto aos segundos, devem ser obedecidos quando ensinam de acordo com a Escritura, rejeitados quando ensinam contrariamente e desprezados se criam leis para prender consciências. Também se fala da ofensa, exortando-se para que cada um evite o dar motivo de escândalo. Porém, também não se deve aceitar práticas contrárias à Escritura. Resisti-las não se torna motivo de escândalo.<sup>128</sup>

<sup>126</sup> MELANCHTHON, F., *The Loci Communes of Philip Melanchthon*, p. 240. σφραγιδες pode significar sinais ou selos. É utilizado, por exemplo, em Apocalipse 7.2-3, para se referir ao sinal recebido na testa pelos servos de Deus por parte do anjo de Deus. Melanchthon pode estar fazendo alusão a este texto, interpretando-o como uma maneira simbólica do autor de Apocalipse se referir ao batismo.

<sup>127</sup> *Ibid.*, p. 136.

<sup>128</sup> *Ibid.*, p. 262-266.



### 3.2.

#### **O Desenvolvimento Posterior: as edições de 1535 e 1543 do *Loci Communes***

O *Loci Communes* de 1521 apresenta um Melanchthon totalmente tomado pela descoberta reformatória e que a utiliza dentro do seu sistema de pensamento humanista. Ele não segue a tradição medieval ao expor a teologia e também mostra uma rispidez quanto à filosofia, descartando-a de imediato. À medida que as necessidades pedagógicas crescem, porém, ele apresenta transformações em sua teologia que, ainda que não o faça rejeitar posicionamentos anteriores, o leva a reapreciar diversos aspectos. Estas mudanças ficam evidentes em sua segunda edição do *Loci Communes*, de 1535, depois publicada em uma terceira edição, com muito pequenas alterações, em 1543.<sup>129</sup>

A primeira mudança, bastante evidente é a reorganização do material. A sequência dos itens em si permanece a mesma, porém ele acrescenta no início os tradicionais tópicos sobre a Trindade e a encarnação e sobre a criação. Com isso, ele se ajusta à tradição dos mestres antigos da Igreja. Conforme explicita Kolb:

Na segunda edição de seu *Loci*, publicada em 1535, Melanchthon alterou de maneira significativa a natureza de sua obra, expandindo a argumentação contida em cada tópico, e ele também retornou a uma estrutura ou ordem mais similar à tradição medieval. Contudo, a sua dependência daquela tradição não é tão significativa quanto a reedição de sua estrutura. Embora o formato inevitável do pensamento bíblico venha a emergir em linhas gerais de forma similar aos contornos estabelecidos por João de Damasco e Pedro Lombardo, mesmo na forma de seu sistema (para não falar nada de seu conteúdo), tanto a orientação luterana de Melanchthon e – diz ele – a permanente influência de Paulo se faz evidente. Pois na epístola dedicatória ao rei Henrique VIII da Inglaterra, ele reivindica não estar seguindo um novo método, uma vez que não somente o damasceno e Lombardo, mas também Cipriano e Agostinho, e mesmo Orígenes arrumaram desta forma os principais tópicos da doutrina cristã. Na raiz do processo, porém, permanece o

<sup>129</sup> A análise do conteúdo e as citações que se seguirão serão da edição de 1543 do *Loci Communes* conforme a terceira edição encontrada em MELANCHTHON, F., *Loci Communes 1543*, St. Louis: Concordia Publishing House, 1992. Traduzido por J. A. O. Preuss. Quanto às mudanças na teologia de Melanchthon: “O que é novo pode ser reconhecido no Comentário a Romanos (1532) e nos *Loci* de 1535.” RIETH, R. W., *O pensamento Teológico de Filipe Melanchthon (1497-1560)*, p. 226. A mudança mais significativa entre a segunda e a terceira edição do *Loci Communes* é a mudança do tópico “Sacramentos” que, na segunda edição, vem logo após a graça e justificação e seus correlatos, como fluindo diretamente através de Cristo, depois vindo o tópico “Da Igreja” e, na terceira edição, vem logo após o tópico “Da Igreja”, dando a entender que vem de Cristo, através da Igreja. Cf. KOLB, R., *The Ordering of the Loci Communes Theologici: The Structuring of the Melanchthonian Dogmatic Tradition*, p. 330-331.

exemplo de Paulo que, em sua epístola aos Romanos, estabeleceu o seu tratamento dos tópicos sobre a causa do pecado, o uso da Lei e os benefícios de Cristo.<sup>130</sup>

O seu tratamento da Trindade é tradicional, enfatizando a unidade básica e a distinção das pessoas, mas ele acentua o total envolvimento das três pessoas com a sua criação:

Dissemos que as criaturas foram criadas pelo Pai, o Filho e o Espírito Santo. Isto é afirmado em vários lugares do Antigo e do Novo Testamentos, como em João 1.4 em conexão com o Logos, e em Gn 1.2 em conexão com o Espírito Santo. Assim, devemos sempre ter em mente que o princípio da criação das coisas e a sua preservação é expressamente a obra de toda a Trindade, o eterno Pai, Filho e Espírito Santo.<sup>131</sup>

Ao falar da criação, no artigo dois, Melanchthon está preocupado em apontar para a veracidade da existência de Deus, elencando “provas” da mesma, similar à tradição escolástica. As provas são: 1. Ordem na natureza; 2. inteligência humana deve provir de outra, superior; 3. noção da diferença entre o que é nobre e o que é vergonhoso; 4. ideia de Deus impregnada na natureza humana; 5. os problemas de consciência do ser humano; 6. a ordem na sociedade; 7. necessidade de uma causa primeira; 8. necessidade de causas finais serem pré-determinadas por alguém; 9. profecia – alguém deve ter visto primeiro e depois revelado para um ser humano.<sup>132</sup>

Especialmente neste artigo e nos dois seguintes, sobre a causa do pecado e o livre-arbítrio, vemos que Melanchthon retoma muito da linguagem filosófica utilizada pela teologia de outrora.<sup>133</sup> Outra alteração significativa se refere à sua doutrina do livre-arbítrio. Antes ele defendia uma doutrina similar à de Lutero, enfatizando que a vontade do ser humano é cativa, não pode decidir-se por Deus, enquanto que a partir da segunda e terceira edições do *Loci Communes* ele elenca três causas da conversão: a Palavra de Deus, o Espírito Santo e a vontade humana

<sup>130</sup> KOLB, R., *The Ordering of the Loci Communes Theologici: The Structuring of the Melanchthonian Dogmatic Tradition*, p. 323.

<sup>131</sup> MELANCHTHON, F., *Loci Communes* 1543, p. 20.

<sup>132</sup> *Ibid.*, p. 34-35.

<sup>133</sup> *Ibid.*, p. 36-46.

que “assente e não se opõe à Palavra de Deus”.<sup>134</sup> Também outra mudança significativa, talvez devido a esta nova abordagem com respeito ao livre-arbítrio é a ênfase dada à doutrina da predestinação, tão fundamental nos *Loci* de 1521, mas que agora é deslocada para o fim, sendo apenas o artigo quatorze.<sup>135</sup> Chama a atenção agora o que ele diz: “devemos julgar com respeito à nossa eleição não na base da Lei, mas na base do Evangelho.”<sup>136</sup>

As mudanças adicionam à teologia paulina de Melanchthon a doutrina trinitária de João.<sup>137</sup> Além disso, elas apresentam um Melanchthon mais preocupado com questões didáticas do que pastorais, que procura através do conteúdo e também da forma (isto é, a disposição dos artigos em si) apresentar a totalidade da fé cristã:

Quando expandiu o seu sistema de tópicos em 1535, Melanchthon abandonou a abordagem pastoral, existencial, de 1521, a qual colocara o início do estudo doutrinal em meio à vida cristã e seu encontro com as Escrituras no tópico inicial do “livre-arbítrio”, e retornou à tradição dogmática da igreja. Ele iniciou onde, por exemplo, João de Damasco e Pedro Lombardo estiveram, com a doutrina de Deus. Isto faz sentido para um instrutor encarregado com a tarefa de organizar todo o corpo de ensino bíblico para estudantes. Pois o ponto de partida mais pastoral e existencial da edição anterior remeteu à doutrina de Deus quando apresentado em sala de aula.<sup>138</sup>

<sup>134</sup> MELANCHTHON, F., *Loci Communes* 1543, p. 43. Rieth comenta que a nova edição do *Loci Communes* “trata-se de uma exposição sistemática geral da doutrina cristã determinada em suas particularidades pela verdade reformatória, mas ao mesmo tempo harmonizada com o que julga verdadeiro na filosofia.” RIETH, R. W., *O pensamento Teológico de Filipe Melanchthon (1497-1560)*, p. 226.

<sup>135</sup> MELANCHTHON, F., *op. cit.*, p. 172-175. As 3 causas da conversão são repetidas aqui, na p. 173.

<sup>136</sup> *Ibid.*, p.172. Contrasta com a citação da n. 27, que traz a predestinação como necessidade, portanto, como lei.

<sup>137</sup> RIETH, R. W., *op. cit.*, p. 227.

<sup>138</sup> KOLB, R., *The Ordering Of the Loci Communes Theologici: The Structuring of the Melanchthonian Dogmatic Tradition*, p. 328.

### 3.3. Eclesiologia

#### 3.3.1. O Caminhar Eclesiológico

No final da década de 1530, Melanchthon já tinha amadurecido o seu pensar teológico, especialmente no sentido de desenvolver uma eclesiologia. Nunca foi a intenção do movimento reformatório seccionar a Igreja, especialmente Melanchthon. Porém, ao final da década de 1520 e no início da seguinte alguns fatores contribuíram para um distanciamento cada vez maior entre protestantes e católicos romanos e uma institucionalização maior do movimento reformatório.

O primeiro deles, pode ser identificado com a resistência aos líderes mais fanáticos, entusiastas, que se ligaram à Revolta dos Camponeses e também a repulsa pelos anabatistas. Os luteranos queriam se distanciar de reformadores mais radicais e espiritualistas. Por isso, constantemente se opuseram àqueles que alegavam que a viva palavra de Deus era aquela que era oralmente proclamada, em detrimento do que alegavam ser a letra morta da Escritura. Entre eles se destacava Tomás Müntzer.<sup>139</sup> Não é difícil de adivinhar que Melanchthon, grande proponente da primazia das Escrituras na definição do ensino cristão, se opunha frontalmente a tal concepção. Também o fato de que muitos destes pregadores espiritualistas, especialmente Muntzer, se ligaram aos levantes camponeses na Turíngia, região vizinha à Saxônia, acabou contribuindo para o repúdio a essa pregação chamada de entusiasta.<sup>140</sup> Os reformadores vieram a tomar o partido dos

<sup>139</sup> Para um exemplo da interpretação da Palavra de Deus como aquela que é oralmente proclamada pelos seus profetas, independentemente das Escrituras, ver a carta de Müntzer a Melanchthon, de 1522, em MATHESON, P. (ed.). *The Collected Works of Thomas Müntzer*. Edinburgh: T&T Clark, 1994, pp. 43 – 46.

<sup>140</sup> Em 1525 Melanchthon publicou um escrito intitulado “A história de Tomás Müntzer, o iniciador da sublevação na Turíngia – muito útil de se ler”, que se encontra em tradução espanhola em ZORZIN, A., *Perspectivas Protestantes em la Historia: Ensaíos y Documentos: Martin Lutero, Felipe Melanchthon, Dietrich Bonhoeffer*. Buenos Aires: Edición del autor, 1997, p. 123-144. Neste escrito ele conta, de forma bastante passional, a carreira de Müntzer e sua liderança sobre os camponeses rebeldes.

príncipes, alinhando-se com seus interesses, embora pudessem ver pertinência nas reivindicações campensinas.<sup>141</sup>

Já a repulsa pelos anabatistas e suas doutrinas sacramentais, especialmente do batismo, foi algo sempre evidente entre os reformadores, também Filipe Melanchthon. Em especial, ele rejeita a alegação anabatista de que o batismo infantil não tem comprovação bíblica, sustentando que ele é necessário em vista do pecado original. Em 1528, ele produziu um escrito contra os anabatistas<sup>142</sup> e depois outro também em 1536, onde antes de tratar da questão do batismo infantil, aborda também diversas questões referentes a deveres civis que eram negados pelos anabatistas.<sup>143</sup>

Outro evento que levou os reformadores a terem que pensar na forma da igreja na Saxônia foi a precária situação das paróquias e das escolas. Nos anos de 1527 e 1528 foram empreendidas visitas nas igrejas e paróquias, especialmente com o intuito de verificar o estado do ensino da palavra de Deus. Melanchthon tomou parte nesta visita e escreveu importante obra com instruções dos visitantes para as paróquias.<sup>144</sup> Nela ele propõe uma reforma educacional com ideias muito avançadas, que pode ser considerada a contraparte educacional dos catecismos escritos por Lutero em 1529, que tinham o fim de instrução religiosa.<sup>145</sup>

<sup>141</sup> Cf. ZORZIN, A., *Perspectivas Protestantes em la Historia: Ensaio y Documentos: Martin Lutero, Felipe Melanchthon, Dietrich Bonhoeffer*, p. 94-95. De acordo com Zorzin, Melanchthon era um defensor da ordem social vigente. Acreditava que qualquer levante contra a ordem provinha do diabo que queria acabar com a ordem estabelecida por Deus no mundo. Também em 1525 Melanchthon já havia produzido “Um Escrito de Filipe Melanchthon Contra os Artigos do Campesinato” onde reconhecia como justas as reivindicações dos artigos do campesinato, porém não a maneira pela qual intentavam consegui-la, pela força e revolta. Uma tradução para o português, MELANCHTHON, F., *Biblioteca da Escola Superior de Teologia, H203-3/10A*, p. 235-275. Manuscrito.

<sup>142</sup> MELANCHTHON, F., *Selected Writings*, p. 103-122.

<sup>143</sup> MELANCHTHON, F., *Biblioteca da Escola Superior de Teologia, H203-3/10A*, p. 215-233 (Confutação de Alguns Artigos Acristãos, que os Anabatistas Alegam. Tradução de I. Kayser). Manuscrito.

<sup>144</sup> *Ibid.*, p. 119-209. (Instrução dos Visitadores para os Párocos. Tradução de W.O. Schlupp e I. Kayser).

<sup>145</sup> Quanto à influência de Melanchthon na reforma da educação secundarista e universitária na Alemanha, a qual ele empreendeu na prática em muitas oportunidades, Manschreck declara: “Under Melanchthon's instruction and influence were brought forward all the great model instructors of the times. When he died there was hardly a city in Germany which did not have a teacher who had been trained by him. The influence thus exerted by Melanchthon on secondary and higher education in Germany is beyond estimate.” MANSCHRECK, C. The Bible in Melanchthon's Philosophy of Education. In: *Journal of Bible and Religion* 23 (1955), p. 203. Os catecismos de Lutero foram escritos em 1528. Fazem parte dos escritos confessionais luteranos e

Em 1530 encontramos a importante *Confissão de Augsburgo* e a sua *Apologia*, em 1531. Embora procurem apresentar as principais doutrinas da Igreja Cristã, elas não possuem uma eclesiologia evidente. Contentam-se em afirmar o que a Igreja é e onde pode ser encontrada. Isso se justifica porque neste momento os luteranos estavam exatamente tentando demonstrar que faziam parte da Igreja Católica Romana, por isso a ênfase está na demonstração dos pontos comuns e não das diferenças.<sup>146</sup> A concepção de igreja é a mesma, acredita-se, sendo que o que nela se enfatiza é a primazia da Palavra de Deus dentro da Igreja.<sup>147</sup>

Avançando na década de 1530, encontramos os *Artigos de Esmalcalde*, escrito por Martinho Lutero, no qual os cristãos luteranos tentaram esboçar sua posição para um possível concílio ecumênico, que esperavam ser convocado em 1537, na cidade de Mântua.<sup>148</sup> Melanchthon subscreveu estes artigos. No mesmo ano ainda, Melanchthon publicou um escrito polêmico intitulado *Tratado sobre o Poder e o Primado do Papa*,<sup>149</sup> no qual rejeita a autoridade do papa na igreja como sendo de origem divina e também procura delimitar o poder e a jurisdição dos bispos. Quando da publicação do Livro de Concórdia, mais de 40 anos depois, o documento acabou anexado aos *Artigos de Esmalcalde*.<sup>150</sup> Quem lê o tratado de Melanchthon pensa que ele é irredutível quanto ao papado, rejeitando-o completamente. Porém, ao ler a sua subscrição dos *Artigos de Esmalcalde* acaba se surpreendendo ao perceber que ele está disposto a aceitar a autoridade do papa desde que seja de direito humano, e não divino.<sup>151</sup>

---

tem sido o principal manual de instrução cristã entre luteranos por cerca de 500 anos. Podem ser encontrados em LIVRO DE CONCÓRDIA: *As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*, p. 385-496. Uma boa (e nova!) tradução para o português do Catecismo Maior de Lutero foi disponibilizada recentemente: LUTERO, M. *Catecismo Maior*. São Leopoldo e Porto Alegre: Sinodal e Concórdia, 2012.

<sup>146</sup> A Confissão de Augsburgo trata da Igreja nos artigos VII e VIII. LIVRO DE CONCÓRDIA: *As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*, p. 31-32. A apologia da Confissão procura expandir este tema. *Ibid.*, p. 177-187.

<sup>147</sup> Kolb enfatiza isto em seu artigo sobre a eclesiologia luterana a partir dos escritos do Livro de Concórdia, especialmente ao referir-se à Confissão de Augsburgo e sua Apologia. No final ele diz que a definição da eclesiologia luterana é um dilema, para o qual não há solução definitiva, mas apenas indicações, a partir das Confissões Luteranas e dos escritos de Lutero e Melanchthon. KOLB, R. The Sheep and the Voice of the Shepherd: The Ecclesiology of the Lutheran Confessional Writings. In: *Concordia Journal* 36 (2010), p. 324-341.

<sup>148</sup> BOOK OF CONCORD: *The Confessions of the Evangelical Lutheran Church*. KOLB, R.; WENGERT, T. J. (ed). Minneapolis: Fortress Press, 2000, p. 295-328.

<sup>149</sup> *Ibid.*, p. 329-344.

<sup>150</sup> *Ibid.*, p. 330 (introdução do editor).

<sup>151</sup> “Eu, Filipe Melanchthon, também considero os artigos acima corretos e cristãos. Quanto ao papa, entretanto, penso que, caso se disponha a admitir o evangelho, também nós lhe podemos

### 3.3.2. A Eclesiologia de Melanchthon

Por fim, chegamos em 1539, ano de *A Igreja e a Autoridade da Palavra*.<sup>152</sup> Neste escrito Melanchthon se ocupa da questão da Igreja e de sua definição com mais extensão, embora não seja uma obra exaustiva. Para entender a sua eclesiologia, torna-se fundamental a sua compreensão de Palavra de Deus. Melanchthon abertamente rejeita a reivindicação de que a autoridade da Igreja é primária à autoridade da Palavra de Deus. Ele vê nisso um pretexto para tirania e despotismo na Igreja, quando não há uma regra pela qual julgar – objetiva, mensurável – a doutrina na Igreja.<sup>153</sup> A perspectiva de Melanchthon de Palavra de Deus, muitas vezes equacionada com as Escrituras, não é fundamentalista, e sim humanista, no sentido de que ele se apegava ao texto bíblico como “os testemunhos primários dos apóstolos e certos autores que foram aceitos”.<sup>154</sup> Ele ainda cita Tertuliano, Irineu, Basílio e Orígenes como estando em seu favor, invocando a tradição mais antiga, isto é, as palavras da Escritura.

O objetivo a que se propõe é declarado:

Desta forma, eu exporei o que a igreja é, em que respeito ela deve ser ouvida, e como testemunhos comprovados podem ser utilizados. No entanto, a doutrina deve ser julgada de acordo com a Palavra de Deus de tal forma que a autoridade mais elevada da Escritura permaneça, de acordo com a afirmação: ‘se alguém ensinar qualquer outro evangelho seja anátema’.<sup>155</sup>

A sua obra, então, segue estrutura bem simples, procurando responder o que a igreja é, qual é a sua função e, em sua segunda parte, há uma compilação de

---

conceder, por amor da paz e da unidade geral dos cristãos que também estão sob ele e possam estar sob ele, futuramente, a superioridade sobre os bispos que ele possui *jure humano*.” LIVRO DE CONCÓRDIA: *As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*, p. 340.

<sup>152</sup> MELANCHTHON, F., *Selected Writings*, p. 131-186.

<sup>153</sup> *Ibid.*, p. 133-134.

<sup>154</sup> *Ibid.*, p. 134.

<sup>155</sup> *Ibid.*, p. 134-135.

avaliações dos pais da igreja, ressaltando até que ponto concordavam com a primazia das palavras da Escritura.

Sobre a existência da igreja, Melanchthon tem um viés nada hierárquico. Igreja não é reconhecida em estruturas e pessoas, mas somente na Palavra de Cristo: “Mas eu chamo a igreja de assembleia dos verdadeiros crentes que tem o evangelho e os sacramentos e que estão sendo santificados pelo Espírito Santo, como a igreja é descrita em Efésios 5 e em João 10: ‘Minhas ovelhas escutam a minha voz’”.<sup>156</sup> Assim, a visibilidade da igreja está ligada à visibilidade e presença da palavra divina no agrupamento local de crentes e não a qualquer estrutura ou sistema de governo criado para ela: “Pois a sua assembleia não está presa à sucessão regular, mas à Palavra de Deus”.<sup>157</sup>

Para ele, igreja não é um fim em si mesmo, mas sempre um meio pelo qual a Palavra de Deus encontra o ser humano. Ela é a recebedora desta Palavra e a guardiã da mesma, embora esteja constantemente lutando contra a fraqueza humana, que tenta alterar a palavra divina: “esta verdadeira igreja [...] retém a doutrina do evangelho e os artigos de fé, assim como Paulo a chama de trono da verdade. Mas esta verdadeira igreja possui ela mesma a doutrina algumas vezes mais outras vezes menos pura e clara. A igreja tem muitos membros fracos também”.<sup>158</sup>

Melanchthon não entende a igreja cristã como a sociedade perfeita ou como a instituição onde não há falhas e dúvidas ou ainda muitas imperfeições devido a composição humana da mesma. Para ele a mensagem do evangelho é perfeita e imutável, centrado no que Cristo realizou. A igreja, que é a assembleia de pessoas, tenta viver em fidelidade nesta palavra, no poder do Espírito. E aqui se abre para ele uma perspectiva pela qual pode analisar os escritores antigos, os pais da igreja, ressaltando aquilo que escreveram e que apontam para a importância da palavra

<sup>156</sup> MELANCHTHON, F., *Selected Writings*, p. 135. Embora nesta obra ele não explicita quais são os sacramentos, no *Loci Communes* de 1543 ele reconhece 3 sacramentos: Batismo, Ceia e Absolvição. Em 1521 ele não reconhecia a Absolvição como sacramento de seu próprio mérito, mas ligado ao Batismo. Quanto aos sacramentos: “Os sinais da graça no Novo Testamento são Batismo, Santa Ceia e Absolvição. A ordenação com o objetivo de servir ao evangelho possui para ele um *status* de sacramento. A crisma foi rejeitada, a confirmação recomendada e a extrema-unção criticada por ter se transformado em superstição”. RIETH, R. W., *O pensamento Teológico de Filipe Melanchthon (1497-1560)*, p. 232. Sobre o que fala dos sacramentos, ver MELANCHTHON, F., *Loci Communes* 1543, p. 139-171.

<sup>157</sup> MELANCHTHON, F., *Selected Writings*, p. 137.

<sup>158</sup> *Ibid.*, p. 137.



de Deus, mas também rejeitando abertamente aquilo que ele considera por exemplo “palha” adicionada à doutrina da fé.<sup>159</sup>

Mas o fundamental na sua eclesiologia é o papel e importância que se tributa à autoridade da Palavra:

Que a autoridade da Palavra divinamente transmitida seja primária. Então o corpo que deve ser considerado igreja é aquele que está de acordo com aquela Palavra, como Cristo diz: ‘Minhas ovelhas escutam a minha voz’. E Agostinho diz: ‘A questão é, onde está a igreja?’ Portanto, o que devemos fazer? Devemos procurar em nossas próprias palavras, ou nas palavras daquele que é sua cabeça, nosso Senhor Jesus Cristo? Penso que devemos procurar pela igreja nas palavras daquele que é a verdade e que conhece melhor o seu corpo.<sup>160</sup>

A autoridade da igreja, assim, fica condicionada à concordância com a palavra divina, interpretada a partir da perspectiva reformatória de lei e evangelho, que é eminentemente retórica, isto é, que tem em vista o impacto na proclamação e na formação do caráter cristão. E porque ela aponta para a Palavra, a autoridade da Igreja tem que ser aceita e somos por ela admoestados a ouvir a Palavra. Esta que, por sua vez, vai nos levar à Igreja, numa reciprocidade centrípeta. Por isso, suas palavras calam fundo:

Ouçamos, portanto, a igreja quando ela ensina e admoesta, mas não crer somente por causa da autoridade da igreja. Pois a igreja não dá origem a artigos de fé; ela apenas ensina e admoesta. Mas devemos crer por causa da Palavra de Deus quando, na verdade, admoestados pela igreja, compreendemos que uma opinião específica foi transmitida na Palavra de Deus de forma verdadeira e sem sofismas.<sup>161</sup>

Tendo estabelecido a primazia da Palavra de Deus e a dependência dela por parte da Igreja, Melanchthon procura passar em revista os sínodos da Igreja antiga e suas decisões, acatando aquilo que concorda com seus princípios e rejeitando sem cerimônia aquilo que vai em direção oposta, especialmente decisões que estão ligadas a práticas como se fossem obrigatórias para a salvação e vivência

<sup>159</sup> Assim ele se refere ao que Ambrósio escreveu sobre o jejum de quarenta dias (da Quaresma), por exemplo, a saber, que os outros jejuns eram voluntários, mas este obrigatório. Cf. MELANCHTHON, F., *Selected Writings*, p. 138.

<sup>160</sup> *Ibid.*, p. 142.

<sup>161</sup> *Ibid.*, p. 142.

cristãs.<sup>162</sup> Mas ele também visita os pais da igreja, começando por Orígenes e passando por Dionísio, Tertuliano, Cipriano, Basílio, Gregório Nazianzeno, Crisóstomo, Ambrósio, Jerônimo, Agostinho e Gregório, o Grande. Ele faz a sua crítica aos pais da igreja:

Desejei apenas enumerar estes erros para mostrar que estão errados os que admiram os Padres [da Igreja] como se nunca tivessem errado ou como se em nenhum lugar eles estivessem em desacordo com as Escrituras. Portanto, embora os mais iluminados padres em certos momentos nos admoestem, ainda assim devemos julgá-los de acordo com a Palavra de Deus.<sup>163</sup>

Seu objetivo não é diminuir os pais da igreja, mas sim enfatizar a primazia da Palavra de Deus transmitida na Escritura:

Não coletei estes exemplos dos erros dos autores antigos – embora tenha passado por cima de muitas afirmações absurdas – com o propósito de retirar o que quer de seja de seu louvor merecido. Acredito que muitos deles foram piedosos e homens excelentes, alguns dos quais merecem mesmo o mais alto louvor. Mas nem mesmo eles pretendiam que as seus ditos fossem preferidos em detrimento à doutrina de Cristo.<sup>164</sup>

Assim, Melancthon desenvolve uma eclesiologia que considera escriturística, liberta da dependência de uma filosófica perfeição ou indefectibilidade. Conforme ele mesmo adverte: “Não imaginemos que a igreja seja um estado Platônico”.<sup>165</sup> Para ele, a igreja é visível, embora sua manifestação não se dê de forma hierárquica, mas sim na assembleia das pessoas chamadas pelo evangelho: “Esta é uma espécie de revolução (análoga à de Copérnico) que muda a base gravitacional para a existência da igreja: as margens se tornam o centro, a

<sup>162</sup> Ele faz menção ao Sínodo de Niceia (324), Sínodo de Constantinopla (383), o Sínodo de Éfeso (433), O Sínodo de Calcedônia (452) e outros diversos sínodos menores, regionais. A datação dos sínodos é do próprio autor. MELANCHTHON, F., *Selected Writings*, p. 145-150.

<sup>163</sup> *Ibid.*, p. 171.

<sup>164</sup> *Ibid.*, p. 176. A habilidade de Melancthon em construir a sua eclesiologia de tal maneira que não deixe terreno para a concepção católica de então de igreja como formuladora de doutrina, mas sim como aquela que assente e comunica a doutrina transmitida pelas Escrituras, e também o seu apelo aos líderes seculares para que promovam o bem estar da Igreja é relatada em KEEN, R. Political Authority and Ecclesiology in Melancthon's "De Ecclesiae Autoritate". In: *Church History* 65 (1996), p. 1-14.

<sup>165</sup> *Ibid.*, p. 184. “The marks which point out the church are the pure Gospel and the proper use of the sacraments.” MELANCHTHON, F., *Loci Communes 1543*, p. 137.

periferia o centro axial do próprio ser da igreja”.<sup>166</sup> A visibilidade está na Palavra que é distribuída de forma oral e sacramental e recebida pela assembleia: “Igreja sempre é a assembleia visível das pessoas chamadas, na qual o evangelho é anunciado de maneira pura e os sacramentos administrados corretamente. Somente aqui Deus se revela e age por meio do ministério da pregação. Melanchthon nega a existência de uma Igreja invisível fora da Igreja visível”.<sup>167</sup>

---

<sup>166</sup> WESTHELLE *apud* KOLB, R., *The Sheep and the Voice of the Shepherd the Ecclesiology of the Lutheran Confessional Writings*, p.327.

<sup>167</sup> RIETH, R. W., *O pensamento Teológico de Filipe Melanchthon (1497-1560)*, p. 231. MELANCHTHON, F., *Loci Communes 1543*, p. 233: “For God does not gather His church in any other way than through the preaching of the Gospel, and we should not even consider a church of the elect except in this visible assembly in which the Gospel is rightly and purely taught. Therefore, this visible assembly is to be loved and cared for, and the ministry of the Gospel must be retained and honorable gatherings must be held. For this purpose there is constant need for order and proper rites”.

## 4

### A Polêmica Figura de Melanchthon

Que Melanchthon é um personagem fundamental na história da Reforma, disso não se duvida. Seu é o primeiro manual de sistemática do movimento reformatório. Seu também é o plano de reestruturação do sistema de ensino na Alemanha. De sua autoria é a principal confissão de fé do luteranismo, juntamente com sua Apologia. O desenvolvimento de sua eclesiologia corre paralelo ao de Lutero e ajudou a incipiente igreja luterana na Alemanha em sua formação.<sup>168</sup> A ele se deve a reconciliação entre filosofia e teologia em campos luteranos. Além disso, os líderes das gerações seguintes de luteranos incorporaram o seu método e jeito de fazer teologia.

Mas porque não se ouve falar mais de Melanchthon, então? Por que ele fica relegado ao segundo plano, isto quando ainda lhe é concedida tal posição? Por que ele aparece esporadicamente, não sendo valorizado como deveria?

Eis um problema que é complexo, para o qual talvez não se tenha uma resposta definitiva. As controvérsias quanto ao papel de Melanchthon na história da Reforma Protestante já se iniciaram durante a sua própria vida, especialmente com relação ao seu papel central na elaboração e aprimoramento das confissões de fé do movimento luterano. A primeira delas foi a Confissão de Augsburgo, de 1530. A desconfiança com Melanchthon se baseia no suposto fato dele ter concedido demais nos artigos nela presentes e pela sua prontidão em fazer acordos e ceder aos adversários. Porém, maior celeuma causou a sua edição revisada da Confissão de Augsburgo, datada de 1540. Mencionamos tais questões no primeiro capítulo, mas agora analisaremos com mais detalhes as críticas feitas a

---

<sup>168</sup> “Lutheran ecclesiology always proceeds from Luther's and Melanchthon's understanding of God's Word and what it does as his instrument for creating his universe and re-creating his human creatures who have fallen into sin”. KOLB, R., *The Sheep and the Voice of the Shepherd The Ecclesiology of the Lutheran Confessional Writings*, p. 325.

Melanchthon com respeito a esta confissão de fé abaixo. Outra confissão de fé que causou grande polêmica foi o *Íterim de Leipzig*, resposta dos teólogos da Saxônia eleitoral ao *Íterim de Augsburg*, documento elaborado pelos teólogos do imperador Carlos V, que traçava as linhas gerais da doutrina católica à qual os estados luteranos deveriam se conformar. Luteranos mais estritos achavam que o documento de Leipzig, encabeçado em sua redação por Melanchthon, concedia demais e que nele o reformador traía os princípios reformatórios de Lutero. Iremos escrutinizar este ponto também.

Também, muita desconfiança quanto à sua pessoa geraram os seus muitos contatos, com teólogos de todos os campos (reformado, católico, luterano) e também com autoridades imperiais, eclesiásticas e conselhos municipais. Apesar deles serem necessários e até mostrarem a grandeza de Melanchthon no cenário da Reforma, não poucas vezes eles foram vistos como um exagerado interesse de se comprometer com outros e com posições doutrinárias diversas do movimento luterano.

Porém, talvez o que lance mais sombra sobre a figura de Melanchthon seja a historiografia de sua obra e personalidade à luz de Lutero. Veremos como é difícil achar uma avaliação desapaixionada e sensata de Melanchthon, sem cair em estereótipos histórico-teológicos e excessivas psicologizações. Veremos que um dos fatores considerados mais sombrios seria sua duradoura amizade com Erasmo de Roterdã e por isso teremos que tocar neste assunto também, pois esta amizade seria o motivo de Melanchthon nunca ter, no final das contas, abandonado os seus princípios humanistas, não sendo, assim, um genuíno e confiável reformador.

Também será importante destacar como Melanchthon foi tratado na historiografia dos séculos XIX e XX e como isso implica no pouco interesse acadêmico sobre a sua pessoa e obra e até na praticamente inexistente historiografia recente de Melanchthon em língua portuguesa. Especialmente se evidencia o interesse ideológico e não realmente histórico pela figura de Melanchthon, utilizado geralmente em benefício de algum projeto eclesiástico, especialmente com vistas pseudo-ecumênicas.

#### 4.1. As Confissões de Fé: herói ou traidor?

##### 4.1.1. A Confissão de Augsburgo

A Confissão de Augsburgo é o documento luterano reconhecido por praticamente todas as igrejas luteranas como sua confissão de fé.<sup>169</sup> Foi apresentado perante a Dieta Imperial realizada na cidade de Augsburgo no ano de 1530. Esta dieta, convocada para o final da primavera, tinha como propósito encerrar as divergências teológicas dentro do império, buscando unir forças para a guerra contra os turcos, que haviam sitiado Viena em 1529. Para tanto, o imperador Carlos V exigiu que os príncipes e as cidades luteranas explicassem o seu programa religioso de reforma diante da assembleia imperial. Para tanto, o príncipe eleitor da Saxônia conclamou os seus teólogos, liderados por Lutero e Melanchthon para que preparassem documentos sobre as questões que ocasionaram as reformas nas cidades da Saxônia e de outros territórios que aderiram à reforma luterana. Foram elaborados os *Artigos de Torgau*, assim nomeados porque foram redigidos na cidade com este nome, os quais explicam as supostas mudanças: práticas eclesiais, matrimônio de sacerdotes, comunhão sob duas espécies, sacrifício da missa, confissão particular, jurisdição dos bispos, ordenação de sacerdotes, votos monásticos, invocação dos santos e uso do vernáculo na igreja.<sup>170</sup>

Lutero não se pôde fazer presente à Dieta, devido ao fato de ter sido excomungado pelo Papa e, conseqüentemente, ser declarado um fora-da-lei pelo Império. Se fosse, corria sério risco de ser preso e executado. Assim, quem liderou a delegação teológica protestante foi Filipe Melanchthon. O termo “protestante” foi utilizado pela primeira vez na II Dieta de Espira, em 1529 (a primeira havia ocorrido em 1526). Foi a partir destas dietas que os líderes

<sup>169</sup> BOUMAN, W. R. Melanchthon's Significance for the Church Today. In: *Philip Melanchthon then and Now (1497-1997)*. Editado por S.H. Hendrix e T. Wengert. Columbia: Lutheran Theological Southern Seminary, 1999, p. 41.

<sup>170</sup> Os *Artigos de Torgau* podem ser consultados em KOLB, R., *Sources and Contexts of the Book of Concord*, p. 93-104.

luteranos viram a necessidade de organização política do movimento luterano. Na II Dieta, os príncipes do movimento luterano na Alemanha, amparados por seus teólogos, apresentaram a sua *Protestatio*, de onde o termo “protestante” provem. No latim da época, porém, *Protestatio* não significava protesto ou objeção, e sim testemunho.<sup>171</sup>

Contudo, ao chegarem em Augsburg eles foram confrontados com uma publicação de João Eck, professor de Ingolstadt e ferrenho adversário do movimento reformatório, os seus *404 Artigos* que traziam uma série de citações de Lutero, Melanchthon e outros colegas reformadores misturadas com outras citações de teólogos que negavam a Trindade, anabatistas e outros que negavam a presença real de Cristo na Ceia. Com isso, passava-se a impressão de que a teologia luterana afirmava as mais conhecidas heresias contrárias à fé católica.<sup>172</sup>

Devido à confusão provocada por tal escrito, foi necessário que Melanchthon buscasse outra abordagem para a exposição da fé luterana, não apenas explicando as mudanças, mas especialmente mostrando a consonância do ensino luterano com o ensino da Igreja Católica Romana.<sup>173</sup> Por isso, buscou uma abordagem mais diplomática, dividindo a Confissão de Augsburg em duas partes, a primeira, mais extensa, com vinte e um artigos, tratando dos pontos doutrinários onde acreditava-se haver unanimidade, e a segunda, composta de sete

<sup>171</sup> Cf. KOLB, R., *Confessing the Faith: Reformers Define the Church, 1530-1580*, p. 28.

<sup>172</sup> Os artigos de Eck podem ser encontrados em KOLB, R., *Sources and Contexts of the Book of Concord*, p. 31-82. A intenção de Eck fica clara em sua assertiva inicial, p. 34: “With total confidence in the Holy Spirit, I assert that the articles of Luther concerning this shameful affair condemned by Pope Leo X were legitimately condemned as heretical, erroneous, and scandalous. I anathematize and condemn them, and I freely declare that all those who agree with the bull are Christian men. But those who oppose the bull are schismatics and are enemies of the faith who should be counted by Catholics as heathen and tax collectors. So we present all of these forty-one articles as follows, ready to take on the attacks of any opponent and to defend the positions of the church.” A estes 41 ele adiciona as suas 19 teses de Leipzig e Baden, outras 4 contra Zúínglio e, por fim, outras 339 sobre os mais variados assuntos, referindo-se a diversos reformadores.

<sup>173</sup> Uma análise da catolicidade da Confissão de Augsburg mais de 450 anos após a sua publicação é feita pelo jesuíta Avery Dulles, em 1983. Em seu artigo, onde também cita a positiva avaliação do então cardeal-arcebispo de Munique, Joseph Ratzinger, ele aborda diferentes perspectivas de catolicidade e como a Confissão pode ser entendida como católica a partir delas. Por fim, seu parecer é que a Confissão é um bom início para católicos e luteranos trabalharem em busca de alguma espécie de comunhão. Cf. DULLES, A. The Catholicity of the Augsburg Confession. In: *The Journal of Religion* 63 (1983), p. 337-354. Em 2000, católicos e luteranos chegaram a publicar uma declaração conjunta sobre a doutrina da justificação pela fé. Cf. [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/chrstuni/documents/rc\\_pc\\_chrstuni\\_doc\\_31101999\\_cath-luth-joint-declaration\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/documents/rc_pc_chrstuni_doc_31101999_cath-luth-joint-declaration_po.html) ou <http://www.luteranos.com.br/conteudo.php?IdConteudo=12591>.

artigos, nos quais se tratava os tópicos onde haviam divergências.<sup>174</sup> Embora tenha sido Melanchthon quem redigiu a Confissão de Augsburgo, o que ele escreveu não era propriamente original. Para escrever a primeira parte, ele se baseou grandemente nos *Artigos de Schwabach*,<sup>175</sup> elaborados no ano anterior por uma junta de teólogos protestantes, visando defender a fé evangélica diante das ameaças do imperador. Ainda para a elaboração desta primeira parte, ele utilizou-se dos *Artigos de Marburgo*,<sup>176</sup> o sumário de fé de Lutero, contido em sua *Confissão a Respeito da Ceia do Senhor*,<sup>177</sup> de 1528, e da *Instrução dos Visitadores*,<sup>178</sup> também do mesmo ano. Para a segunda parte ele revisou os *Artigos de Torgau* acima mencionados.

A abordagem diferenciada de Melanchthon e as muitas negociações realizadas com príncipes e bispos católico-romanos e com o imperador demonstravam a diplomacia apurada que Melanchthon possuía. Scheible comenta que alguns criticam a atitude de Melanchthon durante a Dieta de Augsburgo baseados especialmente na avaliação que o próprio Lutero faz de Melanchthon, ao

<sup>174</sup> Uma boa edição crítica da Confissão de Augsburgo pode ser encontrada em língua inglesa em KOLB, R. (ed.). *The Book of Concord: The Confessions of the Evangelical Lutheran Church*, p. 27-105. Nela se pode encontrar a tradução inglesa do texto latino e alemão da Confissão lado a lado. Em português, também com tradução do texto alemão e latino, conferir a edição citada em capítulos anteriores LIVRO DE CONCÓRDIA: *As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*, p. 23-93.

<sup>175</sup> Os *Artigos de Schwabach* foram elaborados pelos teólogos de Wittenberg para os príncipes alemães que buscavam formar uma confederação para se defenderem dos possíveis ataques de Carlos V após o impasse da II Dieta de Espira. A confederação acabou não se consolidando militarmente, mas serviu para unir os governos de Brandenburgo, Hesse e Saxônia. Foi também utilizado para a elaboração dos *Artigos de Marburgo*, em outubro de 1529. Um breve histórico dos *Artigos de Schwabach*, juntamente com o texto deles pode ser encontrado em KOLB, R., *Sources and Contexts of the Book of Concord*, p. 83-87. São dezessete artigos, cobrindo os seguintes temas: Deus, encarnação e redenção, pecado original, livre-arbítrio, fé e justificação, meios da graça: Palavra, Batismo e Santa Ceia, confissão particular, Igreja, retorno de Cristo, autoridade civil, ordem e votos monásticos, sacrifício da missa e práticas eclesiais.

<sup>176</sup> Os *Artigos de Marburgo* foram o resultado do Colóquio de Marburgo, que tentou unir os teólogos protestantes da Saxônia e Suíça, sobretudo Lutero e Zuínglio. Eles concordaram em quatorze pontos doutrinários, mas não conseguiram alcançar acordo no último, sobre a eucaristia, especialmente no que se referia à presença de Cristo. Os *Artigos de Marburgo* podem ser encontrados em *Ibid.*, p. 88-92. Para uma discussão de todo o contexto do Colóquio e os eventos que aconteceram: SASSE, H., *Isto é o meu corpo*. 2ª ed. Porto Alegre: Concórdia, 2003.

<sup>177</sup> Escrito por Lutero em 1528, como resposta à visão simbólica da eucaristia defendida pelos reformadores suíços. Pode ser encontrado em LUTERO, M., *Obras Seleccionadas*, vol. 4, p. 217-375.

<sup>178</sup> Escrito por Melanchthon, em 1528, com orientações quanto à instrução na doutrina e também quanto à organização das escolas na Saxônia, redigidos após a visita das paróquias, patrocinada pelo príncipe eleitor. Como reflete muitas das ideias de Lutero, o qual também escreveu um prefácio para a obra, a *Instrução aos Visitadores* também é incluída entre as obras de Lutero. Uma tradução em inglês encontra-se em LUTERO, M., *Luther's Works*, vol. 40, p. 263-320. Uma tradução para o português pode ser encontrada em MELANCHTHON, F., *Biblioteca da Escola Superior de Teologia*, H203-3/10A, p. 119-209. Manuscrito.



referir-se a ele como aquele que “pisa mansamente”, dando a entender que Melanchthon não tinha coragem de marcar com clareza seu posicionamento. Adicionado a isto, Lutero teve que escrever várias cartas a Melanchthon, buscando animá-lo em meio às tratativas em Augsburg. Porém Scheible descarta esta argumentação, apontando que o próprio Lutero não apresentou qualquer crítica substancial da Confissão e que suas cartas, na verdade, manifestam mais o seu próprio estado de espírito do que o de Melanchthon. E também não dá para esquecer que Melanchthon não foi em nada além daquilo que os teólogos luteranos já haviam estabelecido nos artigos acima referidos e também nas concessões que estavam dispostos a fazer.<sup>179</sup>

E, na verdade, se olharmos dentro do seu contexto, veremos que Lutero está elogiando Melanchthon pela grande habilidade em redigir a confissão de fé, algo que ele não tinha: “Li a Apologia [a Confissão de Augsburg] do mestre Filipe e ela me agradou muito. Não saberia o que melhorar ou mudar nela, e isto não seria apropriado de qualquer forma, pois eu não consigo pisar tão mansa e suavemente como ele”.<sup>180</sup>

Esta habilidade diplomática de Melanchthon é ressaltada por Wengert como já vinda de criação, sendo ele o filho do armoeiro do eleitor do Palatinado e também o afilhado de Reuchlin, famoso hebraísta que fora também juiz e diplomata. Foi ela também que o ajudou a elevar-se a posições de destaque, sendo conselheiro de príncipes e tendo papel fundamental nas reformas de igrejas e escolas e na elaboração das confissões de fé como a de Augsburg. Em virtude disto, ele afirma que as negociações em Augsburg não foram concessões feitas por fraqueza, mas:

Especialmente durante as negociações em Augsburg, onde alguns teólogos e depois historiadores (não atentando para as realidades políticas do século dezesseis) acusaram Melanchthon de trair a Reforma, as propostas feitas por Melanchthon devem ser vistas como habilidosas posições de negociação e nada mais.<sup>181</sup>

Porém, no que se refere à Confissão de Augsburg, o que realmente levou à desconfiança da figura de Melanchthon por parte dos luteranos foi a sua edição

<sup>179</sup> SCHEIBLE, H. Luther and Melanchthon. In: *Lutheran Quarterly* 4 (1990), p. 332.

<sup>180</sup> LUTERO apud KOLB, R., *Confessing the Faith: Reformers Define the Church, 1530-1580*, p. 36.

<sup>181</sup> WENGERT, T. J., *Beyond Stereotypes: The Real Philip Melanchthon*, p. 30.

revisada da mesma, publicada em 1540 e que por suas alterações ficou conhecida como *Variata*. A mudança mais significativa se deu no artigo X, da Ceia, no qual Melanchthon alterou o texto de uma forma que, segundo seus críticos, dava ensejo para uma interpretação calvinista da mesma, isto é, não confessando claramente a presença real de Cristo.<sup>182</sup> Estas alterações teriam sido apontadas primeiramente por Eck, no colóquio de Ratisbona, em 1541, mas só se tornaram uma questão divisiva em campos luteranos na década de 1560, quando o príncipe eleitor Frederico III do Palatinado, que havia se tornado calvinista, tentou utilizar a *Variata* para ganhar reconhecimento político.<sup>183</sup> Como vimos no capítulo um os esforços de Melanchthon no sentido de melhorar seus escritos foram bem aceitas pelos seus contemporâneos.<sup>184</sup> Nem mesmo Lutero o criticara por isso.<sup>185</sup>

A posição de Melanchthon na *Variata* concorda com aquela estabelecida na Concórdia de Wittenberg, de 1536, liderada por Melanchthon, para trazer consenso entre os teólogos de Wittenberg e os teólogos e pastores do sul da Alemanha, sobretudo Martin Bucer, de Estrasburgo, com respeito à compreensão da presença de Cristo na Ceia. A Concórdia, que foi aceita também por Lutero se limita a dizer que o corpo de Cristo é distribuído com o pão (*cum panis*), sem se ater à maneira específica pela qual o corpo se faz presente. Para alguns, esta posição, favorecida por Melanchthon evidenciaria a sua inclinação sempre recalcitrante a uma compreensão espiritual da Ceia. Porém, o que ele busca, na verdade, é enfatizar o aspecto da presença de Cristo na ação sacramental e não uma inclusão local, geométrica, do corpo de Cristo, que levaria ao que ele

<sup>182</sup> W. Bouman traz o texto original latino da Confissão e da *Variata* de 1540. Original: “De coena Domini docent, quod corpus et sanguis Christi vere adsint et distribuantur vescentibus in coena Domini; et improbant secus docentes”. *Variata* 1540: “De coena Domini docent, quod cum pane et vino vere exhibeantur corpus et sanguis Christi vescentibus in coena Domini”. Por fim acrescenta: “There are three changes. The condemnation is omitted. The words *cum pane et vino* are added. The word *exhibeantur* replaces *adsint et distribuantur*.” Cf. BOUMAN, W. *Melanchthon's Significance for the Church Today*, p. 52-53.

<sup>183</sup> Com a Paz de Augsburg, de 1555, só se reconhecia duas igrejas no império, a Católica Romana e a Igreja da Confissão de Augsburg.

<sup>184</sup> Cf. p. 29, n. 61.

<sup>185</sup> “The formula by which in the *Variata* he expresses the Lutheran doctrine that with the bread and wine the body and blood of Christ are truly presented to those that eat in the Lord's Supper,” makes a difference in words, not in the original intention, and brings the Tenth Article into harmony with the Wittenberg Concord, which had been officially endorsed by the princes in 1537. The words are those chosen by Melanchthon under the counsel and with the approval of Luther, and endorsed both privately and officially by the men of their generation as the words best suited to express the Lutheran doctrine without ambiguity and to free it from the fact as well as from the possibility of a Roman Catholic interpretation”. RICHARD, J. W. *Philip Melanchthon, the Protestant Preceptor of Germany*. New York: G. P. Putnam's Sons, 1898, p. 287-288.

considerava a idolatria do pão e do vinho.<sup>186</sup> Por isso, vemos que na *Variata*, Melanchthon, além de procurar polir o seu trabalho, tenta deixar mais claro sua própria posição e os acordos que haviam sido feitos até então. A condenação foi omitida, afinal, havia sido achado acordo com os teólogos do sul da Alemanha. As palavras *cum pane et vino* são adicionadas, algo já acordado em Wittenberg, em 1536. E a palavra *exhibeantur* é o termo técnico para enfatizar que é o próprio Deus quem oferece o corpo e o sangue de Cristo.

Estes incidentes contribuíram para aumentar a desconfiança quanto a Melanchthon em campos luteranos, ainda durante a vida de Lutero. Se ainda se adicionar as suas significativas mudanças na segunda e, especialmente, terceira edições do *Loci Communes*, com a sua reavaliação da filosofia, o caldeirão parece pronto a ferver. Porém, uma coisa impede que ele transborde: Martinho Lutero em nenhum momento se colocou contra o seu colega de Wittenberg. Não há qualquer rompimento, qualquer acusação de desvio em ensino. Nada. De novo e de novo Lutero elogia Melanchthon pelas suas contribuições e pelo seu grande conhecimento. Abaixo teremos oportunidade de mencionar alguns, quando colocarmos lado a lado os reformadores. Scheible postula que talvez isso se devesse à posição privilegiada de Melanchthon em Wittenberg. Embora Lutero fosse o grande reformador, o seu colega também não ficava muita atrás em fama. Aliás, enquanto apenas os (poucos) alunos de teologia passavam pela mão de Martinho, por Filipe passavam a maioria dos alunos, já que fazia parte também da faculdade de artes.<sup>187</sup> Claro que Lutero tinha a capacidade para perceber as diferenças com seu colega, mas ele dispunha de certa tolerância, para poder lidar

<sup>186</sup> SCHEIBLE, H., *Luther and Melanchthon*, p. 336-337. WENGERT, T. J., Luther and Melanchthon on Consecrated Communion Wine (Eisleben 1542-1543). In: *Lutheran Quarterly* 15 (2001), p. 27. Peter Fraenkl, de forma muito interessante, procura demonstrar que desde cedo Melanchthon entendia a presença de Cristo como um processo, ligado às palavras de Cristo e ao comer e beber. Ele procura expor que tal compreensão do reformador se baseava grandemente no testemunho dos pais da Igreja e que ele não se aventurava a discorrer sobre a forma da presença de Cristo na Ceia por causa da “unwillingness to say anything more than they [os pais] had ever said”. Assim, sendo, Melanchthon não teria mudado de posição com respeito a Ceia ao longo da vida, mas apenas tornado mais clara, especialmente com o uso do termo latino *exhibere*, cujo significado não é o nosso “exibir”, mas sim “dar, oferecer”, enfatizando a direção da ação – Deus para o ser humano. É um “technical term for the process of giving or offering and Melanchthon uses it when discussing the direction in which this process moves” (p. 155). Cf. FRAENKEL, P. Ten Questions Concerning Melanchthon, the Fathers and the Eucharist. In: *Luther and Melanchthon in the history and theology of the Reformation*. Editado por V. Vajta. Göttingen: Vanderhoeck & Ruprecht, 1961, p. 146-164.

<sup>187</sup> SCHEIBLE, H., *Luther and Melanchthon*, p. 336.

com as diferenças, sem romper relações com alguém com quem estava em acordo de forma geral.<sup>188</sup>

#### 4.1.2. Os Ínterims

Porém, com a morte de Lutero, as coisas mudam de figura. Não somente por causa da morte dele, mas em especial porque a situação política fica mais delicada. Sem mais ameaças externas ao seu reinado por parte de potências estrangeiras, o imperador Carlos V finalmente se viu livre para poder reestabelecer a unidade religiosa em suas próprias terras e associou-se com o ambicioso Maurício, duque da Saxônia, primo do eleitor João Frederico e genro de Felipe de Hesse, a quem prometeu o eleitorado da Saxônia e a promessa de poder professar a sua fé luterana, em caso de vitória. O imperador foi vencedor naquela que foi denominada Guerra de Esmalcalde, triunfando na batalha de Mühlberg, em 24 de maio de 1547. Ele concedeu o eleitorado a Maurício, porém sustou a sua promessa de liberdade religiosa. Em vez disto, ordenou o retorno imediato dos luteranos à fé e prática católica romana.

Para delinear os contornos de tal retorno, ele comissionou uma equipe de teólogos, que traçou as diretrizes num documento que deveria ser promulgado como lei religiosa nos estados evangélicos, a Fórmula para Reforma, que ficou popularmente conhecido como *Ínterim de Augsburgo*, publicado em 15 de Maio de 1548.<sup>189</sup> Recebeu este nome porque foi apresentado numa dieta imperial nesta cidade, tendo sido elaborado para vigorar até que o Concílio da Igreja, que se reunia em Trento, chegasse a uma decisão definitiva, ou seja, no ínterim da duração do Concílio, que começara em 1546.<sup>190</sup> O documento, na verdade, muito

<sup>188</sup> *Ibid.*, p. 337-8.

<sup>189</sup> KOLB, R., *Confessing the Faith*, p. 65. O *Ínterim de Augsburgo* pode ser encontrado em KOLB, R., *Sources and Contexts of the Book of Concord*, p.146-182.

<sup>190</sup> “So until the general council has made progress and come to some resolution, to maintain peace, justice, and unity and to remove the seeds of discord, it is a matter of absolute necessity that this matter not be left in the present state of confusion, hanging in the air, but rather that greater Christian concord, moderation, and a healthier and more proper understanding be restored.” KOLB, R., *Sources and Contexts of the Book of Concord*, p. 147. Cf. WENGERT, T.

pouco concede aos luteranos: apenas que os matrimônios contraídos pelos sacerdotes não sejam desfeitos e a permissão para a celebração da Santa Ceia sob duas espécies nos lugares onde ela já ocorre.<sup>191</sup>

As novas determinações religiosas Carlos V só conseguiu instaurar na parte sul e central da Alemanha, por conta de força militar. Ali nenhum pastor ou teólogo evangélico aceitou os termos do *Íterim*, e todos foram exilados de suas paróquias e cidades.<sup>192</sup> Já no norte da Alemanha a situação foi diferente, e os governos e cidades resistiram. Em posição muito delicada se viu Maurício da Saxônia, que havia apoiado o imperador para derrotar João Frederico e Felipe de Hesse, mas que esperava em troca poder praticar a fé luterana. O imperador, que havia contado com o auxílio de seu irmão Ferdinando da Áustria, anulou as promessas verbais e exigiu que também Maurício e as terras da Saxônia voltassem ao catolicismo romano.<sup>193</sup> Para achar uma solução para o problema, Maurício solicitou à faculdade de teologia de Wittenberg e de Leipzig, sob a liderança de Melanchthon, que oferecesse uma contraproposta, mantendo as aparências católico-romanas enquanto ao mesmo tempo preservasse a mensagem central da justificação pela fé evangélica luterana. Esta proposta também acabou sendo discutida com os conselheiros de Maurício, que procuravam uma saída diplomática.

O acordo proposto recebeu a alcunha de *Interim de Leipzig* por parte dos líderes do movimento evangélico luterano que não aceitavam qualquer espécie de acordo com o imperador ou o papa.<sup>194</sup> Maurício teve dificuldades para fazer vigorar tal política de ação religiosa. Na verdade, ela nem foi aprovada na dieta provincial da Saxônia, em dezembro de 1548. Somente partes dela foram utilizadas por Maurício em julho de 1549 para guiar algumas práticas

---

J., Not by Nature Philoneikos: Philip Melanchthon's Initial Reactions to the Augsburg Interim. In: *Die Reaktionen auf das Interim von 1548*. Editado por I. Dingel e G. Wartenberg. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2007, p. 34.

<sup>191</sup> KOLB, R., *Sources and Contexts of the Book of Concord*, p. 181.

<sup>192</sup> Kolb registra que, na verdade, somente uma pessoa aceitou o *Íterim*, Caspar Huberinus (1500-1553), de Augsburg. Ele ainda registra que não foi possível substituir estes pregadores e teólogos exilados, pois não se dispunha de suficiente “mão-de-obra” católico-romana para tanto, não tornando possível, na prática, a campanha de contra-reforma imperial. KOLB, R., *Confessing the Faith*, p. 66-67.

<sup>193</sup> Wengert esclarece que Maurício teve que deixar a Dieta antecipadamente em maio (já até junho) e ainda se sentiu traído porque Joaquim II de Brandenburgo e o eleitor do Palatinado assinaram o *Íterim de Augsburg* como se fossem propostas dele. Cf. WENGERT, T. J., *op. cit.*, p. 34-35.

<sup>194</sup> O *Íterim de Leipzig* pode ser encontrado em KOLB, R., *Sources and Contexts of the Book of Concord*, p. 184-196.

eclesiásticas, e ainda assim, de maneira seletiva apenas. Porém, a ideia de concessão nos menores pontos numa época onde muitos pastores e teólogos estavam sendo depostos e exilados enraiveceu a muitos, que se opuseram ferrenhamente aos acordos religiosos feitos com fins políticos.<sup>195</sup> O lema que unificou a oposição à tal política religiosa foi “fazer nenhuma concessão em uma época em que a fé é perseguida”.<sup>196</sup>

Aqueles que se opunham a Melancthon tinham, finalmente, algo concreto com o que lhe acusar e rejeitar. Isto porque foi ele quem liderou os teólogos do Ínterim de Leipzig, e partiu dele o termo que causaria muita celeuma nesta questão: adiáforo. Adiáforo é um conceito estoico antigo, que significa “coisas indiferentes”, que não são em si mesmas boas ou ruins, permitidas ou proibidas.<sup>197</sup> Defini-las como tais depende da circunstância.<sup>198</sup> Através deste conceito, viu condições de tecer em um só documento os fios do compromisso religioso com o império e da fidelidade à mensagem da justificação pela fé do movimento reformatório. O conceito de adiáforo, entretanto, não agradou grande parte dos

<sup>195</sup> KOLB, R., *Confessing the Faith*, p. 69-70. Destaque nesta resistência se dá à cidade de Magdeburgo, que se tornou o refúgio dos descontentes com a questão do Ínterim. Lá vieram a residir Matias Flácio e Nicolas von Amsdorf, dois grandes líderes que se opuseram a Melancthon, ao eleitor Maurício e ao imperador. A produção bibliográfica entre 1548-1551, época em que foi sitiada pelas forças imperiais e dos “traidores” de Wittenberg, foi prolífica “em defesa da fé”. Para um relato mais detalhado, ver KAUFMANN, T. “Our Lord God’s Chancery” in Magdeburg and Its Fight against the Interim. In: *Church History* 73 (2004), p. 566-582.

<sup>196</sup> KOLB, R., *Sources and Contexts of the Book of Concord*, p. 184.

<sup>197</sup> “*Adiaphora* was originally a Stoic term, used to describe actions that could be considered morally neutral. Paul says in 1 Corinthians 8.8 – 9 that it really does not matter whether Christians eat food that has been offered to idols. It is just food. The only thing of importance is not to eat in a way which could mislead others or cause offense to Christians whose consciences happened to be tender on the point. In the sixteenth-century debates the things claimed to be ‘indifferent’ were of another sort — matters of Christian faith and rites rather than of morality of conduct.” EVANS, G. R. *Sancta Indifferentia and Adiaphora*. In: *Common Knowledge* 15 (2008), p. 23-24. Verkamp explana sobre o desenvolvimento do termo adiáforo no pensamento filosófico e cristão: “In its original conception among the ancient Cynic and Stoic philosophers, the term *adiaphoron* had been used to designate a thing which, when considered in itself, was never of such decisive value or disvalue as not to be able to be rendered either good or evil in the concrete by the human intention. Such an understanding of the term was introduced into Christian thought by the Alexandrians Clement and Origen and received some attention from other early Church Fathers like John Chrysostom, John Cassian, and Augustine. During the High Middle Ages it figured considerably in the long debate over the intrinsic morality of human actions that was started by Abelard and reached a conclusion of sorts with Thomas Aquinas. By the late Middle Ages, however, most of the discussion of *adiaphora* had shifted to the more specifically theological line of *adiaphoristic* thought, which had also been under development since apostolic times. Along this latter line the emphasis was not so much upon the intrinsic morality of things in themselves as upon the *relationship* of the person to them, with the result that an *adiaphoron* came to be defined also as a thing that is “permitted” or “free,” because it has been ‘neither commanded nor prohibited’ by the external operations of divine law as revealed in the New Testament.” VERKAMP, B. J. The Limits upon *Adiaphoristic* Freedom: Luther and Melancthon, In: *Theological Studies* 36 (1975), p. 56-57.

<sup>198</sup> KOLB, R., *Confessing the Faith*, p. 68.

evangélicos luteranos. Surgiram, dentre os adeptos do movimento reformatório dois partidos, o dos filipistas, que apoiavam Melanchthon e sua busca de acordo, e os Gnésio-Luteranos, ou verdadeiro luteranos que, sob o lema que se encontra no parágrafo acima, rejeitavam qualquer ideia de acordo que viesse a comprometer minimamente a confissão de fé.<sup>199</sup>

Olhar apenas para o *Íterim de Leipzig* como uma mostra de covardia teológica de Melanchthon, porém, sem perceber a rejeição por parte de Melanchthon ao *Íterim de Augsburgo* e suas comprometedoras propostas para os evangélicos luteranos também se torna uma abordagem superficial. Wengert esclarece que Melanchthon, assim como todos os teólogos da Saxônia, opôs-se completamente ao documento de compromisso do imperador Carlos V e não estava disposto a cooperar com os fins políticos de Maurício, que comprometiam a posição evangélica defendida até então e que, apesar de toda a pressão colocada sobre eles, eles se mantiveram firmes na rejeição do mesmo. O que acabou resultando na elaboração de um novo documento por parte dos luteranos. Embora talvez não trouxesse o ensino evangélico-luterano em toda a sua clareza, o *Íterim de Leipzig*, fruto da resistência inicial ao *Íterim de Augsburgo*, ainda se mostra como um ato de coragem e ousadia em um contexto onde a vida de Melanchthon inclusive estava em perigo, uma vez que ele esteve sob diretas ameaças da cômte imperial por algumas vezes. Wengert, inclusive, o considera como um confessor da fé, disposto a colocar sua vida em risco pela sua posição teológica, algo que vai na contra-corrente do pensamento usual sobre Melanchthon como ecumênico e sempre pronto a fazer concessões em busca de acordos.<sup>200</sup>

Este é o ponto mais crítico da carreira de Melanchthon, onde sua figura é mais contestada e que acaba por lançar grande sombra sobre todo o resto. Depois do *Íterim de Leipzig*, Melanchthon se viu imerso em várias controvérsias em campos luteranos, o que o fez encontrar um consolo na morte, pois então se livraria da “rabies theologorum” (fúria dos teólogos). Porém, o próprio Kolb, que critica as várias concessões do *Íterim de Leipzig* e o seu linguajar obscuro quanto à justificação pela fé, argumenta que, dentro de seu contexto, como um homem do

<sup>199</sup> Gnésio é a transliteração do termo grego que significa “verdadeiro”. Os gnésio-luteranos se consideravam os verdadeiros representantes da tradição de Lutero em Wittenberg.

<sup>200</sup> WENGERT, T. J., *Not by Nature Philoneikos*, p. 35-37, 42-48.

século XVI e dentro de uma compreensão evangélica-luterana, Melanchthon tentou, da melhor forma possível, advogar em favor da fé luterana:

Ele acreditava que Deus deu ao príncipe jurisdição sobre as vidas de seu povo, também sobre as vidas religiosas, e acreditava que isto provinha da Palavra de Deus. Além disso, Melanchthon preocupava-se pela paz tanto na igreja quanto no império. Ele temia que a persistente resistência de Maurício ao imperador Carlos e ao rei Ferdinando pudesse trazer as forças de ocupação espanholas para o norte e resultar em centenas de outros púlpitos luteranos sendo esvaziados pela perseguição papal e imperial.<sup>201</sup>

#### **4.2. Melanchthon e Lutero: oposição, projeção e estereotipização**

A pedra de toque no estudo de Melanchthon acaba sendo sempre o seu relacionamento com Lutero, o qual foi, indubitavelmente, o grande nome da Reforma. A teologia dele é conhecidíssima, estudada em vários continentes e há um congresso internacional em nível global realizado periodicamente sobre a sua pessoa e teologia.<sup>202</sup> Já Melanchthon, apesar de despertar, no máximo, razoável interesse, acaba ficando na penumbra acadêmica de Lutero. É praticamente impossível dissociar a sua imagem da de Martinho, porém, na maioria das vezes, ela acaba sendo uma imagem subserviente, isto é, é analisada para bem ou para mal quando comparada ou oposta à de Lutero.

No Brasil, é praticamente impossível achar um artigo acadêmico sobre Melanchthon. É possível contar nos dedos de uma só mão os que existem. Se excluirmos os seus escritos que fazem parte do Livro de Concórdia,<sup>203</sup> não há obra

<sup>201</sup> KOLB, R., *Confessing the Faith*, p. 68. Contudo, Wengert não tem uma visão tão idealista assim de Melanchthon preocupado com Maurício, expondo que o reformador fez críticas duras, ainda que maquiadas pela retórica humanista, com respeito ao desejo de Maurício de competir e achar-se em uma situação que lhe favorecesse (o que inclusive o levou a juntar-se ao imperador e levantar armas contra o seu primo e sogro). Cf. WENGERT, T. J., *Not by Nature Philoneikos*, p. 42.

<sup>202</sup> Desde 1956 é realizado o *International Congress for Luther Research*. Em 2012 foi realizada a 12ª edição do mesmo, no mês de agosto, em Helsinque, Finlândia. O anterior, em 2007, foi realizado no Brasil, na cidade de Canoas/RS. Foi o primeiro realizado no hemisfério sul. <http://www.helsinki.fi/teol/pro/luther2012>.

<sup>203</sup> Os seus escritos presentes no Livro de Concórdia são os já acima referidos *Confissão de Augsburgo* e *Apologia da Confissão*, de 1530 e 1531, e o *Tratado sobre o Poder e o Primado do Papa*, de 1537.



sua traduzida para o português, a não ser uma: um livreto cujo título é “Lutero Visto por um Amigo”!<sup>204</sup> Aliás, talvez possamos começar com esse título para o relacionamento que tinham e falar de sua “amizade”.

De fato, os dois reformadores contribuíram muito um com o outro no desenrolar da Reforma Protestante. Melanchthon foi estimulado a seguir os seus estudos teológicos pelo próprio Lutero, após a sua chegada em Wittenberg, em 1518. No ano seguinte, ao defender as suas teses para graduação, Lutero estava entre os atentos professores. O *Loci Communes* foi enormemente elogiado por Lutero, como uma obra completa, necessária para a formação dos ministros luteranos.<sup>205</sup> Antes disso ainda, logo após a sua chegada, ele exaltou seu colega pelo seu profundo conhecimento das linguas clássicas e o auxílio dele foi fundamental para a tradução do Novo Testamento de Lutero, em 1522. Lutero também exaltou sua capacidade teológica, como por exemplo, na introdução ao Comentário aos Colossenses de Melanchthon.<sup>206</sup> O seu elogio quanto à Confissão de Augsburgo já foi manifestado acima.<sup>207</sup> Melanchthon também por diversas vezes manifestou o seu apreço por Lutero. Como já mencionado, o seu ingresso nos estudos teológicos se deve muito à influência dele. Ele expressa claramente que deve a compreensão do evangelho a Lutero. Por fim, vemos que é ele que discursa no funeral de Lutero.<sup>208</sup> E o escrito mencionado acima “Lutero Visto por Um Amigo” deixa claro o apreço em questão.

Amizade, este é o enfoque do editor para o relacionamento entre Melanchthon e Lutero na única obra que temos de Melanchthon em português. Obra que na versão alemã tem o título de “História da Vida e História do Venerando Senhor Dr. Martinho Lutero, Professor de Teologia Verdadeira e

<sup>204</sup> É a tradução de um prefácio que Melanchthon escreveu para as obras de Lutero em latim, pouco após o falecimento deste, em 1546, no qual ele recapitula a vida e carreira de Lutero como a testemunhou e ouviu falar. Foi publicado em 1983, ano do 5º centenário do nascimento de Lutero. MELANCHTHON, F. *Lutero Visto por Um Amigo*. Porto Alegre: Concórdia, 1983. As outras obras traduzidas para o português não foram publicadas. Cf. p. 22, n. 39.

<sup>205</sup> Cf. p. 36, n. 76.

<sup>206</sup> “I was born for this purpose: to fight with the rebels and the devils and to lead the charge. Therefore my books are very stormy and warlike. I have to uproot trunks and stumps, hack at thorns and hedges, and fill in the potholes. So I am the crude woodsman, who has to clear and make the path. But Master Philipp comes after me meticulously and quietly, builds and plants, sows and waters happily, according to the talents God has richly given him.” LUTERO *apud* WENGERT, T. J., Melanchthon and Luther/Luther and Melanchthon. In: *Luther-Jahrbuch* 66 (1999), p. 58.

<sup>207</sup> Cf. p. 66, n. 180.

<sup>208</sup> O discurso no funeral de Lutero, dado por Melanchthon, encontra-se em tradução para o inglês em MELANCHTHON, F. *Orations on Philosophy and Education*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 256-263.

Clara, Apropriada e Corretamente Escrita pelo Senhor Filipe Melanchthon” e na tradução em inglês é traduzida como “Prefácio de Melanchthon à Segunda Parte das Obras Latinas de Lutero”. A escolha do título em português, se explica, deve-se a “razões diversas”.<sup>209</sup> Como poucos são os que lêem apresentações ou prefácios, a impressão que fica é que eram camaradas, grandes amigos.

Mas Scheible questiona tal rotulação. Para ele, o relacionamento existente é o que se pode caracterizar como “friendly collegiality”.<sup>210</sup> O primeiro aspecto para o qual chama a atenção é a diferença de idade: Melanchthon é 14 anos mais novo.<sup>211</sup> A princípio há um grande interesse e colaboração de um com o outro, como as citações acima mencionam, porém aplicar estas impressões dos anos iniciais a mais de 20 anos de amizade<sup>212</sup> falha em captar a dinâmica dos relacionamentos humanos:

Contudo, assim que fazemos a fascinação de sua primeira colaboração, de seu aprendizado mútuo, de sua luta comum na qual o resultado era incerto – poderíamos até dizer desta fascinação de seus elevados espíritos ou primeiro amor – assim que fazemos disso uma medida de conexão formulada de forma estática, acabamos por obstruir a visão de um relacionamento humano dinâmico e então passamos a registrar tensão, mudanças e ‘crises’.<sup>213</sup>

Outro fato que corrobora a compreensão do relacionamento deles como não sendo uma profunda amizade é o fato de Melanchthon não ter sido convidado para o casamento de Lutero com Catarina von Bora.<sup>214</sup>

<sup>209</sup> MELANCHTHON, F. *Lutero Visto por Um Amigo*, p. 7.

<sup>210</sup> SCHEIBLE, H., *Luther and Melanchthon*, p. 338. Uma tentativa de tradução seria “coleguismo amigável”.

<sup>211</sup> Lutero era um professor de 35 anos de idade quando o jovem mestre chegou a Wittenberg, com apenas 21. Scheible ainda ressalta que Bernard Lohse, Erwin Mühlhaupt e Wilhelm Neuser, dois dos três parceiros com quem dialoga em seu artigo, também caracterizam o relacionamento dos dois reformadores como “amizade”. Wilhelm Neuser, diz que o encontro dos dois foi como “amor à primeira vista”. As obras que cita são LOHSE, B. Philipp Melanchthon in seinen Beziehungen zu Luther. In: *Leben und Werk Martin Luthers von 1526 bis 1546*. Editado por Helmar Junghans. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1983, II:403-418. MUELHAUPT, E. Luther and Melanchthon: Die Geschichte einer Freundschaft. In: *Luther im 20. Jahrhundert*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1982, p. 121-134. NEUSER, W. H. *Luther und Melanchthon—Einheit im Gegensatz*. Munich: Kaiser, 1961.

<sup>212</sup> Melanchthon chegou em Wittenberg em 1518 e Lutero faleceu em 1546, convivendo, portanto, por 28 anos.

<sup>213</sup> SCHEIBLE, H., *Luther and Melanchthon*, p. 319.

<sup>214</sup> Também é destacado que Melanchthon teria ficado aborrecido ao saber do casamento, mas isto não foi pelo fato de não ter sido convidado (provavelmente entendia que não era amigo tão chegado assim), mas sim pelo momento escolhido para a realização do mesmo, a saber, em meio a Revolta dos Camponeses, em 1525. Melanchthon, na verdade, até defendeu Lutero dos boatos que se faziam quanto ao motivo do casamento. Somente depois houve uma celebração maior: “Moreover, Melanchthon was not invited to the wedding itself, which took place in the presence

Contudo, não é por não serem melhores amigos que o respeito e a admiração mútua eram menores. Não poucas vezes compartilhavam refeições. Lutero elogiou muito o trabalho de Melanchthon nos comentários de Romanos e Colossenses e na segunda edição do *Loci Communes* na década de 1530. Melanchthon também elogiou o seu colega mais velho pelo seu comentário sobre os Salmos. Juntos eles foram para Leipzig para introduzir a Reforma Protestante no ducado da Saxônia e na universidade de Leipzig, em 1539, e ambos tentaram consolar um ao outro com relação à morte da filha de um (Lutero) e com as dificuldades da filha de outro (Melanchthon).<sup>215</sup> Além disso, os dois também revisaram e publicaram vários trabalhos exegéticos um do outro.<sup>216</sup>

O relacionamento dos dois era, então, o de colegas de trabalho e defensores de uma mesma causa, a da Reforma.<sup>217</sup> Porém, como todos os relacionamentos, também este passou por altos e baixos – não necessariamente “crises” ou “rupturas”. A dificuldade surge aqui, porém, com aqueles insatisfeitos com o “mito” dos dois grandes amigos, que acabam indo em direção oposta, enfatizando as crises entre os dois, que supostamente puseram os dois reformadores cada vez mais longe um do outro, fazendo inferências que não se confirmam em realidade.

Um dos primeiros momentos de tensão entre os dois seriam as turbulências em Wittenberg em 1521, quando Lutero não se fazia presente, por ter sido abduzido após a Dieta de Worms para o castelo de Wartburgo. Especialmente sobre a liderança de Andreas Bodenstein, vulgo Karlstadt, iniciou-se uma reforma radical, que depois ainda foi inflamada pela vinda dos pregadores espiritualistas de Zwickau. A descrição que se faz de Melanchthon é de alguém temeroso, que não teve coragem de se posicionar para conter a confusão. Porém, Scheible lembra que Melanchthon então não desempenhava nenhum papel de liderança, não era sacerdote consagrado, nem reitor da universidade ou conselheiro do

---

of a small circle of friends, but only to a larger celebration somewhat later. This appears to me to be an index for the fact that the relation for these two men was not the much talked about personal friendship.” Cf. I SCHEIBLE, H., *Luther and Melanchthon id.*, 332.

<sup>215</sup> WENGERT, T. J., *Melanchthon and Luther/Luther and Melanchthon*, p. 59-60.

<sup>216</sup> *Ibid.*, p. 65-66.

<sup>217</sup> “But if we understand friendship as intimate attachment, esteem, and affection between two people, then perhaps only people like Joachim Camerarius, Veit Dietrich, or Caspar Cruciger, Sr., qualify as Melanchthon’s true friends” WENGERT, T. J., *Beyond Stereotypes: The Real Philip Melanchthon*, p. 11.

príncipe e que, no que lhe cabia, ele participou ativamente de algumas comissões, além de ser o primeiro a receber a comunhão sob duas espécies em Wittenberg.<sup>218</sup>

As turbulências de 1521/1522 em Wittenberg são lembradas por aqueles que gostam de enfatizar uma característica que também já se tornou estereotipada em Melanchthon: a ansiedade. Scheible aponta que é o que Lohse aponta como traço característico do reformador.<sup>219</sup> Aliás, por isto os acontecimentos em Wittenberg pós-Dieta de Worms, juntamente com a Confissão de Augsburgo e os Ínterins são lembrados por aqueles que embarcam nos estereótipos melanchthonianos: nestes três eventos Melanchthon está sem Lutero. E quando Melanchthon está sem Lutero, parece que a ansiedade toma conta dele e ele não sabe como se comportar. Mostra-se pusilânime, indeciso, dividido. Perde a firmeza teológica, quem sabe até o caráter. Porém isto não se confirma na realidade, quando se leva em conta o contexto histórico do desenrolar dos eventos.

Porém, se fossem só essas as dificuldades no estudo entre Melanchthon e Lutero, envolvendo conturbados eventos históricos, seria fácil desfazer os mal-entendidos. O problema é que os pré-conceitos, os mitos e os juízos de valor são alimentados pela desconfiança que se nutre pela teologia de Melanchthon, desconfiança, aliás, que já se manifestou enquanto Lutero ainda era vivo e que se intensificaram após a morte dele, especialmente por causa dos Ínterins, como vimos. Geralmente, na pesquisa histórica, o preconceito quanto à teologia do reformador alimenta uma análise parcial dos fatos históricos, que por sua vez corrobora o preconceito prévio numa espiral ascendente.

Esta desconfiança sempre partiu de alunos de Lutero (e de Melanchthon!) que acharam, já durante os anos em que os dois estavam em Wittenberg, que o mais novo, de forma sorrateira, havia modificado ou distorcido a teologia do mais velho, corrompendo, de alguma forma, todo o movimento. A isto se soma a questão que Scheible aponta: Melanchthon é um teólogo/cristão leigo. Talvez, pensam alguns, não tenha gabarito para se posicionar teologicamente. Ele menciona que Wilhelm Maurer, que produziu uma biografia em dois volumes de Melanchthon, defendia que Melanchthon não era teólogo, mas um cristão leigo,

<sup>218</sup> SCHEIBLE, H., *Luther and Melanchthon*, p. 325.

<sup>219</sup> “Anxiety in his stereotypical epithet. Melanchthon was in no way anxious, instead he was concerned for the future of church and empire—just as we cannot get thoughts of a possible nuclear war off our minds, even though we may not be anxious. Melanchthon's concerns were not excessive.” *Ibid.*, p. 326. Também WRIEDT, M., *Between Angst and Confidence: Melanchthon as a Man of the Sixteenth Century*, p. 277.

que viu-se envolto em assuntos teológicos contra a vontade. Um de seus capítulos, quando fala dos seus labores teológicos, é intitulado “A crise de vocação de Melanchthon”.<sup>220</sup> Claro que por detrás disto está a compreensão de que Melanchthon nunca abandonou a sua formação humanista e que, em certo ponto, rompeu com a teologia de Lutero em favor do humanismo, tendo Erasmo como o grande modelo. Mais abaixo falaremos especificamente sobre esta questão, que é um pouco mais polêmica e mais densa. De momento focaremos nas controvérsias que discípulos e colegas de Lutero provocaram, ao apontar “distorções” do pensamento de Lutero em Melanchthon.

A primeira delas acontece em 1527, e diz respeito à questão da lei e da penitência. João Agrícola<sup>221</sup> contesta a posição de Melanchthon em seu *Instrução dos Visitadores*.<sup>222</sup> Estes foram escritos para instruir as igrejas da Saxônia a como efetuarem as reformas nas igrejas e escolas com vistas à promoção da fé cristã. Em vista do estado deplorável das igrejas, grande ênfase é dada à lei de Deus e ao seu papel na condução das pessoas no mundo. Melanchthon, em especial, enfatizou o assim chamado primeiro uso da lei, a saber, o de coibir a desordem no mundo e tornar a vida em sociedade possível. João Agrícola enfatiza que Lutero, especialmente quando interpretando Gálatas 3.19,24, enfatiza a função da lei de apontar para Cristo (que ficou conhecido como segundo uso da lei: mostra o pecado da pessoa e a dirige a buscar refúgio em Cristo). Com isso, ele acusava Melanchthon de divergir de Lutero na interpretação bíblica. Filipe responde que as duas interpretações são possíveis a partir de Paulo e que ele e Lutero concordavam em questão de doutrina, podendo divergir, sem maiores consequências numa passagem específica.<sup>223</sup> Com isso, Melanchthon demonstra a

<sup>220</sup> SCHEIBLE, H., *Luther and Melanchthon*, p. 329. O livro a que ele se refere é MAURER, W. *Der junge Melanchthon: zwischen Humanismus und Reformation*, 2 vols. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1967/1969. Scheible acha interessante esse desprezo justamente por ele ser um cristão leigo, se justamente por Lutero foi defendido o sacerdócio universal dos crentes. Segundo Delumeau, a doutrina do sacerdócio universal foi um dos 3 pilares da Reforma Protestante, juntamente com a ênfase forense da justificação pela fé e o *Sola Scriptura*. Cf. DELUMEAU, J., *Nascimento e Afirmação da Reforma*, p. 60-83.

<sup>221</sup> João Agrícola se tornou um seguidor de Lutero em 1516 e amigo de Melanchthon após a chegada deste a Wittenberg, em 1518. Em 1525 ele se mudou para Eisleben, sua cidade natal, e se tornou reitor da escola latina. Neste mesmo ano foi comissionado por Lutero para escrever o primeiro catecismo do movimento evangélico luterano. Cf. WENGERT, T. J., *Law and Gospel: Philip Melanchthon's Debate with John Agricola over Poenitentia*, Grand Rapids: Baker Books, 1997, p. 18.

<sup>222</sup> Cf. p. 65, n. 178.

<sup>223</sup> “For there is no doubt that Paul teaches the law has been proposed for two reasons: first, to coerce the flesh with carnal righteousness, then to terrify the conscience. I have adapted the

ênfase do movimento evangélico luterano de focar-se no texto e em sua interpretação, não aceitando que haja alguém que a interprete *ex cathedra*, nem mesmo Lutero.<sup>224</sup>

Outra controvérsia surgiu em 1536, instigada por Conrado Cordatus que atacou Melanchthon por ensinar que as boas obras eram a *causa sine qua non* para salvação. A ele se associou Nicolas von Amsdorf, que também nutria suspeitas quanto à teologia de Melanchthon, especialmente o desgosto pela segunda edição do *Loci Communes*, de 1535. Enquanto a teologia de Lutero defendia a passividade da pessoa justificada, semelhante à de uma criança no útero de sua mãe, Melanchthon, segundo eles, vinha ensinando que boas obras eram necessárias para a conversão. Lutero, contudo, logo descartou Cordatus e suas acusações. Aparentemente era questão de linguagem e ênfase. Em nenhum momento há briga entre os dois reformadores. Melanchthon esclarece a partir do seu ponto de vista:

Como sabe, eu formulo algumas coisas menos abruptamente com respeito à predestinação, o assentimento da vontade [à graça], a necessidade de nossa obediência [após a justificação], e pecado mortal. Eu sei que em todos estes quesitos Lutero é, na verdade, da mesma opinião. Mas algumas pessoas indoutas adoram as suas rudes formulações, porque não compreendem o contexto ao qual estas pertencem. Eu não quero arrumar briga com elas. Elas tem o direito à própria opinião. Apenas em um momento ou outro elas deveriam permitir que eu também, como um aristotélico que adora a racional moderação, não fale tão estoicamente.<sup>225</sup>

Para Melanchthon parece não haver diferença. Mas o fato é que há. A diferença na compreensão da justificação pela fé é manifestada por Wengert:

Melanchthon, como era seu intento, enfatizava a promessa – o que ele posteriormente descreveria exclusivamente como a declaração forense do perdão concedida *propter Christum*. Lutero, conforme nos ‘Artigos de Esmalcalde’,

---

interpretation of this Pauline text to the former effect of the law, Luther adapts it to the latter.” Melanchthon *apud* Wengert, *Melanchthon and Luther/Luther and Melanchthon*, p. 64.

<sup>224</sup> WENGERT, T. J., *Melanchthon and Luther/Luther and Melanchthon*, p. 63-65. O mesmo Agrícola contendia novamente, agora com Lutero, na década de 1530 sobre o papel da Lei na vida cristã. Após esta controvérsia, porém, ele se viu obrigado a deixar Wittenberg. Veremos ele depois envolvido na elaboração do *Íterim de Augsburg*. Melanchthon o insulta claramente, quando se dirige por carta ao legado do imperador que buscava a aprovação do *Íterim*. Cf. WENGERT, T. J., *Not by Nature Philoneikos: Philip Melanchthon's Initial Reactions to the Augsburg Interim*. In: *Die Reaktionen auf das Interim von 1548*. Editado por I. Dingel e G. Wartenberg. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2007, p. 43.

<sup>225</sup> SCHEIBLE, H., *Luther and Melanchthon*, p. 334.

concentrou-se no próprio Cristo e fé nele não apenas como aquele que doa, mas como sendo ele próprio a doação.<sup>226</sup>

Como explicar que esta diferença em algo tão fundamental não tenha produzido atritos maiores entre os dois reformadores, rompimento até? A latitude na visão teológica, segundo Scheible, se deve ao fato de Lutero, tão festejado por seu temperamento explosivo e irredutível, também saber da importância de buscar acordos e tolerar diferenças, ao menos numa idade mais avançada.<sup>227</sup> Wengert adiciona que uma visão não é antagônica à outra, mas que elas se complementam para defender e apresentar o que é essencial: “Cristo e a promessa de justiça nele fornecem o verdadeiro objeto da fé”.<sup>228</sup>

Por fim, outra controvérsia girou em torno da Santa Ceia, na década de 1540. Em 1544, Lutero atacou a introdução da Reforma na cidade de Colônia, na Alemanha. À frente da mesma estava Martin Bucer. Em especial, Lutero parecia descontente com as formulações a respeito da Santa Ceia, que pareciam concordar com a visão de Zuínglio sobre a ceia, o qual alegava que a presença era simbólica, isto é, o corpo e o sangue de Cristo não estavam realmente presentes. Quem, na verdade, trouxe ao conhecimento de Lutero tal questão havia sido o já antes mencionado Nicolas von Amsdorf, agora bispo evangélico de Naumburgo. O problema, porém, é que Melanchthon era co-autor do escrito da Reforma em Colônia. Lutero buscou elaborar um novo escrito intitulado “Uma Breve Confissão Acerca da Ceia do Senhor”.<sup>229</sup> Melanchthon temia que ele fosse atacar aos reformadores do sul da Alemanha, especialmente Bucer, o que acabaria desfazendo a Concórdia de Wittenberg, que unificara a reforma da Saxônia e a do sul da Alemanha com respeito à presença de Cristo na Ceia. Melanchthon,

<sup>226</sup> WENGERT, T. J., *Melanchthon and Luther/Luther and Melanchthon*, p. 69. Para uma análise mais pormenorizada das diferenças entre as ênfases dos dois, ver STROHL, H. O Pensamento da Reforma. São Paulo: ASTE, 1963, p. 89-96, embora em uma análise bastante estereotipada com o Lutero vivaz e comovente, apaixonado pela causa, e um Melanchthon frio e distante, afeitos a definições acadêmicas

<sup>227</sup> SCHEIBLE, H., *Luther and Melanchthon*, p. 336.

<sup>228</sup> WENGERT, T. J., *Melanchthon and Luther/Luther and Melanchthon*, p. 70. A compreensão de Wengert pode parecer otimista e conciliatória demais, porém é difícil entender como Lutero seria leniente numa questão tão central de sua teologia. Cf. SCHEIBLE, H., *op. cit.*, p. 334. Wengert também informa que a primeira vez em que Melanchthon explanou consistentemente sua compreensão forense da justificação foi em seu comentário aos Romanos de 1532, elogiado por Lutero inclusive. Uma tradução deste comentário, porém da edição revisada de 1540, encontra-se em MELANCHTHON, F. *Commentary on Romans*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2010. Traduzido por Fred Kramer.

<sup>229</sup> LUTERO, M. *Luther's Works: Volume 38*. Philadelphia: Fortress Press, 1971, p. 279-319.

contrariando a posição que se tem de que era alguém sempre disposto a fazer concessões, tomado de ansiedade e apenas um “secretário” das posições teológicas de outros, firmou-se em sua posição e ameaçou até abandonar Wittenberg, caso Lutero atacasse Bucer e a posição acordada na Concórdia de Wittenberg.<sup>230</sup> Porém, quando a Breve Confissão de Lutero foi publicada, viu-se que ele não atacava Bucer de forma alguma, mas somente a posição simbólica de Zuínglio com respeito à Ceia.

Lutero manteve-se fiel ao acordo feito em Wittenberg em 1536, dando mostras de sua moderação e capacidade de entrar em acordos teológicos (uma característica aparentemente melanchtoniana). Isto porque as posições de Lutero e Melanchthon quanto à Ceia não são idênticas. Lutero aparentemente nunca conseguiu se livrar completamente do conceito de transubstanciação e falava mais livremente da presença de Cristo no pão e no vinho, embora rejeitasse a adoração da hóstia. Sua maior preocupação era a posição doutrinária reformada suíça, que negava absolutamente a presença de Cristo, pois seria simbólica. Assim, Lutero não via problemas em abundantemente enfatizar a presença de Cristo no sacramento. Já Melanchthon, desde muito cedo rejeitara a doutrina da transubstanciação em seu pensar teológico. Já em suas teses para a obtenção do bacharelado se vê a sua negação.<sup>231</sup> Além disso, ele desenvolvera a sua posição quanto à Ceia por vários anos já, começando pelo Colóquio de Marburgo, do qual participou, em 1529, também pela sua compilação de fontes patrísticas quanto à Ceia, em 1530, com a Apologia da Confissão de Augsburgo, de 1531 e também através da Concórdia de Wittenberg, que foi alcançada em grande parte por seus esforços.<sup>232</sup> Assim, a preocupação dele era com a determinação da presença de Cristo, para que não se tolerasse abusos de uma presença indeterminada e o que considerava a idolatria do pão.<sup>233</sup> A presença de Cristo estava ligada ao *uso* do pão e do vinho no Sacramento.<sup>234</sup>

<sup>230</sup> WENGERT, T. J., *Melanchthon and Luther/Luther and Melanchthon*, p. 80.

<sup>231</sup> MELANCHTHON, F., *Selected Writings*, p. 17-18.

<sup>232</sup> WENGERT, T. J., *Melanchthon and Luther/Luther and Melanchthon*, p. 71-72.

<sup>233</sup> Melanchthon ataca as procissões da hóstia no documento da Reforma de Colônia, por exemplo. Cf *Ibid.*, p.77.

<sup>234</sup> Wengert resume de forma sucinta e brilhante a diferença entre a posição teológica dos dois, embora argumente que elas são conciliáveis e até complementares, ao abordar outro incidente histórico do mesmo período, onde os dois reformadores instruem cristãos de Eisleben sobre questões referentes à ceia e sua administração, em 1543, onde deram respostas unificadas, embora com ênfases distintas: “Of course one can see the differences between Melanchthon’s and Luther’s conceptions of the Lord’s Supper. The former took the papal abuses as his starting



Estes são as principais controvérsias entre Melanchthon e Lutero durante o seu trabalho conjunto em Wittenberg, magnificadas por alguns, apontada como “crises” ou “rupturas” entre os dois, mas que, quando olhados sem os preconceitos e as respostas pré-concebidas que se esperam, acabam sendo bem menores e menos intensas. Há ainda outro momento histórico que é citado como momento de discórdia entre os dois, que expressa a verdadeira atitude de Melanchthon para com Lutero. Só que ele aconteceu após a morte de Lutero e está ligado à questão do Íterim acima referida.

Tudo se resume a uma referência feita por Melanchthon a Lutero, extraída de uma carta que ele enviara para Cristovão von Carlowitz, em 1548. Este era um dos principais conselheiros do então eleitor Maurício da Saxônia, que ascendera ao eleitorado da Saxônia após a vitória que ajudou o imperador a conquistar sobre seu primo João Frederico, na Guerra de Esmalcalde. Von Carlowitz esperava contar com a cooperação de Melanchthon e dos demais teólogos de Wittenberg em aceitar o Íterim de Augsburgo, promulgado pelo imperador, para benefício político de Maurício. Melanchthon responde dizendo que até estaria disposto a sofrer em silêncio tais abusos, o que era próprio de sua *moderatio*, a imagem pública de que se tinha dele. Porém, ele não podia aceitar *apoiar* tal coisa. Aqui é importante transcrever as duas traduções que Wengert traz do trecho polêmico da carta de Melanchthon, uma mais tradicional e aceita, na qual aparentemente Melanchthon critica Lutero e o outro uma revisão de Hans Kurig, numa tradução mais acurada do latim, que demonstraria que Melanchthon está na verdade comparando o seu temperamento com o de Lutero. A tradução tradicional:

Anteriormente, eu também sofri uma quase humilhante servidão, quando Lutero frequentemente servia à sua própria natureza, da qual *philoneikia* [competitividade ou amor pela vitória] não era uma pequena parte, ao invés de servir o que era o melhor para si próprio e para o bem comum.”

---

point and wished to limit the *action sacramentalis*. The latter worried about Zwinglianism and reducing the action to a single point in time until the presence of Christ disappeared altogether. The former confessed Christ's presence in the meal *with* the bread and wine. The latter spoke more freely of the Body of Christ in the bread. The former worried about geometrical or magical inclusion that contradicted Christ's free promise. The latter worried about a mathematical restriction of time and argued for a broader “physical” understanding. Melanchthon stressed Christ's real presence in the action with the elements; Luther stressed Christ's real presence in the elements throughout the action”. WENGERT, T. J., Luther and Melanchthon on Consecrated Communion Wine (Eisleben 1542-1543). In: *Lutheran Quarterly* 15 (2001), p. 36.

A tradução revisada: “A princípio, eu também sofri uma quase humilhante servidão, enquanto Lutero parecia escravizado mais à sua própria natureza (na qual *philoneikia* não faltava) do que à vantagem própria ou comunitária.”<sup>235</sup>

Melanchthon primeiro se referiria a uma quase servidão sob Lutero. Isto se devia ao fato de que Lutero era uma figura especial, com traços quase heroicos. Por isso, dele poderia se suportar uma resposta turbulenta, irredutível. Porém, ele, Melanchthon, utilizava-se de *moderatio*, e não tinha este tipo de atitude.<sup>236</sup> Mas caso fosse obrigado a apoiar tal absurdo como os termos do *Íterim de Augsburgo*, então Melanchthon não poderia calar-se. Wengert demonstra que Melanchthon usa sutil, porém firme, retórica para repudiar os pedidos do novo eleitor e foi esta sua resposta um dos grandes motivadores para que a Saxônia não capitulasse diante do imperador e sua política de reunificação religiosa, mas tentasse outros caminhos para solucionar a situação, mesmo que ainda inaceitáveis para alguns, como se concretizou no *Íterim de Leipzig*.<sup>237</sup> Assim, o que para muitos era a prova de fraqueza de Melanchthon, sempre vacilante e pronto a ceder, mostra-se, na verdade, como o oposto:

No final, esta carta não mostra tanto a distância que Melanchthon tinha de Lutero e sua disposição ao compromisso quanto exatamente o contrário. Tendo diante de si que aceitar forçadamente o *Interim*, Melanchthon, que não era predisposto a um comportamento beligerante e capaz de sofrer quase uma servidão comparada ao espírito competitivo de Lutero, demonstrou disposição para tornar-se o que Lutero durante a sua vida jamais alcançara: um mártir pela fé.<sup>238</sup>

#### 4.2.1. Melanchthon, Lutero e Erasmo

Uma questão que sempre levanta polêmica quando se estuda os reformadores de Wittenberg se refere a até que ponto Erasmo influenciou a

<sup>235</sup> WENGERT, T. J, *Not by Nature Philoneikos*, p. 38-41. A diferença estaria na tradução da preposição *cum*, segundo Wengert que deve ser traduzida como “enquanto” e não “quando”.

<sup>236</sup> Wengert argumenta que a *moderatio* de Melanchthon não era uma fraqueza sua, mas sim que “‘moderatio’ was never an excuse for inactivity but almost always a reproach to others and a prelude to his own stubborn, aggressive stance”. WENGERT, T. J, *Not by Nature Philoneikos*, p. 38 e 41.

<sup>237</sup> *Ibid.*, p. 43-47. E também que Melanchthon não busca atacar Lutero, mas sim João Agrícola, com quem já debatera em 1527 e que parecia estar por trás da elaboração do *Íterim de Augsburgo*.

<sup>238</sup> *Ibid.*, p. 46. Itálico do autor.

Reforma. Mais especificamente, há divergências até que ponto Erasmo influenciou Melanchthon com o seu humanismo. A princípio, o reformador holandês parecia simpático à Reforma, especialmente antes de 1521. Para o debate de Leipzig, em 1519, Melanchthon e Lutero esperavam contar com Erasmo como um dos juízes. Porém, apesar de defender reformas em questões morais na igreja, ele nunca se associou ao movimento de Wittenberg. Em especial se opôs a Lutero na década de 1520. Erasmo escrevera a sua *Diatribes sobre o Livre-Arbítrio*, em 1524, onde atacava a antropologia de Lutero. Este respondeu com severas críticas por meio de outro escrito, *Da Vontade Cativa*.<sup>239</sup> Diante desta obra, Erasmo engendrou uma agressiva tréplica em seu *Hyperapistes* de 1526/1527, uma obra em dois volumes.<sup>240</sup> A partir daí fica claro o antagonismo entre os dois.

Contudo, muitas dúvidas permanecem quanto à influência de Erasmo sobre o pensamento de Melanchthon. Geralmente se fala de Melanchthon como um homem dividido entre a Reforma Protestante e o Humanismo, especialmente em sua vertente erasmiana. Wengert esclarece que foi sobretudo Wilhelm Maurer o responsável por esta compreensão, por ele considerada equivocada.<sup>241</sup> Segundo Wengert, Melanchthon colocou-se ao lado de Lutero em sua defesa da vontade cativa do ser humano e teceu severas críticas ao humanista holandês. Isto, segundo Bayer, se deve à adesão completa de Melanchthon às ênfases centrais da descoberta reformatória de Lutero, sobretudo à distinção entre lei e evangelho.<sup>242</sup>

Claro que tanto Lutero quanto Melanchthon foram influenciados por Erasmo, sobretudo no campo da interpretação bíblica. O Novo Testamento Grego publicado por este foi de extrema importância para o aprofundamento bíblico dos dois e até para compreensão e clarificação dos termos teológicos.<sup>243</sup> Porém, os

<sup>239</sup> LUTERO, M. *Obras Seleccionadas: Volume 4*, p. 11-216.

<sup>240</sup> O nome completo da obra é *Desiderii Erasmi Hyperapistes Diatribae Adversus Servum Arbitrium Martini Lutheri* (Uma Defesa da Discussão de Desidério Erasmo contra a Vontade Cativa de Martinho Lutero). WENGERT, T. J., Philip Melanchthon's Contribution to Luther's Debate with Erasmus over the Bondage of the Will. In: *By Faith Alone: Essays on Justification in Honor of Gerhard O. Forde*. Editado por J.A. Burgess e M. Kolden. Grand Rapids: Eerdmans, 2004., p. 112.

<sup>241</sup> *Ibid.*, p. 113. WENGERT, T. J., Famous Last Words: The Final Epistolary Exchange between Erasmus of Rotterdam and Philip Melanchthon in 1536. In: *Erasmus of Rotterdam Society Yearbook* 25 (2005), p. 22. A referência bibliográfica para a obra de Maurer encontra-se na p. 78, n. 220.

<sup>242</sup> BAYER, O., *Philip Melanchthon*, p. 138. Ele ainda comenta que a grande questão é encontrar aspectos de continuidade e quebra entre o humanismo de Melanchthon e sua aderência à Reforma. Cf. p. 136-137.

<sup>243</sup> Green advoga que termos como reputar, imputar, graça e fé nos reformadores de Wittenberg dependem muito da definição dada a eles por Erasmo e depois amadureceram, embora com

reformadores de Wittenberg, sobretudo Lutero, rejeitavam a visão teológica otimista do holandês quanto à vontade humana. Para eles, o ser humano não pode se decidir pelas coisas de Deus no que diz respeito à conversão, mas está preso em seu pecado e ignorância. Erasmo, por sua vez, não poderia aceitar a vontade cativa do ser humano porque isto seria atribuir a Deus o mal. Melanchthon, proveniente do humanismo europeu setentrional, discípulo de Erasmo, acredita-se, seria o conciliador, aquele que tentou fazer a ponte entre os dois.<sup>244</sup>

Contudo, Wengert demonstra que isto está longe da realidade. Ele cita a obra mais importante de Melanchthon entre o *Loci Communes* de 1521 e a *Apologia da Confissão de Augsburgo* de 1531: seu *Comentário aos Colossenses*, de 1527/1528. A obra conta com extensas seções onde o outro reformador de Wittenberg ataca o príncipe dos humanistas.<sup>245</sup> A principal crítica é quanto à falha em distinguir entre fé e razão. A razão não pode compreender a justiça cristã e a maneira como ela é trazida ao ser humano. Na questão da justiça humana, isto é, civil e política, aí sim a razão tem o seu lugar e é muito útil.<sup>246</sup> Melanchthon, então, passa a criticar Erasmo por sua fraca teologia, seu estilo ruim (confuso e exageradamente extenso) e também por seu comportamento, alegando humildade enquanto demonstra orgulho. Segundo Wengert, o comentário de Colossenses de Melanchthon é a segunda parte da resposta ao humanista holandês por parte de

---

ênfases próprias, na compreensão de justificação pela fé dos dois. Cf. GREEN, L. The Influence of Erasmus upon Melanchthon, Luther and the Formula of Concord in the Doctrine of Justification. In: *Church History* 43 (1974), p. 184-189.

<sup>244</sup> WENGERT, T. J., *Melanchthon's Contributions to Luther's Debate with Erasmus*, p. 113.

<sup>245</sup> Rieth parece embarcar no estereótipo de Melanchthon como vacilante, que não sabe para que lado ir, entre Erasmo e Lutero: "Na controvérsia entre Lutero e Erasmo sobre o livre-arbítrio, Melanchthon buscou um caminho intermediário, expresso no comentário à Carta aos Colossenses de 1527". RIETH, R. W., *O pensamento teológico de Filipe Melanchthon (1497-1560)*, p. 225. Não é porque Melanchthon continuou a se corresponder com o humanista holandês que ele era dependente e subserviente ao humanismo deste, ou que por fazer isso traísse a teologia reformatória.

<sup>246</sup> WENGERT, T. J., WENGERT, T. J., *Melanchthon's Contributions to Luther's Debate with Erasmus*, p. 116. Também: "It appears that Melanchthon is charging Erasmus with mixing philosophical speculation (*ratio*) and Christian truth in that he does not clearly distinguish between human and Christian righteousness". p. 118. Também Keen ressalta que a influência de Erasmo em Melanchthon deve se encontrar nas obras educacionais e filosóficas, não na teologia: "If there is an Erasmian Melanchthon, he is to be found in the preceptor's educational works, in the grammars and editions of classical texts. Like Erasmus, Melanchthon believed in the moral value of classical learning. Grounding in the rhetorical tradition of antiquity made one more eloquent and thus graceful as a partner in dialogue; the great events and figures of history were moral lessons imparted by example. That the elements of humanist learning were necessary for all serious endeavors was the common ground on which Erasmus and Melanchthon stood. [...] Melanchthon may indeed have been no more sympathetic to Erasmus as a theologian than Luther was." KEEN, R. Melanchthon and His Roman Catholic Opponents. In: *Lutheran Quarterly* 12 (1998), p. 421.

Wittenberg e sua posição sobre livre-arbítrio. Lutero, mais combativo, tinha procurado repreender Erasmo, sendo que a sua atitude, como era de se esperar, acabou provocando uma resposta ainda mais áspera. Já Melanchthon o critica em suas habilidades humanistas, nas quais orgulha-se em sobressair, silenciando-o.<sup>247</sup>

O próprio Lutero viu no comentário de Colossenses o apoio de Melanchthon que, com sua habilidade retórica, coloca-se ao seu lado, mesmo embora tenha abordagem e ênfases diferentes.<sup>248</sup>

Mesmo anos depois, Melanchthon não parece inclinado a manter a amizade com Erasmo a qualquer custo. Quando publicou sua segunda edição do *Loci Communes*, em 1535, ele a dedicou a Henrique VIII, da Inglaterra. Erasmo se sentiu atacado pelo prefácio escrito por Melanchthon e reagiu por carta. Isto levou a um breve intercuro epistolar quanto ao assunto entre os dois que Wengert diz muitos entenderam como um sincero tributo a Erasmo, enquanto que, na verdade, através de sofisticada sutileza retórica, Melanchthon se mantém firme em sua posição. A troca de correspondências não é amistosa,<sup>249</sup> mas sim uma maneira de estabelecer balizas e limites entre os dois:

Estas cartas apresentam uma conversação sofisticada entre duas das mais importantes mentes do norte da Europa, na qual, aparentando conceder tudo, os autores na verdade não estão dispostos a afastar-se a largura de um fio de cabelo de suas posições originais. Eles apenas concordam em não mais atacar um ao outro em público e, assim, continuar a sua sólida amizade epistolar. Após a morte de Erasmo, Melanchthon manterá o cessar-fogo até a sua própria morte em 1560.<sup>250</sup>

<sup>247</sup> Isso, segundo Keen se deve a atitude de Melanchthon não ser a de polemizar, mas sim persuadir. Ele não era dogmático, mas retórico. Cf. KEEN, R. Melanchthon and His Roman Catholic Opponents. In: *Lutheran Quarterly* 12 (1998), p. 427.

<sup>248</sup> Ver p. 22, n. 39. Green postula que Lutero tinha a latitude de aceitar posições divergentes, desde que a pessoa estivesse dentro do seu círculo de influência e que isto se verificava especialmente com Melanchthon. Ele chama isto de “agreement in diversity”. Cf. GREEN, L., *The Influence of Erasmus upon Melanchthon, Luther and the Formula of Concord in the Doctrine of Justification*, p. 197. Isso, porém, só é compreensível se a diferença for questão de como formular as coisas, e não de conteúdo.

<sup>249</sup> Aqui é importante lembrar que para os humanistas do século XVI a troca de correspondências não era assunto privado, mas sim da esfera pública: “The letter was such and essential genre in the Renaissance that it could not be reduced to private conversation. It was a formal, often public, art serving many social, political and intellectual purposes”. HENDERSON, J. R. *Erasmian Ciceronians: Reformation Teachers of Letter-Writing. Rhetorica: A Journal of the History of Rhetoric* 10 (1992), p. 276.

<sup>250</sup> WENGERT, T. J., *Famous Last Words: The Final Epistolary Exchange between Erasmus of Rotterdam and Philip Melanchthon in 1536*, p. 36. Erasmo faleceu no ano de 1536.

### 4.3.

#### A Historiografia de Melanchthon

Os problemas quanto à historiografia da figura de Melanchthon já começaram cedo, mais precisamente com o seu primeiro biógrafo, o seu amigo Joaquim Camerário, que escreveu a biografia sobre o reformador, *De vita Philippi Melanchthonis Narratio*, em 1566. Wengert esclarece o desserviço feito pela obra:

O professor de retórica de Leipzig conseguiu criar um Melanchthon maravilhosamente estoico, que suportou pedradas e flechadas em ataques ultrajantes (por pessoas como Gallo e Matias Flácio) com paciência e calma. O seu temperamento – pelo qual Melanchthon era na verdade bem conhecido – era como nuvem passageira que se dissipava no quente brilho de sua disposição. Ele sofreu em silêncio. Na verdade, a apresentação da personalidade estoicizada de Melanchthon por Camerário foi tão bem sucedida que permaneceu, quase sem questionamentos, como a oficial por mais de 400 anos entre os apoiadores e críticos de Melanchthon.<sup>251</sup>

Tal visão acabou por influenciar a pesquisa histórica sobre Melanchthon e permitiu que na maioria das vezes o seu relacionamento com Lutero fosse psicologizado, em detrimento dos fatos. Além disso, resultou em uma pesquisa histórica muitas vezes mais interessada em comparação de teologias, entendendo as posições divergentes de Melanchthon como “desvios” ou falta de firmeza teológica para se posicionar mais firmemente – a falta de firmeza teológica geralmente caminhando ao lado das dificuldades psicológicas ressaltadas.

A biografia de Camerário, apesar de ser infeliz em sua descrição, é compreensível em sua época histórica, na qual Melanchthon, mesmo após sua morte, era atacado em campos luteranos por teólogos que haviam sido alunos seus

<sup>251</sup> WENGERT, T. J., *Beyond Stereotypes: The Real Philip Melanchthon*, p. 13. Adiante, Wengert esclarece que “he was a man with a short temper, who could be inflexible in negotiations, stubborn, and frustratingly reticent when he wanted to be. Students preferred the soft hearted Dr. Martin to the demanding Master Philip. He was plagued with insomnia and turned to drinking wine in the evenings to relieve that malady. He was thin even in the best of health and had to bear his share of that age’s maladies – nearly dying of complications from a febrile influenza in 1540, breaking his wrist in a fall in 1541, suffering from kidney stones in later life.” p. 14-15.

e de Lutero e que lhe acusavam de corromper os verdadeiros ensinamentos luteranos.<sup>252</sup> Várias controvérsias grassaram em campos luteranos por cerca de 30 anos até que um grupo de teólogos liderados por Nicolas Selnecker, Jacó Andrae, Martin Chemnitz e Davi Chytraeus conseguiu certo acordo entre os teólogos luteranos por meio da *Fórmula de Concórdia*. Com ela conseguiu-se chegar a um consenso nos pontos mais polêmicos, por vezes se rejeitando a posição de Melanchthon, como no artigo II sobre o livre-arbítrio e no artigo X, sobre os adiáforos, em outras aceitando-se o que ele ensinava, como no artigo I sobre o pecado original e o artigo VI, sobre o terceiro uso da lei, e ainda em outros se fazendo uma mescla da compreensão de Melanchthon e Lutero, como nos artigos VII e VIII, sobre a Santa Ceia.<sup>253</sup>

Porém, a desconfiança quanto a Melanchthon permaneceu presente em campos luteranos e adentrou o século XVII, não permitindo uma muito efusiva comemoração no 1º centenário de sua morte, e desenvolvendo-se de forma mais intensa com o pietismo:

Durante uma disputa acadêmica no início do século XVII, Leonardo Hutter, o *Lutherus redonatus* (Lutero devolvido, isto é, Lutero renascido), arrancou o retrato de Melanchthon da parede e pisou nele. Mais de meio século depois, na mesma Wittenberg, Abraão Calov lamentou: ‘Deus nem sempre permite que um Eliseu suceda um Elias... por vezes, de acordo com o julgamento de Deus, um luteranismo vivo e fiel é seguido por um temeroso Filipe intelectualizante’. Em 1660, nas comemorações do luteranismo, apenas uma única voz foi ouvida publicamente celebrando o centésimo aniversário da morte de Melanchthon (cem anos depois o Preceptor da Alemanha seria celebrado com uma riqueza de discursos acadêmicos tanto em Wittenberg quanto em Leipzig!). A inimizade contra Melanchthon assumiu uma nova qualidade durante o Pietismo.<sup>254</sup>

Outra acusação que por vezes se faz é a de que Melanchthon estaria na base do surgimento do pensamento iluminista na Alemanha.<sup>255</sup> Pena Búa, que se ocupa da filosofia de Melanchthon, diz que este não é o caso. Segundo ela, esta acusação, vinda de W. Dilthey, que disse que Melanchthon fazia separação entre

<sup>252</sup> Alguns deles foram Nicolás Galo, Nicolás von Amsdorf e Matias Flácio Ilírico. Para entender melhor a dinâmica dos dois “partidos” que se formaram após o *Ínterim de Augsburg* conferir o artigo KOLB, R., Dynamics of Party Conflict in the Saxon Late Reformation: Gnesio-Lutherans vs. Philippists, In: *The Journal of Modern History* 49 (1977), p. D1289-D1305.

<sup>253</sup> A *Fórmula de Concórdia*, sua Epítome e Declaração Sólida podem ser encontradas em LIVRO DE CONCÓRDIA: *As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*, p. 497-683.

<sup>254</sup> WALMANN apud BAYER, O., *Philip Melanchthon*, p. 134. Relatado também por KOLB, R., *Philip Melanchthon: Reformer and Theologian*, p. 309

<sup>255</sup> BAYER, O., *Philip Melanchthon*, p. 137.

razão e revelação, esquece de levar em conta o contexto medieval do qual veio o reformador, na qual a razão está subordinada à pré-orientação da revelação.<sup>256</sup>

Depois disso, seguimos para o século XIX e sua recepção do pensamento de Melanchthon. Particularmente interessante aqui é a recepção que ele teve no contexto do luteranismo que foi transplantado para os Estados Unidos. Sendo confrontado com a diversidade religiosa norte-americana, os luteranos na América começaram a acessar o legado teológico de Melanchthon de forma diferente. Ao longo do século XIX, Melanchthon foi alvo de interesse de luteranos mais por razões de política eclesiástica e contextuais. Na primeira metade do século ele foi altamente estimado, não por sua teologia, mas sim por sua atitude, sendo proposto como “o herói com espírito progressista e como aquele que estava disposto a ajustar as suas opiniões em favor da superação da desunião entre as igrejas protestantes”.<sup>257</sup> Segundo Tappert, o que existia era um verdadeiro culto a Melanchthon.<sup>258</sup> Isso se deveu, sobretudo, ao fato de que no começo do século XIX a imigração alemã para os EUA sofreu uma queda abrupta e os luteranos imigrantes tiveram que adaptar o seu pietismo alemão ao novo cenário religioso, dominado pelo puritanismo inglês modificado pelos reavivamentos religiosos. A fusão dos dois deu o ensejo para a criação e consolidação do chamado “Luteranismo Americano”. Este movimento, cujo grande expoente foi Samuel Simon Schmucker, enaltecia o Melanchthon que tinha um pensamento teológico progressista, disposto a se adaptar aos contextos em mutação e ao acúmulo de novos conhecimentos. Assim, rejeitava-se o Melanchthon mais novo, responsável pela Confissão de Augsburgo, então recheada de muitas concessões aos católicos romanos, em favor do Melanchthon mais velho, que alterou suas doutrinas e que buscava sempre melhorar e polir suas obras.<sup>259</sup> O auge da ênfase em Melanchthon se deu na metade do século, quando foi estabelecido o “Sínodo de Melanchthon”, no estado de Maryland, fundado por Benjamin Kurtz, em 1957. O curioso é que

<sup>256</sup> PENA BÚA, P. La Teología Natural en Felipe Melanchthon. In: *Diálogo Ecueménico* 45 (2000), p. 375-77.

<sup>257</sup> TAPPERT, T. G. Melanchthon in America. In: *In: Luther and Melanchthon in the history and theology of the Reformation*. Editado por V. Vajta. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1961, p. 190.

<sup>258</sup> *Ibid.*, p. 189.

<sup>259</sup> Tappert explica que a rejeição do Melanchthon da Confissão de Augsburgo, com tendências ainda demasiadamente católicas, se justifica no contexto histórico da primeira metade do século XIX, quando a imigração irlandesa fez com que a presença católico-romana na América do Norte fosse sentida de forma significativa, pela primeira vez, provocando reação dos ramos protestantes. Cf. TAPPERT, T. G., *Melanchthon in America*, p. 192.



suas posições teológicas não eram extraídas de Melanchthon, mas sim do puritanismo americano. A sua submissão não era à teologia de Melanchthon, mas ao que ele representava: “eles acreditavam que ele foi o principal proponente de conciliação, progresso, desenvolvimento e adaptação no luteranismo incipiente”.<sup>260</sup> Tal sínodo, porém, teve curta vida, apenas 12 anos.

Atitudes mais negativas quanto a Melanchthon também se apresentaram, especialmente na segunda metade do século XIX, que acabaram dando o tom na pesquisa melanchthoniana neste século e também para o início do seguinte. O grupo dos “luteranos antigos” enfatizou a submissão de Melanchthon a Lutero. Encontraram em Charles Porterfield Krauth seu grande expoente e identificavam Melanchthon como o líder irenista e fraco, que não estava à altura da tarefa. Mais crítico ainda de Melanchthon do que ele foi o Sínodo de Missouri, que através de Francis Pieper acusava Melanchthon de ter levado a teologia da Reforma pelo caminho do sinergismo. Isso, porém, depois da Confissão de Augsburgo, momento até o qual Melanchthon ainda fez grandes contribuições à Reforma. Assim, os “luteranos antigos” se colocavam em posição oposta aos do “Luteranismo Americano”.<sup>261</sup>

Por fim, também havia a posição luterana mediadora, representada por Milton Valentine, que procurava ressaltar a contribuição teológica de Melanchthon, colocando-a ao lado de Lutero e a valorizando, ainda que notasse divergências no pensamento teológico. Tal abordagem forneceu o caminho para uma visão mais equilibrada, como a de James W. Richard, biógrafo do reformador no 4º centenário de seu nascimento.<sup>262</sup> Tappert destaca que Melanchthon só veio a ser alvo de pesquisa acadêmica independente no final do século XIX, com essa biografia de Richard.<sup>263</sup>

No entanto, mesmo aqueles que tentavam reabilitar a imagem de Melanchthon também permitiam que os julgamentos de valor, psicologizações e ideologias eclesiais turvassem o seu julgamento. Herr descreve a percepção

<sup>260</sup> TAPPERT, T. G., *Melanchthon in America*, p. 194.

<sup>261</sup> HERR, S. The Image of Philip Melanchthon among 19th-century North American Lutherans (1850-1900). In: *Philip Melanchthon Then and Now (1497-1997)*. Editado por S.H. Hendrix e T. Wengert. Columbia: Lutheran Theological Southern Seminary, 1999, p. 67-70.

<sup>262</sup> HERR, S., *The Image of Philip Melanchthon among 19th-century North American Lutherans (1850-1900)*, p. 71-73.

<sup>263</sup> TAPPERT, T. G., *Melanchthon in America*, p. 189. A biografia é RICHARD, J. W., *Philip Melanchthon, the Protestant Preceptor of Germany*, New York: G.P. Putnam's Sons, 1898.

mais comum que ficou de Melanchthon no século XIX, adentrando o século XX, dizendo que:

Ele [o século XIX] deu-lhe crédito por contribuir com a obra da Reforma, mas também retratou Melanchthon como um teólogo pacifista, disposto a acordos, e fraco, que tinha medo de se manter firme em suas crenças evangélicas. Além disso, a imagem retratava Melanchthon como dependente de Lutero e como tendo falta de habilidade para liderar a causa evangélica, apesar do fato que foi Melanchthon, e não Lutero, quem liderou a delegação evangélica a Wittenberg.<sup>264</sup>

A partir da segunda metade do século XIX e ingressando no século XX, houve um crescimento maior no interesse do estudo das Confissões Luteranas e da interpretação das mesmas pelos teólogos luteranos do final do século XVI, num movimento que foi denunciado por muitos como uma excessiva intelectualização da mensagem reformatória, devida em grande parte, segundo muitos, a Melanchthon. Conforme afirma Schmauck, em 1911:

[Melanchthon] imprimiu a dialética e o estilo acadêmico sobre a forma da teologia luterana desde o seu remoto início até o fim de sua exaustivamente elaborada ortodoxia e clássico período no século dezessete. O completo abandono evidente nas formas teológicas luteranas iniciais e posteriores do método e do *insight* mais vital e germinal de Lutero por uma estrutura aristotélica modificada de definição lógica foi atribuída a Melanchthon. Ele foi o responsável pela reintrodução de Aristóteles na teologia. Ele enfatizou a religião natural e a lei natural. Da mesma forma, quando em edições posteriores do seu *Loci* ele discutiu a natureza de Deus, Melanchthon partiu de Platão e então adicionou a revelação. Foi este método e espírito de Melanchthon, não o espírito de Lutero, que conduziram à ‘ultraortodoxia do século dezessete’.<sup>265</sup>

O alegado excesso de intelectualização introduzido por Melanchthon na teologia reformatória é denunciado de forma mais veemente e insidiosa por Richard Caemmerer em seu artigo *The Melanchthonian Blight*, de 1947.<sup>266</sup> Para

<sup>264</sup> HERR, S., *The Image of Philip Melanchthon among 19th-century North American Lutherans (1850-1900)*, p. 59.

<sup>265</sup> SCHMAUCK *apud* TAPPERT, *Melanchthon in America*, p. 196.

<sup>266</sup> CAEMMERER, R. R. *The Melanchthonian Blight*. In: *Concordia Theological Monthly* 18 (1947), p. 321-338. *Blight* pode ser traduzido como “praga”, como as que atacam plantas. Caemmerer, também do Sínodo de Missouri, compartilha basicamente da visão de Pieper de que até 1530 Melanchthon prestou grandes serviços à Reforma em Wittenberg e depois “corrompeu-se” com o humanismo e a intelectualização. A nuance diferenciada é que Caemmerer argumenta que já antes de 1530 pode-se perceber em Melanchthon sua duplicidade a sua inerente propensão ao estudo da filosofia em detrimento da teologia, especialmente Aristóteles.

Caemmerer, Melanchthon havia sido ganho por Lutero para a causa reformatória, mas devido às necessidades das reformas educacionais na Alemanha que lhe sobrevieram, de caráter essencialmente administrativas, ele retornou ao seu humanismo peculiar.<sup>267</sup> Desta forma, Melanchthon cada vez mais enfatizou a fé como assentimento intelectual, em detrimento de uma compreensão mais genuinamente luterana de fé como envolvendo o ser humano por completo em seu relacionamento com Deus.<sup>268</sup> Esta compreensão intelectualizante faria sentir os seus efeitos de duas formas: na ênfase da lei natural e da regeneração cristã como simples cumprimento de leis e mandamentos ordenados, e não como a ação de Cristo em seu amor envolvendo toda a pessoa, e também na concepção de ministério como elite espiritual, que necessariamente deveria ter treinamento humanista e estar em posição de destaque com relação aos demais.<sup>269</sup> Por isso, seria preciso estar atento à “praga” melanchthoniana que ameaça corromper todo o ensino luterano, praga que tem aspecto honesto e íntegro, mas que na verdade transmite veneno para a vida religiosa.<sup>270</sup> Esta compreensão da distorção provocada pelo reformador no pensamento luterano também foi esposada por Jaroslav Pelikan, que defendia que a intelectualização da fé cristã foi a principal herança deixada por Melanchthon à ortodoxia luterana do século XVII.<sup>271</sup>

A partir da segunda metade do século XX, contudo, a abordagem da figura e da obra de Melanchthon começa a ser analisada de forma um pouco mais positiva. O início dessa mudança pode ser marcada com a publicação de uma edição de estudo das obras de Melanchthon, idealizada por H. Bornkamm e R. Stupperich,

<sup>267</sup> CAEMMERER, R. R. *The Melanchthonian Blight*, p. 325-327.

<sup>268</sup> *Ibid.*, p. 330.

<sup>269</sup> *Ibid.*, p. 330-336.

<sup>270</sup> Esta visão negativa de Melanchthon também era encontrada no continente europeu, sobretudo em Karl Holl (m. 1926), que defendia que Melanchthon havia corrompido a doutrina da justificação de Lutero. Scheible salienta que esta posição quanto a Melanchthon é a posição que tem marcado o estudo de Lutero no século XX: “This judgment has defined the Luther Renaissance position to this day.” Também a obra de H. C. von Hase, *Die Gestalt der Kirche Luthers: Der casus confessionis im Kampf des Matthias Flacius gegen das Interim 1548* (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1940), na qual “Flacius is celebrated as the savior of the church and Melanchthon appears as its corruptor”. Da mesma época do artigo de Caemmerer também é o livro de HILDEBRANDT, F., *Melanchthon: Alien or Ally?* (Cambridge: Cambridge, 1946). Segundo Scheible “The idea that Melanchthon had made compromises at every turn ran relentlessly throughout the work.” SCHEIBLE, H., Fifty Years of Melanchthon Research. In: *Lutheran Quarterly* 26 (2012), p. 164-165.

<sup>271</sup> SCHURB, K. Twentieth-Century Melanchthon Scholarship and the Missouri Synod: With Particular Reference to Richard Caemmerer's "The Melanchthonian Blight". In: *Concordia Theological Quarterly* 62 (1998), p. 291-292. O livro de Pelikan é PELIKAN, J., *From Luther to Kierkegaard*. St. Louis: Concordia Publishing House, 1950.

cujo primeiro volume foi lançado em 1951.<sup>272</sup> Nos Estados Unidos, a publicação de uma biografia por Manschreck, em 1958, influenciou positivamente a imagem do reformador neste país.<sup>273</sup>

Mas a imagem do outro reformador de Wittenberg ainda era obscura e despertava pouco interesse. Diante disso, torna-se uma grande surpresa o fato de que o segundo congresso internacional sobre Lutero, em Münster, Alemanha, tenha tido como tema Lutero e Melanchthon, aproveitando os 400 anos da morte de Melanchthon.<sup>274</sup> Enquanto algumas imagens negativas ainda são encontradas, especialmente com o acento norte-americano, há a possibilidade de se ver novas abordagens sobre a imagem do reformador, como a de Peter Fraenkl. Do lado negativo tem-se Pauck, então professor nos EUA, repetindo os estereótipos da “ansiedade”,<sup>275</sup> a análise psicologizada a partir das palavras de Lutero com relação à Confissão de Augsburg, em 1530, e também a avaliação de que o que Lutero era um sincero e ardoroso proclamador da Reforma, Melanchthon tentava controlá-la e moldá-la: “Lutero era um homem de fé, que via todo o pensamento e ação humana sujeitas à ação de Deus, e Melanchthon era um homem da ciência, um acadêmico, que tentava regular tantas coisas quanto possível pela capacidade de seu conhecimento”.<sup>276</sup> Tem também Tappert, manifestando inclusive certo machismo, ao analisar a influência de Melanchthon nos Estados Unidos, que sentenciava:

Tal foi a carreira da influência de Melanchthon nos Estados Unidos. Ele foi reivindicado e acusado por muitas coisas por diferentes grupos. Em grande medida a razão para isto está no próprio Melanchthon, pois era um homem de dons admiráveis e nobres impulsos que foi obrigado pelas circunstâncias a desempenhar um papel na história para o qual não estava temperamentalmente preparado. Em comparação com Lutero, ele foi chamado de ‘o princípio feminino da Reforma’.<sup>277</sup>

<sup>272</sup> SCHEIBLE, H., *Fifty Years of Melanchthon Research.*, p. 165.

<sup>273</sup> *Ibid.*, p. 169. MANSCHRECK, C. L., *Melanchthon: The Quiet Reformer*, New York: Abingdon, 1958.

<sup>274</sup> Os trabalhos deste congresso foram unidos em um volume: VAJTA, V.. *Luther and Melanchthon in the history and theology of the Reformation*. Philadelphia: Muhlenberg Press, 1961.

<sup>275</sup> PAUCK, W., Luther and Melanchthon. In: *Luther and Melanchthon in the history and Theology of the Reformation*. Editado por V. Vajta. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1961, p. 146-164. p. 27-28.

<sup>276</sup> PAUCK, W., *Luther and Melanchthon*, p. 31.

<sup>277</sup> TAPPERT, T. G., *Melanchthon in America*, p. 197.

Já entre as novas abordagens, Fraenkl enfatiza a continuidade no pensamento de Melanchthon, sobretudo em seu pensamento sobre a eucaristia, e o uso consistente que fez dos pais da Igreja para embasar a sua posição.<sup>278</sup>

Ainda em conexão com a lembrança do jubileu de quatrocentos anos de falecimento de Melanchthon, em 1960, o *Concordia Theological Monthly*, publicou uma edição inteira, no mês de agosto, com artigos apenas sobre Melanchthon. São artigos mais curtos, não tão abrangentes, mas em vários é possível perceber um tom positivo na avaliação o reformador. Este é o mesmo periódico que publicara o artigo de Caemmerer, treze anos antes, por isso a surpresa com o tom positivo, pois a memória de Caemmerer ainda exercia influência no campus de onde ele era publicado.<sup>279</sup> É certo que aqui e ali há os esterótipos repetidos e algumas análises negativas. É o caso de E. Lueker, que repete diversos deles em mais de 15 tópicos comparativos citados.<sup>280</sup> Já R. Preus começa apresentando a teologia do reformador em aspectos muito positivos, separando entre a sua compreensão de filosofia e teologia e mostrando que no que tange à teologia, Melanchthon não costumava misturá-la com filosofia, isto é, o seu lado humanista não “contaminou” sua teologia. Porém no final diz que ele sucumbiu à filosofia e ao humanismo. Lamenta ainda a “tragédia” das vacilações dele e do seu posterior sinergismo, que aconteceram porque ele nunca experimentou, como Lutero a *Anfechtung* (tentação).<sup>281</sup> C.S. Meyer, enquanto enaltece os grandes feitos de Melanchthon como humanista e educador, repete o estereótipo de que a amizade de Lutero e Melanchthon estremeceu por causa de Erasmo. Ele é reticente, não diz que foi uma quebra, mas que esfriou.<sup>282</sup>

Já nos artigos de Thiele e Piepkorn, enquanto não sejam ignorantes das críticas que são feitas a Melanchthon, eles exaltam o seu papel como representante eclesiástico e confessor da fé.<sup>283</sup> Piepkorn chega ao ponto de defendê-lo, dizendo

<sup>278</sup> FRAENKEL, P. Ten Questions Concerning Melanchthon, the Fathers and the Eucharist. In: *Luther and Melanchthon in the history and theology of the Reformation*, p. 146-164.

<sup>279</sup> SCHURB, K., *Twentieth-Century Melanchthon Scholarship and the Missouri Synod: With Particular Reference to Richard Caemmerer's "The Melanchthonian Blight"*, p. 302.

<sup>280</sup> LUEKER, E. Luther and Melanchthon. *Concordia Theological Monthly* 31 (1960), p. 476-478.

<sup>281</sup> PREUS, R. Melanchthon the Theologian. *Concordia Theological Monthly* 31 (1960), p. 469-475.

<sup>282</sup> MEYER, C.S. Meyer. Melanchthon as Educator and Humanist. *Concordia Theological Monthly* 31 (1960), p. 533-540.

<sup>283</sup> THIELE, G. A. Melanchthon the Churchman. *Concordia Theological Monthly* 31 (1960), p. 479-481. PIEPKORN, A. C. Melanchthon the Confessor. *Concordia Theological Monthly* 31 (1960), p. 541-546.

que mesmo os grandes nomes da Igreja não estavam imunes aos erros, mencionando, como exemplo, Santo Atanásio, Santo Agostinho e Tomás de Aquino.<sup>284</sup>

Porém, na segunda metade do século XX, quem deu o maior impulso para que fossem feitas contribuições significativas para uma melhor compreensão da teologia e da obra de Melanchthon dentro de seu contexto reformatório, seu relacionamento com Lutero, com Erasmo, uma melhor compreensão das controvérsias teológicas envolvendo a Confissão de Augsburg, a doutrina da Santa Ceia e os Ínterims de Augsburg e Leipzig foi Heinz Scheible. Professor em Heidelberg, foi por muitos anos o editor das cartas de Melanchthon, que já somam vinte e três volumes, até que se aposentou, em 2009.<sup>285</sup> Fundamental para a compreensão do relacionamento entre os reformadores é o seu artigo *Lutero e Melanchthon*, onde trata os pontos mais controversos da trajetória conjunta dos dois, desfazendo visões românticas ou então apaixonadamente críticas.<sup>286</sup>

Quando chegamos no ano da celebração dos 500 anos do nascimento de Melanchthon, em 1997, já se tem um despertar bem maior da consciência sobre a sua relevância e contribuições. Melanchthon já começa a ser um campo de estudo independente, não mais tão servilmente dependente de Lutero. Não que a trajetória tenha sido clara e sem dificuldades. O artigo de Hägglund, de 1980, evidencia isto, quando ele ressalta que Melanchthon desviou-se teologicamente de Lutero, mas também mostra bastante simpatia para com a imagem de Melanchthon e a contribuição que ele pode fazer para o campo das discussões interconfessionais contemporâneas.<sup>287</sup>

Também na segunda metade do século XX foram publicadas algumas biografias que, ainda que não reabilitem totalmente a imagem do outro reformador de Wittenberg, pelo menos começam a olhá-lo com outros olhos e com interesse. Já em 1958 C. L. Manschreck publicou a obra *Melanchthon: the Quiet Reformer*.<sup>288</sup> Em 1960, R. Stupperich publicou *Der Unbekannte Melanchthon*.<sup>289</sup>

<sup>284</sup> PIEPKORN, A. C., *Melanchthon the Confessor*, p. 546.

<sup>285</sup> SCHEIBLE, H., *Fifty Years of Melanchthon Research*, p. 164. Wengert ressalta que o epistolário total de Melanchthon é maior do que o de Lutero e Erasmo somados. Cf. WENGERT, T. J., *Beyond Stereotypes: the Real Philip Melanchthon*, p. 14.

<sup>286</sup> SCHEIBLE, H., *Luther and Melanchthon*, p. 317-339. Este artigo foi publicado na Alemanha, originalmente, em 1984.

<sup>287</sup> HÄGGLUND, B., Melanchthon versus Luther. In: *Concordia Theological Monthly* 44 (1980), p. 123-133.

<sup>288</sup> MANSCHRECK, C. L., *Melanchthon: the Quiet Reformer*. Nashville: Abindgdon, 1958.

Em 1965, saiu em língua inglesa, de sua autoria, *Melanchthon, the Enigma of the Reformation*.<sup>290</sup> Já em 1969, M. Rogness publicou outra biografia, sob o título *Philip Melanchthon, Reformer Without Honor* (não que ele fosse desleal, mas que não recebera a honra devida, embora a ambigüidade seja provocativa).<sup>291</sup>

Grande destaque merece a celebração do quinto centenário do nascimento de Melanchthon. Em 1997, Scheible publicou a sua biografia popular do reformador.<sup>292</sup> Na Alemanha, festejos foram realizados.<sup>293</sup> O lema foi *Nati sumus ad mutuam sermonis communicationem*.<sup>294</sup> Nos Estados Unidos, em 1998, um número especial do periódico *Lutheran Quarterly* foi dedicado especialmente a Melanchthon, publicando artigos de uma conferência sobre Melanchthon realizada no *The Melanchthon Institute*, de Houston, Estados Unidos, em setembro de 2007. Nele aparece um artigo de S. Rhein, então curador da *Melanchthonhaus*, em Bretten, cidade natal do Reformador, sobre a importância de Melanchthon na Europa do século XVI, influências que iam à Inglaterra, Itália, Escandinávia, França, Hungria, Boêmia e Morávia e que se manifestam em suas milhares de cartas.<sup>295</sup> G. Wartenberg fala do papel de Melanchthon como reformador de Wittenberg ao lado de Lutero, e como sua contribuição trouxe grandeza intelectual ao movimento.<sup>296</sup> Entre outros artigos sobre pontos menores e específicos se destacam ainda um artigo de C. Arand sobre a formação do texto da Apologia da Confissão por Melanchthon, constantemente retrabalhado por ele,<sup>297</sup> um texto de R. Keen sobre o relacionamento do reformador com seus opositores católico-romanos<sup>298</sup> e um de M. Aune sobre culto cristão.<sup>299</sup>

<sup>289</sup> STUPPERICH, R., *Der Unbekannte Melanchthon*. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1961.

<sup>290</sup> STUPPERICH, R., *Melanchthon, the Enigma of the Reformation*. Cambridge: James Clarke & Co., 1965 (republicado em 2006).

<sup>291</sup> ROGNESS, M., *Philip Melanchthon, Reformer Without Honor*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1969.

<sup>292</sup> SCHEIBLE, H., *Melanchthon, Eine Biographie*. München: C. H. Beck, 1997.

<sup>293</sup> SCHÜLER, A., *Filipe Melanchthon, Nascido para o Diálogo*, p. 7-8. SCHEIBLE, H., *Fifty Years of Melanchthon Research*, p. 167.

<sup>294</sup> “Nascemos para o diálogo, para a comunicação” RHEIN, S. Melanchthon at the Dinner Table. In: *Lutheran Quarterly* 12 (1997), p. 457.

<sup>295</sup> RHEIN, S., The Influence of Melanchthon on Sixteenth Century Europe. In: *Lutheran Quarterly* 12 (1997), p. 383-394.

<sup>296</sup> WARTENBERG, G. Philip Melanchthon, the Wittenberg Reformer alongside Luther. In: *Lutheran Quarterly* 12 (1997), p. 373-382.

<sup>297</sup> ARAND, C. The Texts of the Apology of the Augsburg Confession. In: *Lutheran Quarterly* 12 (1997), p. 461-484.

<sup>298</sup> KEEN, R., *Melanchthon and his Roman Catholic Opponents*, p. 419-429.

<sup>299</sup> AUNE, M. “A Heart Moved”: Philip Melanchthon’s Forgotten Truth about Worship. In: *Philip Melanchthon then and Now (1497-1997)*. Editado por S.H. Hendrix e T. Wengert. Columbia: Lutheran Theological Southern Seminary, 1999, p. 75-98.

No ano de 1999, é publicada uma coleção de ensaios promovida por uma associação englobando três seminários luteranos, na qual procuram ressaltar a importância de Melanchthon. Os artigos são produto de uma celebração ocorrida no outono de 1997 em todos os três seminários. Eles procuram dissolver os estereótipos do reformador, acessar a sua contribuição para a igreja hoje, a ênfase retórica em sua teologia, essencialmente prática, a sua contribuição para a área da homilética, além de sua imagem entre luteranos do século XIX. Aliás, o tributo é prestado ao outro reformador de Wittenberg especialmente pelo fato de sua imagem ter sido tão desfigurada no século XX. Como diz no prefácio:

Melanchthon[...] recebeu diversas celebrações em seu 400º aniversário, em 1897. Cem anos depois, é justo dizer, pelo menos neste país, que Melanchthon não ganhou em estatura ao ficar cem anos mais velho. Se algo, ele perdeu algo do seu brilho para a renascença de Lutero do século vinte e à reemergência, em alguns locais, do confessionalismo luterano. Velhos estereótipos de Melanchthon também reemergiram, ou talvez nunca tenham sido afogados em primeiro lugar. Este descaso demonstra que uma reconstrução histórica honesta é necessária em cada geração. Quanto a Melanchthon, esta tarefa consiste em perguntar e respeitar quem ele realmente foi, e honrar as suas essenciais contribuições para a tradição luterana e para o cristianismo em um contexto norte-americano e ecumênico mais amplos.<sup>300</sup>

Outro periódico luterano americano também dedicou um número inteiro a Melanchthon, o *Concordia Journal*, em 1997. Os artigos são equilibrados e procuram ressaltar a importância do reformador, deixando de lado qualquer ranço teológico quanto à imagem e contribuição do reformador. Nele encontra-se um artigo de M. Wriedt que aborda Melanchthon como um homem do século XVI, em suas variadas atividades reformatórias, profissionais e pessoais.<sup>301</sup> De especial interesse são os dois artigos de R. Kolb, um falando do reformador e teólogo<sup>302</sup> e

<sup>300</sup> WENGERT, T. J., HENDRIX, S. H. (ed.), *Philip Melanchthon Then and Now (1497-1560)*, Columbia: Lutheran Theological Southern Seminary, 1999, p. 5. Se destacam neste volume o bastante citado artigo de T. J. Wengert *Beyond Stereotypes: The Real Philip Melanchthon* e o de W. Bouman, que defende uma ideologia eclesial bastante favorável ao ecumenismo como demonstrado nos acordos de comunhão realizados por igrejas protestantes norte-americanas no final do século XX, em BOUMAN, W. R. Melanchthon's Significance for the Church Today. In: *Philip Melanchthon then and Now (1497-1997)*. Editado por S.H. Hendrix e T. Wengert. Columbia: Lutheran Theological Southern Seminary, 1999, p. 33-55.

<sup>301</sup> WRIEDT, M., *Between Angst and Confidence: Melanchthon as a Man of the Sixteenth Century*, p. 277-294.

<sup>302</sup> KOLB, R., *Philip Melanchthon: Reformer and Theologian*, p. 309-316.



outro dissecando a própria estrutura da principal obra teológica de Melanchthon, o *Loci Communes*.<sup>303</sup>

Do final do século XX, início do XXI, um pesquisador norte-americano se distingue pelo estudo continuado e aprofundado do outro reformador de Wittenberg. Seu nome é Timothy J. Wengert. Dois de seus livros fizeram grandes contribuições para uma melhor compreensão do papel da lei na teologia luterana conforme desenvolvida por Melanchthon no final da década de 1520.<sup>304</sup> Seus artigos, abrangentes e profundos, tratam de diversos temas na pesquisa de Melanchthon: os estereótipos de sua imagem, seus comentários bíblicos, seu uso da patrística, seu interesse em história e política, a conversão e seus relacionamentos com personalidades muito importantes da Reforma, como Erasmo, Lutero e Calvino.<sup>305</sup>

E no Brasil? Bem, por aqui estudos sobre Melanchthon são raríssimos.<sup>306</sup> Em 1997 duas revistas luteranas dedicaram algumas de suas páginas a ele. Uma delas, *Estudos Teológicos*, publicou dois artigos, um no qual se condensa a teologia e a contribuição de Melanchthon, num apanhado geral que foi, na verdade, uma palestra apresentada no primeiro Encontro Luterano de Estudos Teológicos sob o tema “Melanchthon – vida e obra”, realizado em setembro de 1997.<sup>307</sup> A outra também é baseada numa palestra, apresentada na Escola Superior de Teologia, de São Leopoldo/RS em agosto de 2007, feita por palestrante estrangeiro, abordando a importância de Melanchthon para as igrejas da Reforma.<sup>308</sup> A outra revista, *Igreja Luterana*, dedica cerca de 15 páginas para lembrar-se da contribuição de Melanchthon e de sua ênfase no diálogo, num artigo escrito pelo tradutor para o português dos escritos de Melanchthon

<sup>303</sup> KOLB, R., *The Ordering of the Loci Communes Theologici: The Structuring of the Melanchthonian Dogmatic Tradition*, p. 317-337.

<sup>304</sup> WENGERT, T. J., *Law and Gospel: Philip Melanchthon's Debate with John Agricola of Eisleben over Poenitentia*. Grand Rapids: Baker Book House, 1997. Também WENGERT, T. J., *Human Freedom, Christian Righteousness: Philip Melanchthon's Exegetical Dispute with Erasmus of Rotterdam*. New York: Oxford, 1998.

<sup>305</sup> Em 2010 foi publicado uma coleção de seus ensaios publicados entre 1991 e 2008: WENGERT, T. J., *Philip Melanchthon, Speaker of the Reformation: Wittenberg's Other Reformer*. Burlington: Ashgate Publishing, 2010.

<sup>306</sup> Na América Latina, a voz solitária que se encontrou foi a de A. Zorzín em seu biográfico ensaio ZORZIN, A., *Felipe Melanchthon (1497-1560): el Reformador Laico*, p. 193-223. Porém, ele próprio admite que seu interesse por Melanchthon foi despertado indiretamente, uma vez que o seu foco de pesquisa era Tomás Muntzer, cf. p. 193, n. 1.

<sup>307</sup> RIETH, R., *O Pensamento Teológico de Felipe Melanchthon (1497-1560)*, p. 223-235.

<sup>308</sup> ENGELHARDT, K. Felipe Melanchthon e sua importância para as igrejas da Reforma. In: *Estudos Teológicos* 37 (1997), p. 236-242.

presentes no livro de Concórdia.<sup>309</sup> Porém, o próprio autor reconhece que teve a ideia de escrever sobre o reformador de última hora.<sup>310</sup>

E nesse contexto de escassez de obras em língua portuguesa que uma se destaca, na qual é analisada a contribuição de Melanchthon à Reforma Protestante e seu relacionamento com Lutero. Trata-se, na verdade, de um capítulo de um livro de H. Junghans, no qual ele avalia o tratamento dado a Melanchthon e procura resgatar a contribuição dele à causa reformatória. O único porém é que é difícil de adivinhar que tal capítulo esteja neste livro, uma vez que seu título é “Temas da Teologia de Lutero”.<sup>311</sup> Junghans, todavia, destaca a visão que o próprio Lutero tinha de Melanchthon, considerando-o um parceiro, um “sócio”, no empreendimento da Reforma. Lutero não o considerava como alguém subserviente a ele ou dependente, mas como um colaborador ativo e importante no movimento reformatório.<sup>312</sup>

Antes de emitir o seu juízo sobre Melanchthon, ele reconhece a diversidade no que se refere aos juízos sobre o reformador, elencando nada menos do que vinte e um deles diferentes, que retratam aspectos de sua multifacetada atividade.<sup>313</sup> Quando, por fim faz a sua própria avaliação, identifica Melanchthon como o “secretário teológico” da Reforma. Ele faz questão de qualificar esta sua concepção, ressaltando que ele não era um secretário no sentido que fazemos desta palavra hoje, como alguém que anota as decisões de outras pessoas, as organiza e divulga, mas como um “chefe de secretaria de Estado ou ministério”. Esta designação leva em conta a sua contribuição no sentido de direcionamento dado à confissão de fé evangélica, como por exemplo nos *Artigos de Visitação* e na *Confissão de Augsburgo*, sobre os quais Junghans discute a autoria e a

<sup>309</sup> SCHÜLER, A., *Filipe Melanchthon, Nascido para o Diálogo*, p. 7-24.

<sup>310</sup> “Em vez de gizar sua história, deveria, pelo menos, solicitar que lhe sejam dadas todas as páginas desta edição da revista. Acontece que o tempo disponível obriga a sinoptizar o assunto. É que a ideia de escrever algo sobre Melanchthon neste número surgiu pouco antes do prazo final para a entrega do datiloscrito. Resulta que o trabalho se encontra *in statu nascendi*.” *Ibid.*, p. 7.

<sup>311</sup> JUNGHANS, H. *Temas da Teologia de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

<sup>312</sup> *Ibid.*, p. 164, especialmente n. 142.

<sup>313</sup> “Humanista, humanista bíblico, gramático e tradutor, helenista, filósofo, naturalista, erudito universal de abrangência poli-histórica, biógrafo, pedagogo, *praeceptor Germaniae*, educador popular humanista, diretor de ensino, publicista científico, diplomata teológico ou político, cristão leigo de formação humanista, reformador, sistemático da Reforma, conselheiro teológico, serviçal instruído e responsável de seu senhor territorial, porta-voz erudito dos protestantes, doutor da Igreja ou o que quer que seja”. JUNGHANS, H. *Temas da Teologia de Lutero*, p. 161-162.

contribuição de Melanchthon, o qual implica não apenas compilação do trabalho de outros, mas atividade original própria e relevante.<sup>314</sup>

Quanto ao reduzido número de pesquisadores de Melanchthon no mundo, Wengert já se expressou, lamentando o pouco interesse sobre a vida e a obra do reformador, especialmente em comparação com o número de estudiosos da vida e da obra de Erasmo de Roterdã:

Na verdade, há uma Melanchthonhaus em sua cidade natal de Bretten e um museu em sua antiga casa em Wittenberg. Contudo, as formigas acadêmicas vasculhando os restos do *corpus* de Erasmo são muito mais numerosas e ofuscam as poucas almas bravas o suficiente para se orgulharem de seu conhecimento de Melanchthon. Eu poderia receber todos os estudiosos de Melanchthon do mundo em minha mesa de jantar na Filadélfia e ainda haveria lugar para Elías.<sup>315</sup>

Já no Brasil, onde o interesse parece ainda ser quase inexistente, pelo menos o fogo já foi aceso para começar a preparar o jantar! Esperamos que sejam necessárias várias cadeiras!

---

<sup>314</sup> JUNGHANS, H. *Temas da Teologia de Lutero.*, p. 167. Na nota 155: “A denominação ‘chefe de secretaria de Estado ou ministério’ inclui atividade concepcional, co-responsabilidade pela respectiva área específica e, além disso, a possibilidade de representá-la”.

<sup>315</sup> WENGERT, T. J., *Famous Last Words: The Final Epistolary Exchange between Erasmus of Rotterdam and Philip Melanchthon in 1536*, p. 18.

## 5 Conclusão

Ao chegar-se ao final da dissertação sobre um personagem tão multifacetado como Filipe Melanchthon, é claro que muitas coisas ainda poderiam ser ditas. Seu campo de conhecimento e espectro de ação dentro da Reforma Protestante na Alemanha, e na Europa, foram enormes. Suas contribuições não foram apenas teológicas, mas filosóficas e educacionais também. Seu envolvimento no movimento reformatório contribuiu para que fincasse raízes na Alemanha. O objetivo foi trazer à luz da pesquisa acadêmica teológica um personagem histórico de grande estatura, mas que é colocado de lado por julgamentos de valor e por abordagens simplistas que equacionam o movimento reformatório luterano àquilo que Martinho Lutero fez e escreveu e nas quais a validade das contribuições é verificada a partir da conformidade ou não com Lutero. A reforma eclesiástica do século XVI teve várias vertentes, com ênfases e métodos de ação diferentes. Numa análise mais detalhada, mesmo estas vertentes em si apresentam divergentes abordagens e contribuições. Entender os eventos históricos somente como um fluxo de acontecimentos em linha contínua, sem levar em conta as contribuições paralelas e a complexidade do contexto pode até vir a servir para os manuais de história, para uma visão panorâmica, mas não para aquele que procura aprofundar-se academicamente e, especialmente, aquele que procura dialogar teologicamente com diferentes tradições e também transdisciplinarmente.

Buscar sondar as dessemelhanças, as incongruências, os pontos de conflito faz com que a autoconsciência se expanda, possibilitando um melhor conhecimento de si mesmo, e possibilita uma abertura mais autêntica ao outro. A tradição protestante foi plural desde o seu início e explorar essa pluralidade abre

horizontes para uma melhor compreensão da realidade eclesial, com suas várias ênfases e nuances e traz melhores perspectivas para o diálogo ecumênico.

Por isso, é salutar que se busque acessar a contribuição de personagens históricos com mais simpatia, sem permitir que pré-conceitos, ideologias e abordagens programáticas deformem o olhar. É claro que uma abordagem absolutamente isenta de subjetividade é impossível, mas também não é preciso olhar para a história eclesiástica e buscar rotular os personagens como mocinho e bandido, aliado ou traidor, herético ou confessor.

Dessa forma, foi muito importante que, antes de se focar a historiografia de Filipe Melanchthon, fosse feita uma retomada de sua vida, carreira e obra, e de sua estreita colaboração com Lutero, sem se esquecer de mencionar os pontos de aparente conflito e tensão. Claro que não foi uma biografia exaustiva, mas através do que se narra no primeiro capítulo, é possível ter uma boa idéia de quem foi Melanchthon.<sup>316</sup> Como não há qualquer biografia disponível sobre o reformador em língua portuguesa, o capítulo inicial se torna uma fonte de pesquisa e também modesto estímulo para que mais pesquisas relacionadas à sua vida e obra sejam feitas em língua portuguesa.

Além disso, devido à sua contribuição na construção e sistematização da teologia reformatória de Wittenberg, a apresentação de sua teologia a partir do *Loci Communes* de 1521 adquire um valor especial. É o primeiro manual sistemático do movimento protestante e também apresenta a contribuição original de Melanchthon ao pensamento luterano, especialmente nas edições posteriores. A partir daí também se torna possível avaliar as mudanças e os rumos que o movimento e a mensagem reformatória seguiram, revelando que o

---

<sup>316</sup> Por exemplo, não discutimos a influência e importância da astrologia no pensamento de Melanchthon, um ponto que traz certo dissenso entre os pesquisadores do tema, uma vez que a astrologia em nosso tempo goza de má reputação, como sendo algo ligado à superstição e engodo, e também Lutero não se interessava por ela, mas que no contexto do século XVI tinha uma concepção e abordagem diferentes. Para uma discussão sobre a importância e atenção que se dava à astrologia em Wittenberg, especialmente Melanchthon ver METHUEN, C. The Role of the Heavens in the Thought of Philip Melanchthon. In: *Journal of the History of Ideas* 57 (1996), p. 385-403 e BROSEDER, C. The Writing in the Wittenberg Sky: Astrology in Sixteenth-Century Germany. In: *Journal of the History of Ideas* 66 (2005), p. 557-576. Outro ponto que mereceria ser tratado com mais detalhe é o desenvolvimento dos textos confessionais por parte de Melanchthon ao longo dos anos, levando-se em conta que não eram considerados como definitivos e intocáveis, mas sujeitos a desenvolvimentos e aprimoramentos. O artigo de Charles Arand, por exemplo, é uma boa exposição do assunto a partir do texto da Apologia da Confissão de Augsburgo por Filipe Melanchthon. Cf. ARAND, C. The Texts of the Apology of the Augsburg Confession. In: *Lutheran Quarterly* 12 (1997), p. 461-484.

amadurecimento teológico levou Melanchthon a se preocupar mais e mais com uma eclesiologia distintiva da de Roma. Ainda, as diversas edições da obra, com suas alterações, na verdade melhoramentos, antes de serem motivos de crítica e suspeita, deveriam ser razões para se enaltecer a contribuição de Melanchthon, que entendia que as doutrinas da Igreja necessitam constantemente de revisão e adaptação, não para se conformarem ao espírito da época, mas para comunicarem melhor e eficazmente a mensagem de um Deus que vai em busca de suas criaturas.

Por fim, a controvérsia quanto ao papel e a contribuição de Melanchthon, apresentada no capítulo final, não foi solucionada, mas foram apresentados os seus principais contornos e procurou-se trazer elementos para que o descrédito em campos luteranos possa ser reavaliado e também o interesse em outros campos eclesiásticos seja despertado em face de uma figura tão complexa. Dizer que Melanchthon errou e não deveria ter feito o que fez não parece ser correto, pois conta com a vantagem do ponto de vista histórico de quem já sabe quais foram as consequências. Além disso, também depende da interpretação que se faz dessas consequências. Se elas forem consideradas negativas, é claro que qualquer contribuição que fizer, ainda que positiva, sofre o risco de ser desprezada ou ter sua importância diminuída. É difícil de entender como um personagem tão central na Reforma, um ator que esteve presente praticamente em todos os debates eclesiásticos de sua época e ao seu alcance seja tão esquecido e caia numa obscuridade tão densa.

Dizer que ele deveria ter feito diferente é fácil. Aliás, é muito fácil profetizar o passado, dizer que se isso ou aquilo fosse feito, então se teria um melhor resultado. Melanchthon buscou fazer aquilo que entendia ser melhor para a causa reformatória na Alemanha em seu tempo, tanto quando da dieta de Augsburg quanto na questão dos *Íterins*. Além do mais, dizer que ele era tímido e medroso, vacilando quanto a que posição tomar, também é leviano e não leva em consideração a sua coragem e ousadia de professar aquilo que entendia ser certo. Também não reconhece o seu agudo discernimento de que confessar aquilo que se acredita não impossibilita de se ouvir aquilo que os outros dizem.

Seria Melanchthon um traidor da Reforma Luterana na Alemanha? Dificilmente. Como foi visto, em nenhum momento Martinho Lutero o acusou de deformar a teologia reformatória e não há quebra no relacionamento dos dois em

qualquer época. Creditar isso a “amizade” entre os dois parece ser uma atitude muito simplista e emocional. Melanchthon também teve diversos convites e oportunidades para deixar Wittenberg, mas não o fez, pois se via comprometido com a causa da Reforma. Seu humanismo não o fez romper secretamente com Lutero em favor de uma amizade com Erasmo, mas foi colocado sempre em serviço da causa da Reforma e da educação. Aliás, é salutar lembrar que Lutero também aprendeu de Melanchthon, que o aprendizado entre os dois foi recíproco.<sup>317</sup> Psicologizar o relacionamento dos dois resulta em perda na investigação acadêmica, especialmente no que tange à pluralidade do movimento reformatório na Europa, sobretudo na Alemanha. Considerar os muitos contatos eclesiais do outro reformador de Wittenberg em diferentes frentes (católicos, zuínglios, reformados na Suíça, luteranos no sul da Alemanha) como algo que demonstra sua insegurança, como característica de alguém que está disposto a capitular sua posição diante do argumento do adversário, contradiz a realidade dos fatos de alguém que ficou até o fim firmado na causa reformatória, ajudando a liderar o movimento luterano a partir de Wittenberg, com vistas à unidade da Igreja cristã.

A historiografia de Filipe Melanchthon tem sido bastante pendular. Certamente que o otimismo do século XIX nos Estados Unidos quanto à sua pessoa e contribuição, frequentemente reavivado ao longo do século XX e contemporaneamente, carece de substância e prejudica o seu estudo acadêmico, pois em busca do desejo de unificar o plural pensamento protestante norte-americano, acaba não levando em conta a realidade histórica de Melanchthon e o teor de suas contribuições. O exemplo do “Sínodo de Melanchthon” é emblemático e pode servir à época contemporânea. Não se precisa de um ícone do ecumenismo, de uma figura apenas que seja o ideal a direcionar para uma união ou comunhão a qualquer custo. Se for assim, é melhor deixá-lo empoeirado num passado distante. O que se pode realmente extrair de um personagem como Melanchthon é sua disposição para o diálogo. Porém dialogar não é ceder ou concordar para agradar o outro, e sim buscar terreno comum no qual se possa construir algo frutífero. Neste contexto, sua *moderatio* poderia ser melhor avaliada, não como fraqueza, mas como tática de aproximação, como o esforço

<sup>317</sup> RIETH, R. W., *O Pensamento Teológico de Filipe Melanchthon (1497-1560)*, p. 224. WENGERT, T. J., *Melanchthon and Luther/Luther and Melanchthon*, p. 85.

necessário para refletir sobre as razões de sua própria posição (pessoal, confessional, institucional) e sobre o que os outros pensam. Como coloca Rieth no final de seu artigo, especialmente enfocando a realidade das duas denominações luteranas no Brasil no final do século passado:

Em mais de 90 anos de convivência entre a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), diversas vezes tentamos imitar um Lutero imaginário, abrindo picadas, devastando e levando tudo de roldão, até mesmo quando nada mais havia para desmatar. Talvez o mais adequado seja semear e irrigar com calma e satisfação, assim como o mestre Filipe.<sup>318</sup>

Ao mesmo tempo, uma análise demasiadamente crítica e depreciativa de sua contribuição à Reforma na Alemanha, evidenciada em diversos momentos em sua historiografia, impossibilita a apreciação do teólogo Melanchthon, que se envolveu voluntária e ativamente na causa da Reforma, e não a contragosto ou forçadamente. Vê-se nele, além disso, um teólogo que está preocupado e se interessa por áreas do conhecimento que vão além do conhecimento teológico propriamente dito, abraçando o mundo como criação de Deus a ser pesquisada, conhecida e valorizada. Nele o amor pela teologia está diretamente ligado ao amor pelo mundo criado por Deus. Por isso, seu espectro de conhecimento é vastíssimo e, por que não dizer, interdisciplinar. Além de seu interesse por teologia, filosofia e retórica, ele também se interessava por literatura e história. Nele se evidencia que é impossível amar a Deus e não amar o seu mundo e suas criaturas. Em sua teologia se apresenta um otimismo sadio, resultante da percepção do amor de Deus revelado na ordem do mundo natural e na sua Palavra.

Também se destaca o fato de Melanchthon ter reconhecido muito cedo o processo de “helenização do cristianismo”,<sup>319</sup> com suas influências neoplatônicas de divisão de corpo e alma. Ainda que de forma germinal, a partir de uma perspectiva atual, ele parece buscar uma abordagem holística do ser humano, que se evidencia em sua concepção de pecado e que vai ter repercussões em sua concepção de justificação-salvação. Seria interessante explorar esse trilha de pensamento, especialmente a partir da denúncia feita por teólogos contemporâneos do dualismo antropológico, herdado de Platão, reforçado pelo

<sup>318</sup> RIETH, R. W., *O Pensamento Teológico de Filipe Melanchthon (1497-1560)*, p. 235.

<sup>319</sup> *Ibid.*, p. 228.



pensamento cartesiano, que influencia nocivamente a compreensão teológica de ser humano nas mais diferentes tradições eclesiais e que, conseqüentemente, se manifesta numa práxis desumanizada.<sup>320</sup>

Ainda, dentre os reformadores, ele é o que melhor procura sintonizar a teologia da salvação com a teologia natural, ainda que de forma limitada. Seu interesse em apresentar a lei natural e entendê-la como aspecto básico e comunal da vivência humana em sociedade vai neste sentido. Como frisa Pena Búa, também pode ter contribuições para o diálogo ecumênico atual, especialmente no que tange o diálogo entre as religiões, fornecendo, ao menos para partidários do luteranismo, uma base a partir da qual discutir questões e problemas de nível global:

Melanchthon esclareceu com sua filosofia teológica a intenção de unir a teologia natural aos esforços da teologia reformadora. Pode-se entender estes esforços como um esforço para fixar novas relações entre a teologia da salvação e a teologia da criação e, para alcançá-lo se baseia em uma teologia filosófica; ou seja, apesar da absoluta primazia da salvação sobre a teologia da criação, reconheceu a racionalidade de uma teologia filosófica; ao menos na figura de Melanchthon se mostra o centro da Reforma aberto ao ecumenismo como se sugere nos debates atuais.<sup>321</sup>

Outras questões interessantes no estudo da pessoa e obra de Melanchthon, todas elas merecedoras de futuras pesquisas sobre o reformador, são elencadas de forma sucinta por Steinmetz:

Se, por outro lado, é possível acreditar que a Reforma tenha assumido uma pluralidade de formas legítimas, então se deve salientar que Melanchthon desempenhou uma série de serviços importantes para o lado luterano. Melanchthon manteve vivo entre os luteranos *uma preocupação ecumênica e visão para a unidade da igreja de Cristo*, que foi frequentemente obscurecida por outros luteranos em suas batalhas por pureza confessional. Além disso, ele atentou para o *ensino dos Padres [da Igreja]* e tentou incorporar os “insights” deles dentro do ensino da igreja luterana. Finalmente, ele concedeu *espaço para as questões da razão e da filosofia*, que poderiam ser colocadas de lado por um tempo por uma figura profética como Lutero, mas que viriam, em algum momento, – talvez pelas

<sup>320</sup> Uma excelente abordagem do problema que o dualismo antropológico traz para a antropologia teológica se encontra em RUBIO, A. G. *Unidade na Pluralidade*. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2011, p. 95-113.

<sup>321</sup> PENA BÚA, P. *La Teologia Natural em Felipe Melanchthon*, p. 383.

mãos de teólogos bem menos capazes – a ter sua importância restabelecida para a igreja.<sup>322</sup>

Não se exige para Melanchthon o papel principal ou todos os holofotes. O que se solicita, apenas, é que ele venha a receber um papel melhor elaborado, mais condizente com sua atuação e real contribuição para a causa reformatória no século XVI e para a história da igreja. E que estando presente e atuante na reflexão teológica, ele inspire ao labor teológico produtivo, em favor da compreensão histórica do ser igreja na contemporaneidade, beneficiando, consequentemente, todo o povo de Deus.

---

<sup>322</sup> STEINMETZ, D. C., *Reformers in the Wings: from Geiler von Kaysersberg to Theodore Beza*, 2<sup>a</sup> ed. New York: Oxford University Press, 2001, p. 56-57. Itálico adicionado.

ALBRECHT, P.S. Felipe Melanchton e a Experiência da Reforma Protestante: Caminhos e Descaminhos. In: *Atualidade Teológica* 39 (2011), p. 544-554.

ARAND, C. The Texts of the Apology of the Augsburg Confession. In: *Lutheran Quarterly* 12 (1997), p. 461-484.

AUNE, M. “A Heart Moved”: Philip Melanchthon’s Forgotten Truth about Worship. In: *Philip Melanchthon Then and Now (1497-1997)*. Editado por S.H. Hendrix e T. Wengert. Columbia: Lutheran Theological Southern Seminary, 1999, p. 75-98.

BAYER, O. Philip Melanchthon. In: *Pro Ecclesia*, 18 (2009), p. 134-161.

BETTENSON, H. *Documentos da Igreja Cristã*. São Paulo: ASTE, 1967.

BOOK OF CONCORD: *The Confessions of the Evangelical Lutheran Church*. KOLB, R.; WENGERT, T. J. (ed). Minneapolis: Fortress Press, 2000.

BOUMAN, W. R. Melanchthon’s Significance for the Church Today. In: *Philip Melanchthon Then and Now (1497-1997)*. Editado por S.H. Hendrix e T. Wengert. Columbia: Lutheran Theological Southern Seminary, 1999, p. 33-55.

BREEN, Q. The Terms “Loci Communes” and “Loci” in Melanchthon. In: *Church History*, 16 (1947), p. 197-209.

BROSSEDER, C. The Writing in the Wittenberg Sky: Astrology in Sixteenth-Century Germany. In: *Journal of the History of Ideas* 66 (2005), p. 557-576.

CAEMMERER, R. R. The Melanchthonian Blight. In: *Concordia Theological Monthly* 18 (1947), p. 321-338.

DELUMEAU, J. *Nascimento e Afirmação da Reforma*. São Paulo: Pioneira, 1989.

DOWLEY, T. (ed). *Introduction to the History of Christianity*. Minneapolis: Fortress Press, 2002.

DULLES, A. The Catholicity of the Augsburg Confession. In: *The Journal of Religion* 63 (1983), p. 337-354.

ENGELHARDT, K. Filipe Melanchthon e sua importância para as igrejas da Reforma. In: *Estudos Teológicos* 37 (1997), p. 236-242.

EVANS, G. R. Sancta Indifferentia and Adiaphora. In: *Common Knowledge* 15 (2008), p. 23-38.

FRAENKEL, P. Ten Questions Concerning Melanchthon, the Fathers and the Eucharist. In: *Luther and Melanchthon in the History and Theology of the Reformation*. Editado por V. Vajta. Göttingen: Vanderhoeck & Ruprecht, 1961, p. 146-164.

GONZALEZ, J. *The Story of Christianity: Volume 2*. Peabody: Prince Press, 1985.

GREEN, L. The Influence of Erasmus upon Melanchthon, Luther and the Formula of Concord in the Doctrine of Justification. In: *Church History* 43 (1974), p. 183-200.

HÄGGLUND, B. *História da Teologia*. 6ª ed. Porto Alegre: Concórdia, 1999.

\_\_\_\_\_. Melanchthon versus Luther. In: *Concordia Theological Monthly* 44 (1980), p. 123-133.

HENDERSON, J. R. Erasmian Ciceronians: Reformation Teachers of Letter-Writing. *Rhetorica: A Journal of the History of Rhetoric* 10 (1992), p. 273-302.

HERR, S. The Image of Philip Melanchthon among 19th-century North American Lutherans (1850-1900). In: *Philip Melanchthon Then and Now (1497-1997)*. Editado por S.H. Hendrix e T. Wengert. Columbia: Lutheran Theological Southern Seminary, 1999, p. 57-74.

HILDEBRANDT, F. *Melanchthon: Alien or Ally?* Cambridge: Cambridge, 1946.

JEDIN, H. *Manual de la Historia de la Iglesia: Volume 5*. 2ª ed. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

JUNGHANS, H. *Temas da Teologia de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

KAUFMANN, T. "Our Lord God's Chancery" in Magdeburg and Its Fight against the Interim. In: *Church History* 73 (2004), p. 566-582.

KEEN, R. Melanchthon and his Roman Catholic Opponents. In: *Lutheran Quarterly* 12 (1998), p. 419-429.

\_\_\_\_\_. Political Authority and Ecclesiology in Melanchthon's "De Ecclesiae Autoritate". In: *Church History* 65 (1996), p. 1-14.

KOLB, R. The Sheep and the Voice of the Shepherd: The Ecclesiology of the Lutheran Confessional Writings. In: *Concordia Journal* 36 (2010), p. 324-341.

\_\_\_\_\_. Melancthonian Method as a Guide to Reading Confessions of Faith: The Index of the Book of Concord and Late Reformation Learning, In: *Church History*, 72 (2006), p. 504-524.

\_\_\_\_\_. Philip Melancthon: Reformer and Theologian. In: *Concordia Journal* 23 (1997), p. 309-316.

\_\_\_\_\_. The Ordering of the Loci Communes Theologici: The Structuring of the Melancthonian Dogmatic Tradition. In: *Concordia Journal* 23 (1997), p. 317-337.

\_\_\_\_\_. *Confessing the Faith: Reformers Define the Church, 1530-1580*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1991.

\_\_\_\_\_. Dynamics of Party Conflict in the Saxon Late Reformation: Gnesio-Lutherans vs. Philippists, In: *The Journal of Modern History* 49 (1977), p. D1289-D1305.

KOLB, R.; NESTINGEN, J. (ed.) *Sources and Contexts of the Book of Concord*. Minneapolis: Fortress Press, 2001.

LIVRO DE CONCÓRDIA: *As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*. Editado por D. Drehmer. 6ª ed. São Leopoldo e Porto Alegre: Sinodal e Concórdia, 2006.

LOHSE, B. Philipp Melancthon in seinen Beziehungen zu Luther. In: *Leben und Werk Martin Luthers von 1526 bis 1546*. Editado por Helmar Junghans. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1983.

LORTZ, J. *Historia de la Iglesia en la Perspectiva de la Historia del pensamiento*: Volume 2. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982.

LUEKER, E. Luther and Melancthon. *Concordia Theological Monthly* 31 (1960), p. 476-478.

LUTERO, M. *Obras Seleccionadas: Volume 2*. 2ª ed. São Leopoldo e Porto Alegre: Sinodal e Concórdia, 2000.

\_\_\_\_\_. *Obras Seleccionadas: Volume 4*. São Leopoldo e Porto Alegre: Sinodal e Concórdia, 1993.

\_\_\_\_\_. *Luther's Works: Volume 33*. Philadelphia: Fortress Press, 1972.

\_\_\_\_\_. *Luther's Works: Volume 38*. Philadelphia: Fortress Press, 1971.

\_\_\_\_\_. *Luther's Works: Volume 40*. Philadelphia: Fortress Press, 1958.

MANSCHRECK, C. *Melancthon: The Quiet Reformer*. New York: Abingdon, 1968.

\_\_\_\_\_. The Bible in Melanchthon's Philosophy of Education. In: *Journal of Bible and Religion* 23 (1955), p. 202-207.

MATHESON, P. (ed.). *The Collected Works of Thomas Müntzer*. Edinburgh: T&T Clark, 1994.

MAURER, W. *Der junge Melanchthon: zwischen Humanismus und Reformation*. 2 vols. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1967/1969.

MELANCHTHON, F. *Biblioteca da Escola Superior de Teologia H203-3/10A*. Manuscrito.

\_\_\_\_\_. *Commentary on Romans*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2010.

\_\_\_\_\_. *Orations on Philosophy and Education*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. *Corpus Reformatorum: Philippi Melanthonis opera quae supersunt omnia*. 28 volumes. Editado por C. G. Bretschneider e Heinrich Bindseil. Halle: A. Schwetschke & Sons, 1834-1860.

\_\_\_\_\_. *Loci Communes 1543*, St. Louis: Concordia Publishing House, 1992.

\_\_\_\_\_. *Lutero Visto por Um Amigo*. Porto Alegre: Concórdia, 1983.

\_\_\_\_\_. *Melanchthons Briefwechsel: Kritische und kommentierte Gesamtausgabe* editado por Heinz Scheible and Christine Mund. Stuttgart—Bad Cannstatt: Frommann—Holzboog, 1977—23 vols (até o momento).

\_\_\_\_\_. *Melanchthon: selected writings*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1962.

\_\_\_\_\_. *Melanchthons Werke in Auswahl [Studienausgabe]*. 7 volumes. Editado por Robert Stupperich. Gütersloh: Gerd Mohn, 1951-1975. 7 vols.

\_\_\_\_\_. *The Loci Communes of Philip Melanchthon: with a critical introduction by the translator (Traduzido por Charles Leander Hill)*. Boston: Meador Publishing Company, 1944.

METHUEN, C. The Role of the Heavens in the Thought of Philip Melanchthon. In: *Journal of the History of Ideas* 57 (1996), p. 385-403.

MEYER, C.S. Meyer. Melanchthon as Educator and Humanist. *Concordia Theological Monthly* 31 (1960), p. 533-540.

MUELHAUPT, E. Luther and Melanchthon: Die Geschichte einer Freundschaft. In: *Luther im 20. Jahrhundert*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1982.

NEUSER, W. H. *Luther und Melanchthon—Einheit im Gegensatz*. Munich: Kaiser, 1961.

OLIN, J. C. *The Catholic Reformation: Savonarola to Ignatius Loyola*. New York, Fordham University Press, 1992.

PAUCK, W., *Luther and Melanchthon*. In: *Luther and Melanchthon in the History and Theology of the Reformation*. Editado por V. Vajta. Göttingen: Vanderhoeck & Ruprecht, 1961, p. 146-164. p.

PELIKAN, J. *From Luther to Kierkegaard*. St. Louis: Concordia Publishing House, 1950.

PENA BÚA, P. La Teología Natural en Felipe Melanchthon. In: *Diálogo Ecuménico* 45 (2000), p. 375-383.

PIEPKORN, A. C. Melanchthon the Confessor. *Concordia Theological Monthly* 31 (1960), p. 541-546.

PREUS, R. Melanchthon the Theologian. *Concordia Theological Monthly* 31 (1960), p. 469-475.

RHEIN, S. Melanchthon at the Dinner Table. In: *Lutheran Quarterly* 12 (1997), p. 457-460.

\_\_\_\_\_. The Influence of Melanchthon on Sixteenth Century Europe. In: *Lutheran Quarterly* 12 (1997), p. 383-394.

RIETH, R. W. O Pensamento Teológico de Filipe Melanchthon (1497-1560). In: *Estudos Teológicos* 37 (1997), p. 223-235.

RICHARD, J. W. *Philip Melanchthon, the Protestant Preceptor of Germany*. New York: G. P. Putnam's Sons, 1898.

ROGNESS, M. *Philip Melanchthon, Reformer Without Honor*. Minneapolis: Augsburg, 1969.

RUBIO, A. G. *Unidade na Pluralidade*. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2011.

SASSE, H. *Isto é o meu corpo* 2ª ed. Porto Alegre: Concórdia, 2003.

SCHEIBLE, H. Fifty Years of Melanchthon Research. In: *Lutheran Quarterly* 26 (2012), p. 164-180.

\_\_\_\_\_. *Melanchthon, Eine Biographie*. München: C. H. Beck, 1997.

\_\_\_\_\_. Luther and Melanchthon. In: *Lutheran Quarterly* 4,(1990), p. 317-339.

SCHÜLER, A. Filipe Melanchton, Nascido para o Diálogo. *In: Igreja Luterana* 56 (1997), p. 7-24.

SCHURB, K. Twentieth-Century Melanchthon Scholarship and the Missouri Synod: With Particular Reference to Richard Caemmerer's "The Melanchthonian Blight". *In: Concordia Theological Quarterly* 62 (1998), p. 287-307.

SELLERS, I., Philip of Hesse (1504-1567), **In:** DOUGLAS, J. D. (ed.). *The New International Dictionary of the Christian Church*. 2<sup>a</sup> ed. Grand Rapids: Zondervan, 1978. p. 774-775.

STEINMETZ, D. C. *Reformers in the Wings: from Geiler von Kaysersberg to Theodore Beza*, 2<sup>a</sup> ed. New York: Oxford University Press, 2001.

\_\_\_\_\_. The Intellectual Appeal of the Reformation. *In: Theology Today* 57 (2001), p. 459-472.

STROHL, H. O Pensamento da Reforma. São Paulo: ASTE, 1963.

STUPPERICH, R. *Melanchthon, the Enigma of the Reformation*. Cambridge: James Clarke & Co., 1965 (republicado em 2006).

\_\_\_\_\_. *Der Unbekannte Melanchthon*. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1961.

TAPPERT, T. G. Melanchthon in America. **In:** *In: Luther and Melanchthon in the History and theology of the Reformation*. Editado por V. Vajta. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1961, p. 189-198.

THIELE, G. A. Melanchthon the Churchman. *Concordia Theological Monthly* 31 (1960), p. 479-481.

VERKAMP, B. J. The Limits upon Adiaphoristic Freedom: Luther and Melanchthon, *In: Theological Studies* 36 (1975), p. 52-76.

WALKER, W. *História da Igreja Cristã*: Volume 2. São Paulo: ASTE, 1967.

WARTENBERG, G. Philip Melanchthon, the Wittenberg Reformer alongside Luther. *In: Lutheran Quarterly* 12 (1997), p. 373-382.

WENGERT, T. J. Not by Nature Philoneikos: Philip Melanchthon's Initial Reactions to the Augsburg Interim. *In: Die Reaktionen auf das Interim von 1548*. Editado por I. Dingel e G. Wartenberg. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2007, p. 33-49.

\_\_\_\_\_. Famous Last Words: The Final Epistolary Exchange between Erasmus of Rotterdam and Philip Melanchthon in 1536. *In: Erasmus of Rotterdam Society Yearbook* 25 (2005), p. 18-38.

\_\_\_\_\_. Philip Melanchthon's Contribution to Luther's Debate with Erasmus over the Bondage of the Will. *In: By Faith Alone: Essays on Justification in*



*Honor of Gerhard O. Forde*. Editado por J.A. Burgess e M. Kolden. Grand Rapids: Eerdmans, 2004, p. 110-124.

\_\_\_\_\_. Luther and Melanchthon on Consecrated Communion Wine (Eisleben 1542-1543). In: *Lutheran Quarterly* 15 (2001), p. 24-42.

\_\_\_\_\_. Bearing Christ as Melanchthon's Contribution to the Book of Concord. *Lutheran Quarterly* 15 (2001), p. 396-416.

\_\_\_\_\_. Melanchthon and Luther/Luther and Melanchthon. In: *Luther-Jahrbuch* 66 (1999), p. 55-88.

\_\_\_\_\_. Beyond Stereotypes: The Real Philip Melanchthon. In: *Philip Melanchthon then and Now (1497-1997)*. Editado por S.H. Hendrix e T. Wengert. Columbia: Lutheran Theological Southern Seminary, 1999, p. 9-31.

\_\_\_\_\_. *Human Freedom, Christian Righteousness: Philip Melanchthon's Exegetical Dispute with Erasmus of Rotterdam*. New York: Oxford, 1998.

\_\_\_\_\_. *Law and Gospel: Philip Melanchthon's Debate with John Agricola over Poenitentia*. Grand Rapids: Baker Books, 1997.

\_\_\_\_\_. Philip Melanchthon's 1522 Annotations on Romans and the Lutheran Origins of Rhetorical Criticism. In: *Biblical Interpretation in the Era of the Reformation*. Editado por R.A. Muller e J. L. Thompson. Grand Rapids: Eerdmans, 1996, p. 118-140.

WRIEDT, M. Between Angst and Confidence: Melanchthon as a Man of the Sixteenth Century. In: *Concordia Journal* 23 (1997), p. 277-294.

ZORZIN, A. Felipe Melanchthon (1497-1560): el Reformador Laico. In: *Cuadernos de Teología* 17 (1998), p. 193-223.

\_\_\_\_\_. *Perspectivas Protestantes em la Historia: Ensaíos y Documentos: Martin Lutero, Felipe Melanchthon, Dietrich Bonhoeffer*. Buenos Aires: Edición del autor, 1997.

## **7**

### **Anexo**

#### Índice das Obras de Melancthon

Extraído de STUPPERICH, R. *Melancthon, the Enigma of the Reformation*.  
Cambridge: James Clarke & Co., 1965 (republicado em 2006), p. 172-175.

## Index of Melancthon's Writings

(The identification of writings is not exhaustive. English translations are listed where available. Otherwise the originals are cited, usually in the latest edition.)

### ABBREVIATIONS:

- BC – *Book of Concord*, ed. by T. E. Tappert (Philadelphia, 1959); ed. by H. E. Jacobs, 2 vols. (Philadelphia, 1882 f.)  
 CR – *Corpus Reformatorum, Ph. Melancthon's Opera*, ed. by Breitschneider and Bindseil, 28 vols. (Halle, 1834 ff.)  
 LCC – *Library of Christian Classics*, Vol. XIX: *Melancthon and Bucer* (Vol. in preparation, The Westminster Press)  
 LW – *Luther's Works* ("American Edition"), ed. by J. Pelikan and H. T. Lehmann (St. Louis and Philadelphia, 1955 ff.)  
 MW – *Melancthon's Werke in Auswahl* ("Student Edition"), ed. by R. Stupperich, 6 vols. (Gütersloh, 1951 ff.)  
 SM – *Supplementa Melancthoniana*, ed. by O. Clemen, 6 vols. (Leipzig, 1910 ff.)  
 UM – *Der Unbekannte Melancthon*, by R. Stupperich (Stuttgart, 1961)  
 WA – *Luthers Werke* ("Weimarer Ausgabe"), (Weimar, 1883 ff.)
- 1510 *Epicedion* (CR 10, 469), poem on Geiler's death, 12, 26  
 1517 *The Liberal Arts* (MW 3), 28  
 1518 *The Improvement of Studies* (MW 3), inaugural address, 32  
 1519 Letter to Oecolampadius (MW 1), on the Leipzig Debate, 37  
 1519 Defense against John Eck (MW 1), 37 f.  
 1519 Baccalaureate Thesis (MW 1), 39  
 1519 Preface to Luther's explanations of the Psalms (WA 5; CR 1, 70), 40 f.  
 1519 Preface to Luther's Galatians Commentary of 1519 (WA 2; CR 1, 121), 40, 45

172

### INDEX OF MELANCTHON'S WRITINGS

173

- 1519 *Three Books on Rhetoric* (cf. CR 13, 413), 44  
 1520 *Address on the Doctrine of St. Paul* (MW 1), 39  
 1520 Open Letter to John Hesh (MW 1), against Eck, appended to the "Address" above, 40  
 1520 *Brief Outline of Dialectics* (cf. CR 13, 507), 44  
 1520 *Theological Instruction* (CR 21, 49), on Romans, 45  
 1520 Wedding announcement to students (CR 1, 272), 62  
 1521 *Oration of Didymus Faustinus* (MW 1), 42  
 1521 *Locī Communes* (MW 2/1, tr. by HHL; tr. by Manschreck), 48 ff., 92  
 1521 *Defense against the Pseudo-Theologians of Paris* (MW 1), 52  
 1521 *Defense of Bartholomew Bernhardt* (CR 1, 425), on monastic vows, 53  
 1521 *Propositions on the Mass* (MW 1), during the Wittenberg disorders, 53  
 1521 Report of Wittenberg University to Elector Frederick (CR 1, 494), 54  
 1521 Letter to Capito (CR 1, 492), defending Luther, 55  
 1521 *Reflection on the Study of Theology* (CR 11, 42), 70  
 1522 Exposition of II Corinthians (MW 4), 57  
 1523 Exposition of John (CR 14, 1044), 57  
 1523-1524 *Handbook of the Elements of the Faith for Children* (SM 5/1), 75  
 1524 *True Judgment Concerning Luther's Doctrine* (MW 1), statement for Campesio, 63, 100  
 1524 *Outline of the Restored Evangelical Doctrine of the Church* (MW 1), statement for Philip of Hesse, 64  
 1525 *Against the Articles of the Peasants* (MW 1), 65  
 1525 Funeral Oration on Frederick the Wise (CR 11, 90), 72  
 1526 *History of Thomas Münzer*, in *D. Martin Luthers sämtliche Schriften*, ed. by Johann Georg Walch (St. Louis Ausgabe, 1907), XVI, 159-173, authorship uncertain, 58  
 1527 Exposition of Colossians (MW 4), 67, 93  
 1527 *Articles Guiding the Visitors in the Region of Saxony* (CR 26, 9), Latin Visitation Articles, 68  
 1527 *Several Sayings* (UM), catechetical work, 75  
 1527-1528 *Brief Exposition of the Ten Commandments, the Lord's Prayer, and the Creed* (SM 5/1), 75  
 1528 *Instruction to the Visitors* (MW 1; tr. in LW 40), German Visitation Articles, 73, 93  
 1528 *Judgment against the Anabaptists* (MW 1; tr. in BC-Jacobs, Vol 2), 59  
 1529 Preface to Commentary on Daniel (CR 1, 1051), appeal to

174	INDEX OF MELANCHTHON'S WRITINGS	175
1529	Archduke Ferdinand, 77, 79	<i>burg Confession, or The Saxon Confession</i> (MW 6), 180, 183, 147
1530	<i>Open Letter to Oecolampadius on the Lord's Supper</i> (MW 1), 78	<i>Examination of the Ordinands</i> (MW 6), 133, 147
1530	<i>Opinions of Several Ancient Authors Regarding the Lord's Supper</i> (CR 23, 783), 81	<i>Reply to the Book of the Rev. Andrew Osiander</i> (MW 6), 136
1530	<i>The Augsburg Confession</i> (Unaltered) (tr. in BC), 83 ff., 108, 112, 136, 151	1553 <i>Declaration Regarding the Doctrines of Stancar</i> (MW 6), 148
1531	<i>Apology of the Augsburg Confession</i> (tr. in BC), 89, 146, 151	1554 Memorandum on Osiandrianism (CR 8, 283), for the Naumburg Conference, 138
1532	Exposition of Romans, dedicated to Archbishop Albert (CR 15, 495; 2, 611), 93, 102	1557 <i>Opinion, Whether It is Advisable to Meet with the Papists in a Colloquy</i> (CR 9, 5), for the Evangelical Estates, prior to the Frankfurt Synod, 143
1532	Letter to Erasmus (CR 2, 617), 102	1557 Oration on Erasmus (CR 12, 264), 67
1535	<i>Loci Communes</i> (CR 21, 333), 93 ff.	1558 Reply to the Flacian <i>Weimar Confutation</i> (CR 9, 617), 143
1536	<i>Wittenberg Articles</i> (tr. in Jacobs, <i>Lutheran Movement in England</i> ), statement for English bishops, 96, 105	1558 <i>Replies to the . . . Bavarian Inquisition</i> (MW 6), 146
1536	<i>Wittenberg Concord</i> (tr. in Jacobs, ed. BC, Vol. 2), 106	1559 <i>Loci Praecipui Theologici</i> (MW 2/2), 147, 151
1537	"On the Ingratitude of the Cuckoo" (CR 11, 385), 97	1560 <i>Opinion on the Heidelberg Controversy over the Lord's Supper</i> (MW 6), 144
1537	<i>On the Power and Primacy of the Pope</i> (tr. in BC), 109	1560 <i>Corpus Doctrinae</i> (MW 6), compilation, 147
1539	<i>On the Church and the Authority of the Word of God</i> (MW 1), 110	1560 Letter to Duke Albert of Prussia, on the future of the Church (CR 9, 1095), 149
1539	Letter to King Sigismund of Poland (CR 3, 766), 112	1560 <i>Why You Should Not Fear Death</i> (CR 9, 1098), a note, 148
1539	Letter to Elector Joachim II of Brandenburg (CR 3, 844), 111	
1540	The Variata (Altered) Augsburg Confession (MW 6; tr. in Jacobs, ed. BC, Vol. 2), 99, 115, 118, 132, 146 ff.	
1540	<i>Consultation, Whether the Evangelical Princes Can Accept a Political Peace with the Bishops</i> (CR 3, 926), memorandum for Smalcald meeting of the Evangelical Estates, 112	
1540	<i>Protest to Emperor Charles, regarding the Colloquy at Worms</i> (CR 3, 1143), 114	
1541	Preface to his Collected Works (CR 4, 715), 29	
1541	Memorandum of the Evangelicals at Regensburg (CR 4, 849), 118	
1541	Opinion on the Colloquy at Regensburg (CR 4, 413), 118	
1545	"Wittenberg Reformation" (CR 5, 579), 119	
1546	Funeral Oration on Martin Luther (UM), 121	
1546	University's Reply to Elector John Frederick After Luther's Death (CR 6, 72), 121	
1546	<i>Reason Why the Estates Which Adhere to the Augsburg Confession . . . Intend to Persevere in It</i> (MW 1), 122	
1547	<i>Loci of Consolation</i> (CR 6, 483), 123	
1548	Memoranda on the <i>Augsburg Interim</i> (CR 6, 839 ff.), 125, 127	
1548	Reply to Carlowitz (CR 6, 879), 126	
1549	Answer to Aepinus Regarding Adiphora (CR 7, 366), 135	
1551	<i>Confession of the Saxon Churches</i> (= <i>Repetition of the Augs-</i>	